

A. III<sup>mos</sup> Sr. D. Antonio Carlos  
Ribeiro de Andr.<sup>es</sup> Machado e Sa  
ra offerece este livro em signa  
de sympathia e apreço

S. Paulo Junho  
de 1863

Luiz Ramos Siqueira

DALMO

OU

MYSTERIOS DA NOITE

POR

*Luiz Poamos Figueira,*

Bacharel em Bellas-Letras e Estudante do 4.<sup>o</sup> anno da  
Faculdade de Direito de S. Paulo.

---

S. PAULO

TYP. LITTERARIA.—RUA DO IMPERADOR N. 12.

1863.

4457

869.9349  
F475d

*As*

**ESTUDANTES DE S. PAULO**

O AUCTOR.

L

The manuscript is written in a cursive hand, and the text is arranged in several paragraphs. The ink is dark and the paper is aged and slightly yellowed. The handwriting is somewhat difficult to decipher due to its cursive nature and the fading of the ink in some places. The text appears to be a letter or a formal document, possibly related to the subject of the adjacent page.

## APRESENTAÇÃO.

Conheceis Dalmo ?

Nunca encontrastes n'essas bellas noites de luar, brancas de neblina, sempre depois de meia noite, um homem d'estatura gigantesca, trajado de preto, com um alto chapéu de feltro pardacento ? Elle tem um andar grave, nunca pára como o Ashwerus da lenda ?

Quando sabieis, por mais de um vez, de casa de vossa amante, trémulo ainda de seus beijos e furtando-vos ás vistas de algum indiscreto tresnoitado, não encontrastes aquelle vulto silencioso que se destacava da neblina como um batel no oceano, aquelle vulto que nem para vós olhava e passava indifferente ? Era Dalmo.

Quando, pallido da vigilia do baile, echoando-vos ainda aos ouvidos as ultimas juras da mulher que enlaçastes na walsa, sentindo a fragrancia das flôres já desbotadas, esqueceis pouco e pouco essas juras, essa musica, as flôres e essa mulher, vendo-as desfazer-se como um sonho, nunca deparastes com um homem que junto de vós passava com um sorriso estranho e que desvanecia as ultimas illusões ? Era Dalmo.

Quando em rápida carreira, em uma berlinda com alguns amigos e companheiros de prazeres, tendo entre vós um d'esses anjos decahidos que vendem os carinhos, e cujo primeiro beijo é a morte da primeira illusão; quando espumava o champagne em crystaes limpidos aos gritos da folia, não vistes passar um vulto taciturno que caminhava sempre e perdieis nas dobras do nevoeiro? Era Dalmo.

Quando ao som inebriante do violão, entoaveis esses canticos do amor nas serenatas, esses canticos que resumem em cada nota uma saudade à patria, aos pais, á amante auzentes; quando, com lagrimas do coração, mandaveis á lua um olhar e um suspiro, toda essa musica d'alma, não vieis passar esse mesmo homem, companheiro da solidão, suspirando tambem; e quem sabe, deixando correr uma lagrima sentida pelo pai, mãe, irmão ou amante? Era Dalmo.

Quando com a fronte escaudada e as faces afogueadas pelo delirio do jogo, sabindo ao receberdes a friagem da madrugada, não vieis passar esse mesmo vulto tão conhecido de vossos olhos e testemunha muda das diversas impressões da mocidade? Sim; vós o vistes e pensastes na amante e sonhastes na illusão do baile, e folgastes com a perdida, chorastes a auzencia das amadas creaturas, e esquecestes o pobre Dalmo que não perguntou o nome de vossa amante, não desfêz a illusão do baile, não pediu um lugar na berlinda e um cantico consolador ao seu soffrimento.

Não perguntou quem ereis, não tendes direito de indagar quem seja elle.

Eu mesmo que escrevo esta veridica historia não o

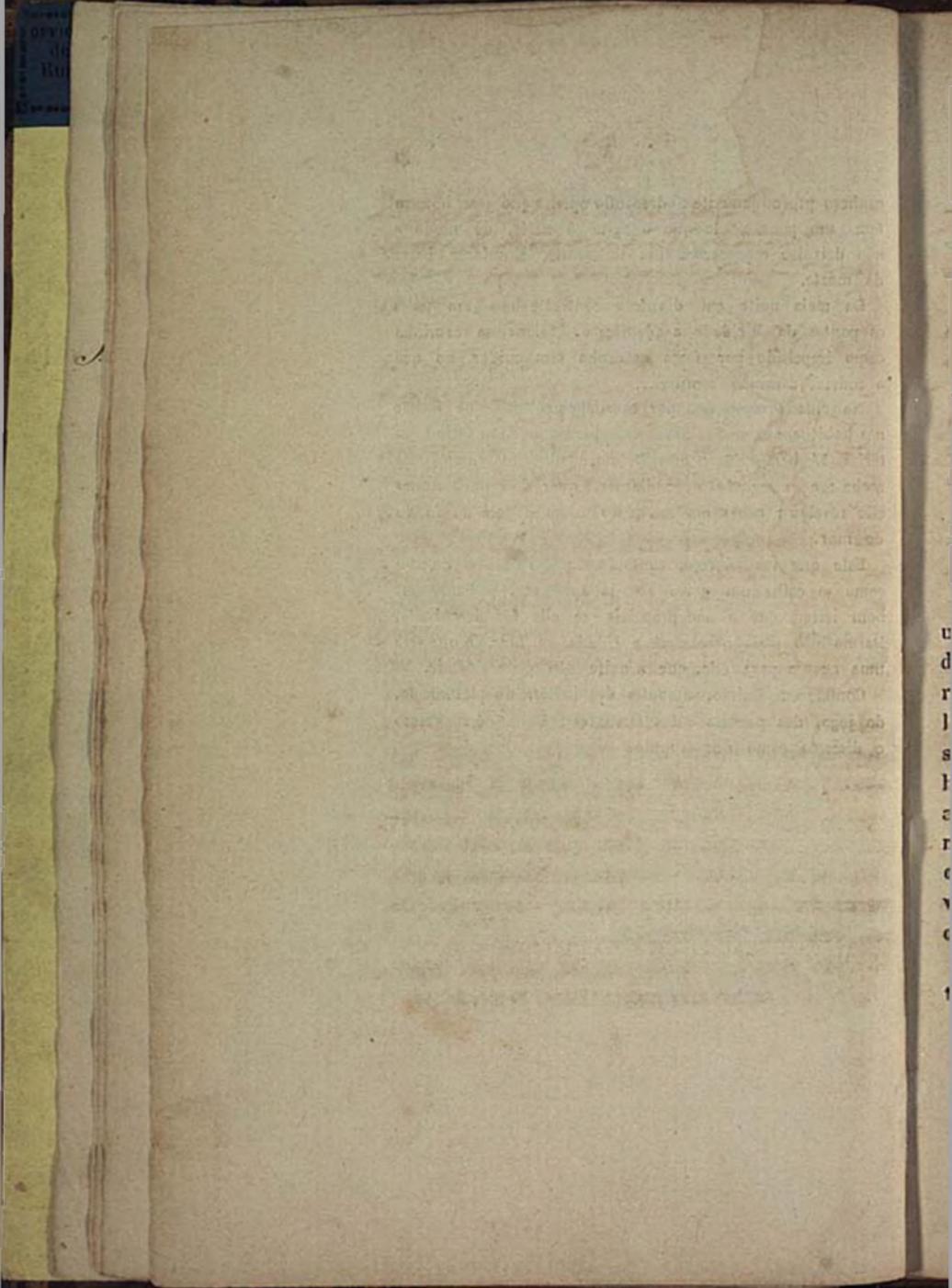
conheço profundamente : desconfio apenas que esse homem tem um pensamento que o agita à noite, de modo a não deisal-o esquecer a vida no somno, simulacro breve da morte.

Da meia noite em diante encontra-o-heis em todos os pontos da « cidade academica ». Silencioso caminha como impellido por força extranha sem cuidar no que o rodeia, caminha sempre...

Na cidade mysteriosa por excellencia é certo que Dalmo nas habituaes excursões ficava sabedor do fio de muitos mysterios. E' bem certo ; mas Dalmo é silencioso como uma rocha ; e o segredo quer d'amor, quer do crime, nunca elle revelou ; cahio em seu peito como a joia no fundo do mar.

Este que vos offereço, contou-o elle em sonhos. Colhi-o como se colhe um goivo e vo-lo apresento, pedindo-vos, bom leitor, que o não propaleis—se elle fór descoberto, Dalmo não mais percorrerá a cidade ao luar, o que será uma agonia para elle, que à noite não pôde dormir.

Confiaê em Dalmo, amantes dos bailes, do platonismo, do jogo, dos passeios e das serenatas ; Dalmo é silencioso e discreto como um tumulo.



2

u  
d  
r  
l  
s  
h  
a  
r  
c  
v  
c  
t

## PRIMEIRA NOITE.

Existe no ormo bairro de Santa-Iphigenia, em uma daquellas desertas ruas de laipa, no centro de uma grande chacara, uma casa de boa apparencia sumida pelas antigas arvores, o cujo telhado indica um longo espaço do tempo desde sua odificação até a data em que a vemos. Sabe-se que esta antiga casa é habitada ha vinte annos, apenas pela sumaçã que ondoia na chaminé durante o dia, pelos latidos de cães á noite e pelo raro ranger do pesado portão duas ou trez vezes para deixar sobir e entrar um personagem de catadura bem extranha.

Não goza esta habitação da medonha reputação de *mal-assombrada*, bem terrivel para

os parvos, mas conveniente aos ladrões de dinheiro, e a uns outros ladrões menos offensivos, aos ratoeiros do... beijos o affago—os amantes.

Apesar disso estou persuadido que, em noite de claridade duvidosa, quando ouvísseis ao longe o echo da meia noite na Sé; por exemplo, quando a lua se occultasse nas dobras de uma nuvem, ao encarardos aquelle velho portão, com um leão em cada uma das columnas, de olhos accessos parecendo fitar os caminhantes; ao vêrdes atravez das grossas grades o interior obscurecido pelas arvores agitadas pelo vento e croando nas paredes figuras caprichosas e phantasticas; estou convencido que preferíreis transitar pelo outro lado da estrada deserta.

Não tenho a ousadia de julgar-vos medroso o menos supersticioso, bom leitor; mas não é verdade que todos são mais ou menos nervosos, o que a tal hora o caminhar por lugares tão arcos, o vendo taes cousas, torna muito natural o ceder ao terror que a imaginação nos suggere?

Conheço valerosos espadachins, animosos e intrepididos diante de quatro homens armados, e que entretanto, não passam por um cemiterio a desheras sem tremelicarem-lhes as pernas o irriçarem-se os cabellos já banhados de um suor frio.

Não é bom, pois, ir a Santa-Iphigonia alta noite e principalmente passar pela frente da tel casa; o que isto fizer sem se atterrar póde tirar diploma de valentão ou de idiota.

Como dizia, um unico vivente sabia e entrava pelo portão. Era um homem de estatura elevada, magro como um esqueleto e trazia no caminhar a cabeça curva; seu rosto era cadaverico, nariz quasi imperceptivel á vista, e nos olbos pequenos e perfeitamente redondos de côr verde tinha um brilho e mobilidade taes que fazia medo fital-os. Seus cabellos ruivos e crespos erão occultos por um alto chapéo de couro envernizado; o pescoço era tão alto e tão contiguo ao queixo que de frente seu rosto parecia um grande pescoço com dous pequenos olhos.

Nas poucas vezes, que o vimos trajava um amplo casacão de saragoça abotoado, que lho descia até os canos de umas botas curtas de couro grosseiro. Pelo custo que pendia-lho do comprido braço, vis-se que era este homem o encarregado de comprar o necessario para alimentação de quem quer que morava na mysteriosa casa.

A visinbança, Argos vigilante, nada sabia com certeza ácerca da chacara incommoda; mais de uma vez algum mais curioso e expansivo tentára

indagar do personagem, que descovemos, alguma cousa. Mas o esqueleto ambulante respondia sempro com um ar tenebroso, e em uma lingua similhante á hespanhola no dizer do curioso : « Quo vos importa isso ? »

Era uma pergunta respondendo á outra pergunta.

Mil versões corrião ontão, mas nom uma só fundamentada. Afinal contentárão-se em chamar a habitação *Casa do diabo* e ao homem do capoto saino *homem do diabo*.

Quo perversidade será essa do coração humano de appellidar com o nome do anjo máo tudo que escapa á curiosidade? Seromos acaso tão perfeitos que devamos saber tudo, e que só por intermedio de Satanaz se levantem obstaculos ás mais exigentes indagações?

Quantas injustiças se não fazem á muitos homens só porque sous rostos em vez do apparentarem uma alegria que não sentem, compenetrão-se da tristoza do coração, e apresentão um aspecto meditativo? O mundo é assim: é hom o quo finge e mostra-se feliz quando todos mais ou menos soffrem; isso consola a maior parte.

Em uma das bollas e frias tardes do Junho do anno de 186... a visinhança da *casa do diu-*

bo teve uma pequena tregua ao mysterio que lhe açulava a bilis.

Um carro parou mesmo defronte do portão e esperou por muito tempo.

Abrião-se os rarissimos postigos e muitos olhos brilhárão por entre os losangos.

—Chegou alguém, vizinha?

—Ninguem saltou do carro, logo alguém vai saber da casa.

E as vizinhas sustentárão a logica do mexicano por mais meia hora, finda a qual, nova ordem do cousas deu nova direcção ás observações.

—Lá vem o *homem do diabo*, abre a portinhola e desce o estribo. Vizinha, lá vejo dous vultos; o que vem adiante é uma mulher, será moça ou velha? Para que a manta occultando o rosto? Não faz tanto frio assim... o outro vulto é um velho; será?

—Não, vizinha, é um moço; não observou o pisar ligeiro o firme?

—Perdão, é um velho.

O dialogo foi interrompido pelo rapido correr do carro que partia.

—Pela Sancta da matriz! E' uma moça! Vilho perfeitamente o braço esquerdo, claro e roliço com uma rica pulseira de brilhantes!... E as optimas novelleiras cacarajárão ainda pela noite

adiante, tomando por thema constante o assombroso caso.

Dez minutos depois que o carro partira, o cocheiro fazia-o parar á porta do pequeno theatro. O homem do casacão saltou primeiro, abriu a portinhola e ajudou os desconhecidos a descer.

Um murmurio roinou no seguão á vista dos extranhos: o *quem é—quem não é*—do costume souo até que o apito convidasse a entrar.

O esqueleto abriu um camarote da segunda ordem, e n'elle ontrárão o velho o a joven.

Agora, á luz do gaz, em um lugar bem publico demos tambem expansão á nossa curiosidade, e descrevamos os dous mystoriosos, que o leitor, como dilottante, devia ter visto. Começamos pela mulher, já que desprendeo de seu rosto a linda manta, o dignou-se mostrar em toda a magestosa belleza.

Não a vistes tambem aquella mulher de uma pallidoz tão attractiva, possuindo olhos grandes e azues, sombreados por dous arcos de seda preta; aquelles olhos abertos em meditação continua?

Não admirastes os cabollos negros e bastos em contraste seductor com o rosto pallido e olhos azues? Aquolla mulher, joven ainda, mas nessa idade dos vinte e dous annos, unica em que a mulher ama apesar dos sacrificios o até do mar-

om-  
s co-  
itro.  
o a  
r.  
dos  
umo  
nda  
pu-  
ciosi-  
ue o  
ome-  
sou  
n to-  
uma  
ndes  
eta;  
ua?  
em  
olhos  
nessa  
uo a  
mar-

tyrio; om que olla não adormonta o sentimento mesmo na presença de uma joia do resplendente valor? Nessa cidade em que a melhor obra de Deos ama porque ama, e não quer supplantar as rivaes com o luxo dos adornos, mas com o exemplo de um amor immenso?

Quem, daquella plateia palpitante de vida e enthusiasmo não desojaria ser o amante daquella mulher, cuja pallidez simulava um tumulo de marmore, mas que occultava um coração riquissimo de affectos mal dormidos?

Quom não anhelaria tirar-lhe a flôr sem fragrancia, aquella camelia tão alva e aquecer-lhe as facos com o perfume e calor de mil beijos?...

*Desejos sempre vãos, reaes....*

O outro personagom ora notavel pela originalidade do typo; ora um homem de estatura regular, magro, mas de construcção musculosa; rosto moreno e comprido, fronte elevada, raros cabellos, olhos grandes azuos. O nariz aquilino e aquelles olhos azues fixos davão um aspecto triste e até mesmo atterrador.

Parecia que uma ideia unica lhe preoccupava a existencia, e nesse momento observava-se nollo uma agitação donotando repugnancia de achar-se no logar em que o vemos; agitação e repugnancia contidas unicamente pelos olhares

supplicantes que lho doitava a joven, e palavras em voz baixa.

—Quem serão ? perguntou na plateia um estudante ao visinho.

—Não sei ; a moça ó de belleza encantadora, mas o velho tem o aspecto sinistro como o do Cardeal de Richelieu.

—Olha que bulicio causou a apparição dos incognitos ; as mulheres olhão furiosas de invoju para a joven, parecom quoror crestar aquella flôr branca que lhe realça os cabellos pretos !

—E' necessario que se saiba quem são aquellas creaturas ; vou indagar : hão de ter algum creodo, pagem ou cousa que o valha á porta do camaroto.

Nisso o curioso academico sahio da plateia, no momento justamente em que subia pela primeira vez o pano. Arrostou os reclamos do silencio que partião de todos os lados. Chegou á porta do camaroto em questão e doparou com o *homem do diabo* encostado contra ellaa de braços crusados.

—Quer um cigarro, camarada ?

—Não fumo. Foi o que em resposta obtovo do Cerbero.

—E um charuto ?

—Não fumo.

O curioso quiz atacar a praça por outra brecha, muito accessivel quando se trata do assaltar a criadagem masculina.

—Não bebe?... Temos dinheiro....

—Não fumo, não bebo e nem quero seu dinheiro.

—Este homem ou monstro é inexpugnavel como Gibraltar!

E retirou-se confuso de ser repellido por modo tão terminante.

D'ahi ha pouco entrava o *studiosus* na plateia, acoitado por pedidos de attenção; sentou-se, e foi interpellado pelos companheiros.

—Então, já descobristo? Vons vormelho como doce goiaba; quo é isso?

—Nada.... o calor.... esta vaia dupla quo recobi ao sahir e ontrar.... descobri tudo facilmente: o velho é um judeu joalheiro que vai á feira e a rapariga é sua filha.

—Já ou tinha adivinhado isso mesmo. O sujeito tem mesmo cara de judeu, e a filha é bella como as virgens do Jordão.

A curiosidade é mais facil de satisfazer do que a ambição, que é outro genero de curiosidade; quer uma resposta verosimil a qualquer pergunta, e sabe já tudo, e de tudo está contente.

Terminado o primeiro acto todo o theatro julgava conhecer perfeitamente o velho e a joven da camolia branca.

Um homem sómente não tratou de indagar, e este tinha muitas probabilidades de conhecer o velho.

Este homem estava em um camarote da segunda ordem proximo ao dos desconhecidos; era o amabilissimo senhor conego F., appellido pelos estudantes do *Sancta Pandega*.

O conego Sancta Pandega! Oh! o heróo de mil conquistas, vós todos o conhecestes. Era aquelle homunculo de facos rosadas, dentes alvos, vestindo sempre a profana casaca tolhada á ultima moda o nunca o venerando habito do sacerdote.

Ninguem divisou em sua cabeça a distinctiva corôa, pelo quo a população religiosa não cria na profissão quo ollo inculcava.

Era conviva animado nos jantares, optimo par em um haille, melodioso cantor nas seronatas, o até no jogo o mais impassivol o arriscado companheiro. Cavalgava os meliores cavallos em continuos passeios, e trazia atraz de si (exigencia da etiquota) o pagem mais bem fardado quo temos visto. Em fim o Reverendissimo conego

podia ter nascido para tudo neste dos *melhores mundos* possíveis, excepto para conego.

Nas partidas, habil convidado—sabia contentar a todos; com as velhas—o beato mais fingido que se pôde desejar; tinha chegado de Roma o boijado o pé a Sua Sanctidade, viagem do maior proveito que pôde imaginar quem se prepara para doixar este mundo.

Com as bollas o cavalheiro mais completo o amavel; não havia flôr da qual desconhecesso a significação amorosa; fita, cujo realce não distinguisso, o traje que não applicasso com justeza a esta ou áquella côr de tez.

Imaginai: agora, um sorriso constante brincando n'uns labios nacarados, e uns olhos nadando em luz perenne de jubilo; logo, uma expressão de seriedade, um ar reflectido, em fim para dizer tudo, diversas contracções do rosto para representar os sentimentos contrapostos n'um mesmo instante; manejava a physionomia como um bom musico as mil modulações de uma frauta.

O conego nonhuma attenção prestou á peça que se representava, o que é, segundo se diz, um preceito da moda: apparentar indifferença por tudo aquillo que commove os outros viventes é um signal de superioridade; rir

quando todos chorão, carregar o semblante quando os outros o expandem n'um folgar infundo, é para as creaturas predestinadas da moda aristocratica o mais luzido brazão.

O senhor conego fitou sobre sua formosa vizinha olhos tão extaticos que revelou ser um sincero admirador da belleza. Assim conservou-se até o meio do acto, dignando-se uma vez retirar-os della para empregar sua attonção no par singular da moça.

—Deve ser este o homem que ninguem me dá a conhecer nesta cidade.... E' aquillo mesmo... E' olle! Experimentemos.

Aproveitou o momento em que os applausos echaavão pelo salão e gritou olhando para outro lado:

—Senhor Bruno!

O velho do camarote voltou-se rapidamente e procurou com o olhar quem poderia tel-o chamado n'um logar em que julgava não ser conhecido. Fez um movimento de desgosto e curvou-se ao ouvido da joven.

Esta dirigio-lhe um gesto supplicante e proferio palavras não ouvidas.

Tudo isto passou-se em um instante. A unica testemunha foi o provocador desta scena muda,

o senhor conegò, que com um sorriso de íntima satisfação :

—E' elle, o grande sabio. Já sei á quem entregar a carta que eu trouxe de Roma : quanto áquello anjo, áquella deusa, ninguem a conhecerá senão eu.

Já vê o leitor que o conego fez muito bem em viajar á Roma, pois, sem esse meio importante de illustrar-se o homem, não toria achado um *desconhecido*, o um pretexto para apertar a mão da mulher mais bella que tinha visto e a cujo respeito havia sonhado, nos curtos momentos em que a encarára, cousas bem lindas !

Terminado o segundo acto foi ter á porta do camarote contra a qual ainda se achava encostado o *esqueleto*.

—Desejo fallar ao senhor Bruno, disse o conego pensando facillima esta empreza.

—Não o conheço, respondeu o carcereiro.

—Mas eu o conheço. Quero dar-lhe noticias de Roma, e perguntar-lhe onde mora para entregar-lhe uma carta de importancia.

—A pessoa, á quem pretendo fallar e á quem dá um nome, que lbe não pertence, não tem negocios em Roma e não recebe cartas.

Dez outras instancias e outras tantas impertinencias em resposta.

—Vai-te para o diabo, se não és elle proprio ! exclamou raivoso o homem da Igreja, e retirou-se confuso como havia já acontecido ao estudante curioso.

Passeou algum tempo no corredor e dirigindo-se ao seu pagom, que, guarda mais accessivel, estava omportigado, tendo no braço o rico manto do seu amo :

—Deita isto sobre uma cadeira, corre á casa, solla o alazão o vae postar-te em distancia do um carro que trouxe a familia do camarote visinho. Quando acabar-se o espectáculo, acompanha o carro até onde parar, e volta a dar-me parte do que tiveres observado.

O pagom sahio.

Findo o espectáculo, quando todos os camarotes ficãrão vasiaos abriu-se o dos desconhecidos. Sahirão, e apoz olles o conego que tambem esperava.

Foi inutil a precaução. O saguão estava cheio de estudantes, que esperavão anciosos vêr partir a rainha da noite, a bella da flôr branca.

Quando a apparição assomou na ultima escada, ouviu-se um murmurio como o de uma vaga ao longo. Todos ommudecêrão e só tinhão olhos para contemplal-a.

Passou pallida e fria como a *Lelia* de Azevedo :

« Lyra sem cordas não vibrou d'enlevo :

« As notas puras da paixão ignora.

« Não teve nunca n'alma adormecida

« O fogo que inebria e que devora. »

Assim pensárão os que a vírão impassível diante da prova mais exuberante da admiração dos homens : engano ! Aquella harpa vibrou ao sôpro lisongeiro da bosanna ; a mulher sentiu o doce prazer da vaidade satisfeita, mas a filha paralisou o anciar dos seios.

O conego soffrou agudissimos ciumes por aquella ovação que manifestou-se em um só murmúrio. Aquella mulher, elle o dizia, devia ser sua, e sómente elle quoria admirar-a.

Entrárão para o carro, o *homem do diabo* subiu á almofada e o carro partiu seguido em distancia conveniente por um cavalleiro.

---

pp 11  
3  
11

11

ho  
po  
riq  
par  
ou  
as

a  
da  
lat

## SEGUNDA NOITE.

Estamos defronte da *casa do diabo*. São oito horas da noite. Dous vultos achão-se postados no portão; um, o mais baixo embuça-se em um riquissimo manto preto, envolvendo o pescoço e parto do rosto em bellissima manta azul; o outro veste a libré de pagem e tem nas mãos as redeas do dous cavallos.

—E' aqui, meu amó.

—Neste velho portão? Está fechado. Onde fica a vivonda?

—E' a parode velha, que se acha escondida atraz das arvores.

Neste momento interrompêrão o dialogo aos latidos do dous cães enormes que, furiosos ati-

rão-se de encontro ás grades. O vulto do manto estremeceu de terror.

—Bate á grade : alguém ha de apparecer.

Tres pancadas ochoáráo no silencio aos golpes do pesado martello.

Um vulto do homem assomou no principio da alameda.

—Plutão ! Minerva ! quedos !

Os cães moderárão os latidos e começarão a dar uivos pungentes.

—É o grande despachador do camaroto, murmurou o vulto baixo, reconhecendo no recém-chegado o *homem do diabo*.

—O que desejaes ? perguntou elle, doixando lampear os olhos verdes no obscuro.

—Entregar uma carta ao senhor Bruno.

—O senhor Bruno não roche cartas a ésta hora.

—Mas saboi que é uma carta vinda de Florença....

—Do Florença !... Da Italia ! Dai-m'a, exclamou o esqueleto levando a dextra descarnada ao coração.

—Prefiro entregar-lh'a ou mesmo.

—Saboi tambem, quem quer que sejais que aqui ninguem penetra, o que eu sou o melhor e unico amigo de Bruno.

Nada havia a responder; ora tal o tom convicto do homem que não havia duvidar d'elle. Sumio-se na escuridão.

Longo tempo esperarão os dous vultos da parte do fóra; já desesperavão de obter nma resposta tiritando de frio, quando ouvirão-se passos de alguem que se approximava do interior.

Uma grossa aldraba foi orguida, depois a chave girou e o posado portão ranguu nos enfeijados gonzos.

—Bruno manda que entre só um de vós.

—Espera-me com os cavallos na esquina.

—Seguí-me, disse o *homem do diabo*.

O portão ranguu de novo e fochou-se sobre o intruso.

Vêr-se um vivento cercado de muros, sem uma abertura conhecida por onde escoar-se em caso de perigo, acompanhando um homem alto, vestido por um modo tão singular, seguido por dous cães que uivão terrivelmente; vêr-se alumiado por luz muito duvidosa, tendo em frente um casarão onde nunca se penetrou, o cujo aspecto nada tem de attractivo; tudo para entregar uma carta, ou para fallar conscienciosamente, para vêr uma mulher em vordado bellissima, mas que nem para elle olhou, e que nem sabemos como receberá a estranheza do sua ap-

parição, é o sacrificio mais penoso ao qual se possa expôr, seja muito embora generoso o sentimento que o leve a dar esse passo.

Encarou uma estrella que vio no firmamento e ontrogou-se todo a ella, porque julgou ser a mesma que o tinha salvado nas occasiões criticas.

«O meu destino» suspira o marinheiro na tormenta; «a minha fortuna» brada o jogador n'um lance arriscado, contendo a respiração; «a minha sorte» murmura o caçador arcando poito a poito com a fêra; «o meu amor» canta o amante ou o poeta, accommettendo as difficuldades. Todos fitão uma estrella. Fozizos delles se essa estrella os anima brilhando um fulgor mais vivo; ai! delles, se ella impallidece e desmaia! O nauta é tragado pela onda; o jogador perde a ultima moeda; o caçador é despedaçado pela fêra, e o poeta ou amante succumbem sem que seus labios rocem a face linda da amada.

A nossa estrella é tudo, e o vulto do manto preto tinha a sua estrella fiel.

Caminhou, pois, animado até que o conductor detere-se junto de uma porta, bem no meio do banco esquerdo do edificio.

Abrio-se esta porta e appareceu o homem de

aspecto severo do camaroto da segunda ordem, com uma bugia na mão direita.

Um sentimento de terror e respeito pintou-se no semblante do recém-chegado, que agora reconhecosmos ser o senhor conego *Sancta Pandega*.

E não era para menos. Seus olhos obcecados pela subita presença de uma luz, vião um fundo salão com grandes estantes prenhes de livros, já empocirados; salão mal illuminado pela chama amarellonta, mobiliado por velhas poltronas, e uma grande meza sobre a qual estavão abortos in-folios; vião seus olhos esse homem do olhar perscrutador, vestido de um chambro cinzento, abotoado dos pés até o pasçoço e com a respeitavel calva luzindo.

—Entrao, senhor, pois quo sois o mensageiro da melhor nova que tonho recebido neste retiro ha vinte longos annos.

Penotrou o conego no salão e com passos incertos até o fundo, até que na sombra o velhu offerecendo-lho uma poltrona :

—Vistes a Italia, fostes a Floronça, á minha cara patria! Abraçastes e fostes amigo do meu amigo Sanzio! Quantos motivos para receber-vos de braços abertos! Quanto é doce fallar com aquelles que pisárão o solo da patria, e quo abraçárão nossos amigos!

E uma torrente de lagrimas desceu dos olhos do velho, que remoçava ao lembrar-se da patria e do amigo.

—Muito feliz me julgo, senhor Bruno, em poder de viva vóz transmittir-vos as saudades e lembranças do vosso amigo Sanzio; e ha mais tempo o teria feito, se debalde não tivosso empregado toda a diligencia em procurar-vos. Nesta cidade ninguem vos conhece, tal é o mystorio com que fugis do mundo! Quem diria que eu viria encontrar tão occulto o recolhido o senhor Bruno—o sabio cuja ausencia os Florentinos ainda sentem e cuja residencia indagação sem proveito por todas as capitães das provincias do Brazil!

—Não penseis que por misanthropo deixasse o mundo e suas vantagens; não, profundas razões obrigarão-me a vir bem longo do paiz em que nasci, amei e vivi com gloria, e em que adquirir uma reputação como cuidadoso no estudo da antiquidade; ponderosos acasos da sorte atirarão-me para este paiz onde tenho vegetado; e affianço-vos que, se não fôra ter a meu lado estes velhos companheiros, que me rodeião na solidão deste mundo que creui para mim, e a existencia de uma filha que amo mais do que a mim mesmo, de ha muito teria abandonado esta terrivel perigrinação.

—Por mais valiosos que sejam os motivos pelos quaos doixastes a sociedade, parece-me que, com a carta, da qual tive a honra de ser portador, todos esses desgostos, todas as angustias deverão desapparecer.

—E já desapparecêrão ! Mas convinde que o soffrimento duradouro habitúa o homem a queixar-se sómente. E' difficil a transição da dôr á alegria, e antes do dar uma expansão ao que começo a experimentar em mim, permitti que me affaça a essa ideia de felicidade.

—Só vossa filha tem direito de receber esses affagos o enxugar essas lagrimas que o prazer possa trazer-vos; sou para vós um extranho; campri a missão do que o velho Sanzio me incumbíra o retiro-me satisfeito.

—Nunca, senhor; sem vós, quem sabo se os meus tormentos renovar-se-hião todos os dias; viestes com uma carta chamar-me ao mundo cujas posições sempre ambicionei, o devo-vos por isso o maior favor. Não consentirei que vos retirois sem que a vós mesmo, unico noster paiz, que póde medir a profundidade do abysmo a que descí, ou conto a historia do minhas desditas, para calculardes a altura a que me eleva essa carta.

Sem duvida Sanzio narrou-vos parte de minha vida....

—Sanzio contou-me apenas o que era sufficiente para procurar-vos ; o que soi de vossa vida é o que todo o povo de Florença sabe.

—Bem. Mas o povo conta o que mais appareço, e quasi sempre o que mais sóa não é verdade. Tendo paciencia, prestai-me alguns minutos de attenção e escutai a historia d'aquelle que os Florentinos chamavão

### O sabio Bruno.

« Conhecéis minha patria, a bella Florença, sabeis mais que sou oriundo da importante familia dos cavalheiros Matti que é bem possivel visseis em Florença e Roma.

« Na idade de seis annos perdi meus pais, e fiquei entregue aos cuidados de um tio, a cuja sabedoria e amor quasi paternal devo os conhecimentos da antiquidade que possuo.

« Era apenas menino de quatorze annos o já me orão familiares as linguas latina e grega ; e tal foi o affinco dado por mim a essas litteraturas, que aos dezoito annos li a primeira memoria para occupar um lugar entre os membros da —*Academia dos Antiquarios de Florença*, da qual

era meu tio, Eneas Matti, presidente, posição muito ambicionada pelos mais notáveis sábios da Itália.

« Meus antepassados haviam ganhado um nome illustre como bons soldados, e então toda a ambição de meu tio era continuar a ver respeitado o nosso nome nas conquistas da intelligencia. Comprehendia que para a humanidade empalodecia a gloria das armas e resurgia a importancia das lettras.

« Aos vinte e tres annos a mais delirante paixão distrabio-me dos livros para amar só um livro mais bello, e que continha uma sciencia muito difficil de aprender.

« Angelica !... Ao pronunciar este nome o velho deixou escapar um lampejo de fogo dos olhos, nos quaes parecia reviver uma chamma do meio das cinzas de suas reminiscencias.

« Angelica era toda minha aspiração, toda a minha gloria, todo o meu futuro. Era um amor de italiano esse que em meu peito rebentava com todos os delirios da paixão ; era um amor como em minha patria sabe-se experimentar, o qual não vacilla para conquistar o objecto amado entre o punhal e o veneno.

« A desigualdade do nascimento, nunca legitima para mim, mas muito importante para meu

tió, tornou-se um obstáculo invencível para a realisação dos meus desejos.

« O sábio Enoas, depois de muitas instancias, chamou-me uma noite para o seu aposento e entre suspiros da mais triste violencia aos seus sentimentos disse-me :

« Que importa ao homem intelligente o cujo ideal é o amor da sciencia, que uma mulher tenha mais regularidade no rosto e mais elegancia no porte ? Não tens já conquistado apesar dos poucos annos, os molhores louros que pôde ambicionar um homem de letras ?

« E' bem triste, Bruno, para aquelle que te tem tratado com a ternura de um pai ; que fez de ti, que apenas oras um menino rico e bom nascido—um mancoço notavel e invejado pelo conhecimento da mais difficil parte da sabedoria humana ; é bem cruel para mim que esporava perpetuar em ti minha gloria litteraria, que desejava, quando fallecasso, o que não tardará muito, deixar-te a minha cadeira de presidente dos *Antiquarios*, vêr que uma mulher inexperiente, e a quem o unico acaso da belleza do corpo, que nada prova senão um capricho da natureza, vem desfazer com um olhar talvez, as minhas mais caras esperanças !

« Não viste Dalila com mentidos affagos rou-

para a  
ancias,  
ento o  
os seus  
e cujo  
mulher  
is cle-  
apezar  
o pôde  
que te  
uo fez  
o bem  
o pelo  
edoria  
perava  
que de-  
á mui-  
nte dos  
riente,  
corpo,  
ureza,  
minhas  
s rou-

bar as forças a Sansão? Não conheces o caso da rainha do Egypto, enfraquecendo nos braços torneados o general romano? Não tens pensado nessa longa tradição que se chama historia, o papel adverso e sinistro que a mulher representa com os mais fortes? Não sabes que esse sexo fraco, só tem como força a vaidade, o quer a seus pés os mais admirados para esmagal-os já importantes e fracos?

« Bruno, meu caro Bruno, pela tua gloria, teu nome e o do tua familia; pela sciencia que amas, pelo amor que te dedico, varre, ou te rogo, esses pensamentos da cabeça.

« E o velho Eneas dirigio-me um gesto como do supplica que me magoou o coração.

«—Bem feliz seria, meu caro tio, se isso dependesse do minha pobre cabeça, disse eu torturado de amargura á vista do meu bemfoitor e amigo supplicando áquelle que devia obedecer-lhe á menor vontade. Esses pensamentos já não estão na cabeça, descêrão o creárão raizes no coração. Angelica, eu vo-lo juro, não é Dalila nem Cleopatra; é a pomba sem fel, cujas azas nunca manchárão as vaidades do mundo. Agora, meu tio, pela minha gloria, nosso nome, pela sciencia que muito amo, e pela gratidão que vos devo, consenti, ou vos rogo, que

ou me una a Angelica, ou ontão para não desobedecer-vos, desprezarei a gloria, nome, sciencia e só amar-vos-hei e a Angelica. Sem olla nada para mim neste mundo tem valor senão a lembrança de vossos beneficios.

« Comovido lançou-se o sabio Matti em meus braços, e o que até ahí me havia recusado, concedia-me satisfeito agora.

«—Consinto, mas has de prometter-me que não esquecerás um momento o que me doves e que saborás repellir Angelica, quando tornar-se Dalila.

«—Tudo prometto, meu tio.

« Abraçámo-nos de novo, e oito dias depois depositava eu o beijo ardente e sancto do esposo na dextra de Angelica.

« Oh! minha aurora peronno de cinco annos, que vinhas illuminar com a luz meiga as noites de pensadoras vigílias! Minha estatua de gloria que com um unico beijo na fronte renovavas minha coragem nas lutas da sciencia, e que só levantavas a corôa de louro, para ahí depôr essa outra corôa sem espinhos—o teu casto beijo!

« Por ti ambicionei ser o primeiro dos homens; por ti quiz conquistar todas as glorias; por ti quiz triumphar em todas as luctas. E,

quando me vão esmorecendo as forças, teu nome só—Angelica, levantava-me como um gigante!

« Perdoae-me, senhor, estes transportes; no momento em que vos fallo ainda sou o Bruno dos vinte e cinco annos, ainda palpita-me no peito este coração, outr'ora affagado pelas mais suaves emoções, magoado hoje pelos mais crueis desenganos! E' o mesmo pulsar, oh! ainda sinto o meu coração dos vinte e cinco annos!... »

E lagrimas orvalhárão as faces do Bruno, assim como agitadas pelo vento as folhas deixão cabir o rúcio da maubã.

« —Admira, senhor Bruno, disse o conego algum tanto commovido pelas palavras e inflexão do velho—que, com o incessante labor dos livros, e havendo talvez vinte annos que esses tempos são passados, ainda estejaes tão impressionado pelo objecto de vosso amor, que empregueis na vossa historia tão eloquentes expressões e até lagrimas, bem raras em homens de vossa idade.

« —Ah! meu amigo, é porque só tive duas paixões em minha vida; a dos livros, que ainda alimento unicamente como lenitivo á paixão por Angelica. Nas minhas noites procuro esquecer no estudo a segunda, mas dobaldo; nos tempos passados estavam sempre tão unidas que sinto a falta de uma dellas; ah! meus pobres companhei-

ros, disse olhando para os livros, estaes tão vivos.... »

E um riso desses que o homem deixa escapar no estertor do desgosto, vibrou pelo salão.

« Dous annos depois experimentei um grande prazer seguido de um grande pesar em o curto intervallo de tres mozes.

« Uma filha, um anjinbo voio augmentar minha ambição o meu orgulho... eu era pai! Seria longo descrever-vos o que senti nesta circumstancia; já não tinha só amor por Angollica, dedicava-lho tambem a mais viva gratidão... eu era pai!

« Sem duvida o sois tambem, o o que experimentastes ao beijar o fructo primeiro de vosso amor, tambem experimentei. »

O conego mostrou embaraço neste momento, ao qual succedeu alguma satisfação; pois via que o velho ignorava sua posição social.

« O pesar que soffri foi a morte de meu bemfeitor o mestre. Foi solemne o passamento do sabio. Sua camara continha quasi todos os membros da *Academia dos Antiquarios*. Expôz com voz clara a these que desejava fosse discutida na sociedade depois de sua morte, e dirigiu-lhes as seguintes palavras:—Meus amigos, fui vosso companheiro durante quarenta e cinco annos e di-

regi os destinos da *Academia* por vinte e seis. Sempre me destes as maiores provas de consideração e amizade; pois bem, em nome dessa consideração e amizade, nesta hora terrível, vou pedir-vos uma ultima prova; mas preciso antes de sabordes qual seja ella, que me promettaes todos cumpril-a.

—« Nós vol-o juramos, senhor Encas,—dissorão todos a um tempo, todos, excepto um homem que em breve vos farei conhecer.

—« Obrigado, meus companheiros, ou esperava isso mesmo de vós. Poço-vos que na eleição que se tem de proceder dois os votos para occupar o lugar que deixo vago, á meu sobrinho Bruno Matti.

—« Sim, nós o elegeremos, porque ó muito digno, disse a maior parte.

« Proferidas as ultimas palavras, o velho estendeu a dextra a um dos socios o expirou.

« Esto socio, esto homem que recebeu o ultimo affago do meu tio, foi o padre Cécco.... o padre Cécco! »

E uma convulsão do raiva agitou Bruno do modo a fazer gomer a forte poltrona.

’ Era essa a convulsão que deveria tor abalado o corpo do Hamleto ao descobrir o assassino de seu pai; a mesma que deveria tor sentido Lam-

bro, quando, de volta de suas rapinas pelo oceano, viu sontado no mais precioso coxim a D. Juan nos braços da pura Haydca, o toda a sua ignorada ilha invadida por extranhos.

« Quando me recordo que esse homem, a quem por mais de dez annos abracei e dei o nome de amigo foi a causa intelligente e unica de todas as minhas desgraças, descreio de tudo e chego a duvidar mesmo do Altissimo.

« Pela narração curta do que me fez esse malvado, podeis avaliar a amargura do minhas queixas e quão intonso deve ser o meu odio.

« Elle, que fôra o ultimo a recobrer os affagos de Eneas, apenas o viu sepultado, levantou-se como uma barreira insuperavel ao cumprimento da promessa, que os *Antiquarios* haviam feito ao moribundo.

« Tudo o que eu até abi havia apresentado na *Academia* era obra do velho presidente; meus successos erão novos louros que meu tio tirava do seus cabellos brancos para enfeitar as madeixas do joven parante; o pedido extremo de Matti não era mais do que uma velleidade de familia, suggerida mais pela minha ambição do que pela consciencia do supplicante.

« Eis em poucas palavras o que o miseravel

fazia circular em todas as reuniões litterarias de Florença, o acreditar aos *Antiquarios*.

« Nada era tudo isso, apesar do ferir o meu amor-proprio do homem-de-lettras, á vista do que em suas devassidões propalava o calumniador.

« Sua audacia subiu a ponto de espalhar boatos acerca da pureza de minha esposa; aquella peçonhonta vitora quoria morder as petalas da minha candida flôr. Fozia crêr tudo invocando a confiança que soubera captar em minha casa!

« O padre Cécco!... »

E uma convulsão mais terrivel do que a primeira abalou aquelles musculos do aço.

« Chegou finalmente o dia da cloição e só um amigo tratava de destruir a terrivel impressão que as vozes mentidas do Cécco causarão no animo dos *Antiquarios*. Esse amigo, vós o conheceis, era o meu fiel Sanzio. Sanzio! »

Os olhos de Bruno nadarão em extasi tranquillo ao pronunciar este nome suave.

« Sem que eu fosse prevenido, Angolica, Sanzio e meu irmão Mario que tinha chegado de Genova onde era banqueiro, contando certissima minha elevação á ambicionada cadeira, prepararão uma louta ceia, assim de festejarem a minha victoria.

« O salão da *Academia* estava spinhado. Cor-

rou a votação o só erão lidos dous nomes, o meu e o de Cécco.

« Quando a ultima cedula foi tirada, verificou-se que o padre Cécco tinha sido oitavo presidente da illustre *Academia dos Antiquarios* de Florença !

« Mudo como uma estatua assisti ao triumpho do meu detractor, e frio como marmore doi-lhe o abraço do estylo. Oh ! antes o tivesse estrangulado nesse abraço !

« Sanzio chogou-se a mim, e londo em meu rosto o que em minh'alma se passava, disse-me :

« — Retiromos-nos, amigo ; sinto ao contemplar este infeliz espectaculo a maior compaixão ; allí está o calumniador dirigindo os destinos da sociedade dos perjuros e ingratos : são dignos uns dos outros. Saiamos. — « E fazendo signal a alguns socios sahiu, levando-me pelo braço o mini que insensivelmente me deixava guiar como um automato.

« De quantas emoções foi-me essa noite ! Quantos sentimentos contrarios debatião-se em meu peito ! Não sabia se deixasse arrebenhar a raiua, ou abraçar os poucos que me consolavão na quezêa.

« Quando ontrámos em minha casa, um reposteiro correu e vi extendida uma meza servi-

da, e sentados minha esposa o Mario que já nos esperavão.

« —O que quer dizer isto? Viu-se nunca festejar uma derrota? só por ironia...

« —Isto quer dizer, Bruno, disse Sanzio, que devemos sempre alegrar-nos quando somos vencidos á traição. A' meza, e viva o Antiquario Bruno!

« Todos correspondêrão a osto brindo: mas o *lacrima-Christi* que bobi, tinha o travo do fol. Eu deveria tor estrangulado o padre Cécce!...

« Angelica sentiu-se muito indisposta apenas comprehendeu as minhas palavras e reparou no aspecto constrangido que eu apresentava.

« Retirou-se para o sou aposento. Tinha razão; era necessario fazer parto do minh'alma para avaliar o que eu soffria.

« Eu deveria assimillar-me á estatua do Comendador no D. João de Molière.

« Tiyo odio até dos amigos; nos mais ardentos protestos eu lia uma ironia, uma falsidado.

« Meu irmão ergueu um calix o pronunciou o nome de Angelica. Estromecêrão todas as fibras do mou coração, e omquanto os convivas entoavão cantos em honra do minha esposa, corria eu com um calix na dextra para o sou quarto, para bom junctos implorarmos a Dous pro-

toção para nossa filhinha que dormia no berço, ignorando as desventuras do seu pai.

« Ah! meu Deus! O que meus olhos virão então, ainda hoje passa diante dellos. Ainda vejo o padre Cécce, recostado no espaldar de uma poltrona, olhando attentamente para Angelica que parecia adormecida! A claridade duvidosa da lampada, mostrou-me esse quadro afflicto.

« Arrojai o calix ao chão, e a este ruído o padre voltou-se rapidamente.

« Já lestes nos annaes da antiga Roma, quando o gladiador nos Circos abraçava-se com a fêra, para mais de perto ombeber-lho a adaga no coração? Assim eu, desvairado lancei-me sobre um punkal que tinha sobre a meza, e arcando com Cécce, que nem buscava resistencia :

« Morre, malvado... tu roubaste-me a gloria, a reputação e a honra; sou infeliz porque só te posso tirar a vida! Feriste-me a fronte arrancando-me os louros; a alma, nodoando-a com tua lingua; agora feres-me o coração, prostituindo minha mulher! E' o coração sómente que eu te quero retalhar... o coração só!

« Uma onda do sangue banhou-me o peito e o padre cahiu fulminado.

« Depois... oh! meu Deus! Porquo não me

matstes no momento em que eu tinha punido o meu maior inimigo? O que fiz eu depois?

« Louco pelo ciurno de me vêr traído, quando mais do que nunca precisava de fidelidade e consolações, já respirando sangue e com as faces salpicadas delle, corri para Angelica que, impassivel parecia extranha ao que se passava. Aquella immobilidade no momento mesmo em que tudo o que a cercava a condemnava poranto o meu desvario, augmentou-mo o ciurno ao ponto da sanha e frenesi :

« Dorme, mulher; ou antes finge que dorme; ú o unico meio que achas para illudir o homem que julgava-te mais fiel do que Deus! Então ora verdado o que o infame assuolhava? Desgraçada! Adultora no leito conjugal e atú juncto ao horço de tua filha!...

« Finge que dormo que vás acordar breve.... mas não será neste mundo.

« Cego cravei o punhal no seio alvo, e como uma fêra quebrei-o na ferida.

« Banhado de sangue e para occultal-o ás vistas dos convivas, com os cabellos em desordem, o olhar pordido, envolvi-mo em uma capa e entrei na sala do banquete.

« Nesse instante, Sanzio exclamava :

« Um brinde á felicidade conjugal do Bruno e Angelica !

« Olháão para mim e dorão-me um copo ; bebi-o machinalmente dizendo :

« Sim... meus amigos, á minha felicidade conjugal... mas disse isto em voz e tom que talvez não ouvissem.

« O copo tremeu-me nas mãos, e o vinho tinha o calor e gosto do sangue quente.

« Levantáão-se todos e sabíão, excepto Mario e Sanzio. Arrastoi-os para o aposento maldicto e mostrei-lhos os dous corpos.

« Tudo adovinháão ; nada procuráão indagar.

« —Infeliz irmão ! Fugamos para Genova e partiremos depois para a America—disso Mario.

« D'ahi ha dias, Mario que era banqueiro em Genova, como sabeis, tendo realisado em moeda sua fortuna, e fretado um navio, partia comigo para o Brazil, onde eu vim esconder minha dôr e vergonha.

« Imagino agora, quanto soffreu o homem que, tendo assassinado a esposa, corria com uma filhinha do mezes nos braços, fructo unico do seu infeliz amor por terras extranhas, para fugir á patria onde não poudo oncontrar a paz e ventura ! E tudo isto !... Oh ! o padre Cécco !...

« Mas o que mais me torturou foi saber que Angelica era innocento; que o miseravel havia subornado o mais fiel criado da casa para deitar um narcotico em seu copo !

» Infame ! Querias corôar o teu triumpho com minha deshonra !

« Infeliz Angelica, victima do desvario de minha paixão ! Perdôa-me ao menos, sabendo lá onde estás que, se te matei, foi porque muito te amava !

« Procuroi, chegado ao Brazil, esta cidade central de proposito, e aqui enterrei ha vinte annos o meu triste passado e a minha terrivel historia.

« Um anno depois de aqui estar recebi minha bibliotheca e parto da fortuna, que chegaram-me ás mãos pelos cuidados de Sanzio. Por esse tempo soube que Cécco não tinha morrido e era ainda o presidente dos *Antiquarios*, e que a justiça attribua seus ferimentos á força do minha inveja !

« Justiça dos homens !

« Conhecestes-me hontem em um logar publico : não penseis que lá fui buscar uma distracção; não; hontem representava-se aquella tragedia em que um homem de lettras é tambem torturado em seu amor, no que tinha de

mais caro, por um padre. Sim, quiz na dôr d'aquelle homem retemporar o meu odio; quiz beber gotta a gotta o fel do soffrimento no soffrimento alheio. Não ha actor que traduza essa dôr e essa raiva! E' preciso soffrel-as.

« Meu irmão, homem ambicioso de riquezas, lembrou-se que estava no paiz das minas de ouro e das pedras preciosas, e eil-o com um exercito de minciros partindo para Goyaz, onde pretendia achar um El-Dorado.

« Toda a sua fortuna, como eu tinha previsto, foi gasta sem que o resultado correspondesse á expectativa.

« Um dia, lembro-me bem, chegou Mario muito satisfeito e pedindo-me que o acompanhasse ao fundo do jardim, disse-me :

«—Nunca quizesto crer; pois bem, aqui está uma boa prova para os incredulos—o mostrou-me uma pedra que estimei no valor de oitenta contos de réis.

« Segurava ainda o papel que a envolvia, quando um tufão, que antes se poderia chamar o sôpro de Satan, arrobatou-lho o papel e a preciosa pedra! Nunca mais foi possivel achal-a! E aquelle homem aventureiro e folgazão de outros tempos, vós o vistes, é esse velho magro

que traz a cabeça pendida para o chão, o só tem uma idoia fixa—o sou diamante.

«E' escusado dizer-vos que toda sua esperança estava nessa pedra, pois todos os recursos estavam esgotados. Os mineiros abandonarão as minas o tudo pordeu-se, até a razão!»

Nesto momento o *homem do diabo*, que sabemos ser o infeliz Mario, appareceu a uma porta e com olhar espantado :

«—Bruno, preciso fallar-to.

«—Ja vou, irmão.

O esqueleto sabio.

—Desculpai-me, senhor, a narração longa do minha vida (e notando que o conego se levantava tambem), esperai um pouco, quero apresentar-vos minha filha, que vos agradecerá o favor que prestastes a seu pai. E' a creança que trouxe da Italia nos braços: é hoje uma mulher. Não vos offereço minha casa, porque muito breve partirei para Florença, onde os *Antiquarios*, reconhecendo minha innocencia, restituem-me a presidencia da Academia, visto ter deixado este mundo o padre Cécco.

—Já o sabia, senhor Bruno; e na hora da morte pedio que vos elevassem ao lugar usurpado, e que implorassem do vós o seu perdão!

—Esso só Deos lhe poderá dar. Sou homem

o fraco para não resontir-me de sua maldado. Perdoar-lhe? Nunca; não estou vingado.

Ergueu-se, estendeu a mão ao conego, e dirigindo-se para dentro, gritou :

### **Lucia ?**

—Lucia ! murmurou o nosso conego ; que bello nome ! Como sôa maviosamente !

A este chamado ouviu-se um reclamo modulado por uma tão harmoniosa voz de contralto, que antes parecia um som de frauta na floresta.

Nunca ouvistes, loitor, nas deliciosas tardes dos climas tropicaes em que viveis, o chiar da casuarina, que vos mystifica a ponto de julgardes ser o ruido das azas de algum anjo, que vem do céo ? Ou pela manhã, sob a copa da mangueira, dourada pelos primeiros raios do sol, não ouvistes nunca o susurro das azas de algum pombinho ?

Agora não ó o anjo ou pombinho.... ou antes ó mesmo o anjo Lucia, que faz rumorejar o vestido branco, nobremente arrastado por um corpo de rainha.

E' possivel que alguma vez esperasseis a aparição de algum ente caro ao coração ; lá ouvís seus passos ; que estremecimentos vos causa

o soalho que estala sob seus pés! Uma porta que se abro, é mais uma barreira vencida para.... Eil-o em vossos braços esse ente querido, mão, pai, amigo ou amante, que importa quem? E' o céu que vos apparece no extremo do corredor ou da alameda.

E' verdade ter sentido todos esses abalos o conego; mas é tambem certo que não deu expansão estrepitosa ao contentamento perante a celeste apparição.

Como vem phantastica na penumbra! Que gentileza no pizar! Leitor, Lucia é muito bella!

Sentou-se, doixando uma conveniente distancia, defronte do Reverendissimo.

—Folgo de conhecer a pessoa que veio dar com sua presença uma tão grande satisfação a meu pai; satisfação que me sorprehe de tanto, quanto é certo que o vejo sempre immerso em profunda tristeza.

—Muito mais me desvaneço de conhecer de perto a notavel bolloza, que tantos corações rendeu hontem no theatro, e ouvir o encanto do sua voz, ventura que nesta terra só eu pude gozar.

Lucia, do pallida que era, tingio-se da côr da pétala do uma rosa. Era a primeira vez que, desdo que seu espelho e o seu coração bradavão ser olla formosissima, ouvia a confirmação do seu

sentir por bocca estranha e de homem ainda moço.

Não curvou a fronte, córou.... mas sorriu-se.

Este sorriso não oscapou ao seu interlocutor, que o acolheu como uma folha da corda do seu triumpho.

—Mous dotes, se por ventura os possuío, não poderião nunca igualar o menos rivalisar com os de outras jovens que lá vi, nesse logar novo para mim. A ignorancia das regras com as quaes so devo uma moça enfeitar, devia revelar-se na simplicidade quasi rustica do meu traje.

—Engano! Essa mesma singoleza em tudo o que dizia respeito á arte, deixava apparecerem em todo o esplendor as graças, com que a natureza esmerou-se em formar-vos; aquella camelia tão alva balouçando-se em vossos cabellos negros, mostrou que desprosaveis as pedras preciosas para dar o logar do honra a uma flór branca. Mas o que fizestes talvez sem pensar, ou no descuido da *bella ignorancia* do que fallastes; essa flór, e a immovel indifferença com a qual encaraveis esse espectaculo desconhecido para vós; essa meditação, que nem deixava pagar com um olhar de curiosidade ao menos, os extasis de tantos admiradores, occasionárão ao vosso

coração suspoitas bem tristes. «E' bella, mas não tem alma; ó flôr, mas não tem perfume» disserão do vós o da camolia.

—O mundo deve ser bem injusto, pelo que dizeis; é a primeira experiencia que obtonho. E vós?...

—Deixei-os fallar, apezar do sentir o contrario; ou bem via que a simulada iudifferença não era mais do que o desejo do conter-vos perante as conveniencias; lia o amor nesses olhos azues; inflamava-me nas chammas que elles despedião quando na scena os lances vivos traduzião a paixão em seus delirios; admirei o carmim, que vos língia o rosto nos quadros em que representavão-se os sentimentos do poeta, unindo-se aos da apaixonada *Marianna*. Sim, mais de uma vez a pallidez jaspeou-vos as faces nos impossiveis daquelle amor immenso do *Antonio José*, movidos o creados pela perseguição. Então amei-vos.... como se ama um anjo que soffre; como se ama um poema, que sabe gemer com as nossas dôres, chorar com as nossas lagrimas o quorer com a nossa paixão....

—Senhor !...

—Oh! deixai-me fallar! Tambem ou, apezar de achar-me sempre em todas as festas do mun-

do, vivo isolado como vós aqui, porque nunca achei um poito que repetisse o echo do que mo vai n'alma. Que similhaça entro a vossa omilha existencia no que diz respeito ao que vai no coração, o que differença quanto ao que rodeia cada um de nós? Eu, no centro dessa sociedade, rodeado de luzes, ouvindo essa musica, que se executa mediante uma paga, vendo essas mulheres que correm aos theatros, aos bailes e aos prazeros sem levar no coração uma corda que vibre ao toquo do sentimento; sempre a mocidade e avidez do amor, o nunca um oasis sequer depois da fastidiosa viagem, uma fonte ao menos onde apagar a sêde!

« Vós, ouvindo ás vozes alta noite os sons do algum instrumento que os bardos tangem ao luar. mas que se cala em breve; essa musica languida que talvez repita o que cantaveis sosinha; á tarde o trilo do sabiá, esse modular saudades, por vós não sentidas, porque não amais ainda; adorando o astro da noite que caminha silencioso, marcando-vos as horas da solidão como um relógio incommodo; deixando voar as madeixas ao sôpro das brizas, que trazem o beijo balsamico das flôres; mas sempre a solidão no retiro como eu a encontro na multidão. E o amor em tudo o que nos cerca, o só a falta

do um onto que possa comprehender o sentir o que sentimos.

« Fugis da solidão, ou do mundo ; não será possível que nos encontremos para amarmo-nos e continuar junctos a romagem ? »

Emquanto estas palavras erão pronunciadas com inflexões, ora de tristeza, ora de enthusiasmo, Lucia deixava abrir os olhos nesso olhar extatico de immenso scismar ; depois estromecia e sorria como ao ouvir uma londa da infancia. Era a linguagem do amor ; as fallas de seus sonhos ; era a melodiosa londa do seu coração que olla ouvia contar em ardentes palavras.

Era tambem a embriaguez da seducção que bebia dos labios desse homem de polidas maneiras, elegante traço e palavras de fogo.

Despertar-se-hia o amor em seu peito ? Quem sabe ! Ella a tinha, essa parola comigo ; guardou-a, ou fizeram-n'a guardar até os vinte e dous annos ; quem sabe se um habil morgulhador a mostrará luzento á flôr d'agua ? !

—E não temeis surprehender-me, confessando já esse sentimento que pude inspirar-vos ? E, mesmo quando nesses caminhos oppostos que seguimos, deparassemos um dia um com o outro, qual seria o destino, o mundo ou a solidão ?

—Perdoai-me, Lucia, se a pallida traducção do que sinto poudo impressionar-vos; na verdade é a primeira vez que nos vêmos o nos fallamos; mas a intimidado que revelo nas palavras, é filha tambem da impressão que vossa imagem deixou desde hontem em minh'alma. Além disso, será necessario conhecer-se de ha muito para dizer-se que se ama? Acuso o beija-flôres conheco todas as rosas para affagal-as o beijal-as? Não será bastante esse primeiro olhar, esse primeiro embate do dous lampejos electricos para mostrar-se ferido o que temos de mais sonsivel? Para saber que é sonhor de nossa vida o ento que, com um olhar soubo dominar-nos? Não, Lucia, sois mais conhecida de mim do que imaginaes; ainda não tinha tido a vontura de vê-ros, e já minh'alma tinha sonhado um anjo, que não existia entre os homons para deixar-se amar por elles; mas no silencio, pensando no amor antes de experimental-o.

« Pareceis a formosa princeza a quem uma fada impôz o encanto do dormir por um seculo na solidão de um castello abandonado; eu sou o pobre caçador fatigado; perdido na matta procurei uma fonte para matar-me a sêde, e a sombra o a macia relva para os membros lassos; da fonte subí ao castello e lá vi a bella adorme-

cida ; foi-me licito entoar um canto, e esse canto soube fazer o que não poderão as ventanias o tempestades, o grasnar das aves nocturnas e as melodias dos filhos da aurora : despertei-a ! O que resta agora ?

Homem ou demonio ! que filtro inebriante sabo desses labios quando tratas do simular a linguagem das paixões ! Que côr, que suavidade, que harmonia ombellecem ossas toadas do perdição ! Repara ; essa mulher traz na fronte a chamma do talento ; nos olhos o fogo das fortes sensações e nas veias o sangue dosso povo, cujo amor faz crescer, defuabar e até morrer. Olha ; agora, já não é a virgem pallida e do semblante triste que hontem cerrou os ouvidos e passou fria quando a multidão manifestou-se admirada diante de sua belloza ; agora, hoje, depois que lhe segredaste essa historia da alma, vê como os olhos lhe scintillão, como as rosas invadem os jasmims das faces ! Homem ou demonio ! Caçador importuno, porque despertaste a princeza adormecida ?

—E depois de acordal-a, para onde levareis a princeza ? Habitareis no castello tomando que a vejão, ou mostral-a-hois ao mundo ?

—Occultal-a, nunca ! Creou Dous os anjos para admiração dos homens. Leval-a-hoi aos salões

para que todos a invejem, queirão e admirem; quero fazer morrorem de despeito essas mulheres, as quaes nunca abalou uma grande palpitação; quero tiral-a perfeita do silencio e do lethargo para apresental-a radiante no tumulto e á vida; quero dizor-lho: « as flôres murcbão, as côres desbotão, os cabellos embranquecom, os olhos perdem o brilho.... tudo o tempo desinha e muda. És bella e moça, gozamos a primavera da vida; quem perde a oportunidade de ser rainha nunca mais terá um throno e vassallos; a gloria que vem tarde já vem fria, como disse Dircêo....

—Senhor, vosso.... nome?

—Felicio.

—Eu tambem....

Um ruido em um aposento do interior poupou a Lucia o cruel embaraço e pejo da primeira declaração; o pretendido Felicio não obri-gou tambem a terminal-a.

—E quando penso que, depois de saber que vos não sou indifferente, as portas desta casa nunca mais se me abrirão para contemplar-vos, soffro a mais cruel tristeza. Vêr-vos e fallar-vos, aproveitar essa circumstancia offerecida pelo céo de entregar ao Senhor Bruno essa carta, o ser

ella mesma, que trouxe-lho a vida e a patria, a que me ha de privar...

—O que vos leva a crêr isso?

—Vosso pai partirá brevemente para a Italia, disse-m'o e desculpou-se de me não poder offerecer sua amizade; não seroi ou de certo, quem o vá interrompor na pressa de vêr sua terra natal.

Esperou o offeito destas palavras e notando a pallidez e inquietação de Lucia, continuou:

—Ha só um meio de fallarmos de nosso amor e felicidade; esse meio, eu nunca o apresentaria, se o meu amor protegido de todo o respeito e veneração por vossa pessoa, me não impusesso a obrigação de acatar-vos.

—Qual é elle? perguntou Lucia receiosa.

—Uma entrevista no jardim.

O sobresalto que moveu Lucia ao ouvir estas incisivas palavras justificão o receio da pergunta; era a reacção da virgindade e do pudor habilmente assaltados por aquelle astuto combatente.

—E o respeito que devo á meu pai e á esta casa? Não seria torturar sua confiança admitir-vos nella, ignorando elle? Meus pés certamente recusar-se-hão mover-se para esse fim, apesar de vossa promessa.

—Do que serviu dizer que me amavos, o fingir emoções que não sentiois; para que deixar-me embriagar com tantas esperanças para esmagar-me agora? Foi sem duvida um passatempo que procurastes á monotonia do viver, deixando-me derramar em vossa presença os segredos do coração! Lucia, porque tomois confiar-me o thesouro de vossa honra? O que tem a simples prova de uma entrevista mesmo em vossa casa, essa mutua confiança que os amantes se dão facilmente, porante os sacrificios de uma paixão verdadeira?

Temeis o ruido de vossos passos na arvoia? Assustar-vos-ha a quêda do orvalho, essas lagrimas de anjos sobre a folha sêcca? O susurrar dos ramos ás brizas da noite? Lucia, para que matar-me quando ia começar a viver? Ignorais que uma recusa, ou a privação da luz dossos olhos será a morte de minhas illusões, e talvez a morte de meu corpo?

Lucia orgueu-se agitada, ia balbuciar alguma promessa, confissão ou pedido, quando Bruno assomou a uma porta do salão.

O conego levantou-se e dispôz-se a partir. Lucia occultou-se algum tanto para esconder a emoção a seu pai. Enxugaria uma lagrima, comprimiria algum suspiro?

—So vossa esposa parecia-se com vossa filha, tinheis muita razão em adoral-a, disse o conego com affabilidade.

—Lucia é o retrato vivo de Angelica, redarguiu Bruno suspirando.

—Talvez nos não vejamos mais; aqui fico em S. Paulo para vossas incumbencias. Só desejo que a vossa entrada em Florença seja igual á de um triumphador em Roma.

—E eu, meu amigo, só espero abraçar Sanzio, entristecer-me porante as mudanças do logar de minha dita, o breve descansar para sempre a cabeça na terra de meus pais.

—Antes disso conquistareis muitas glorias. Adeus, senhor Bruno.

—Em Florença para servir-vos até á morte! Adeus.

O conego dirigiu-se para Lucia, que sorrindo e estendendo a mão, vinha ao seu encontro.

—A entrevista ou... a morte!

Lucia fitou no rosto de Felicio os bellos olhos, e apertando-lhe a mão:

—A entrevista e... a vida!

Um relampago de prazer illuminou as feições do conego; mas soubo conter-se.

Sabiu; os cães recommearão a uivar; o homem do diabo abriu o pesado portão e dei-

xou passar o onto que julgava-se o mais feliz da terra.

Foi até a esquina e viu o pagem resomnando de pé e recostado ao sellim.

—Ignacio ! partamos.

Algumas estrellas já ompallescência no firmamento ; o frio era intenso. Era a hora em que os ultimos echos dos mysterios da noite calão-se inteiramente ; em que o amante dormo sonhando na virgem adorada do seu pensamento ; e em que o mondigo resomna no lagedo porque o cansaço venceu o hiverno.

Montarão o seguirão.

Poucos minutos depois, ouviu-se ao longo uma soffrivel voz de tenor que entoava a canção bachica do libertino D. Cezar :

« Até com risco de vida,  
Viva a cousa prohibida ! »

Devasso !

Boa noite, leitores.

---

### TERCEIRA NOITE.

A mesa estende-se pejada de saborosos manjares rotalhados e de immensas garrafas já provadas. Não é mais a conveniente siseudez do principio do festim ; agora é o periodo ruidoso, em que os homens saúdão-se bebendo, gritão protestos de amizade eterna para beberem ; em que lembrão-se da amante pronunciando a inicial do seu nome querido com o motivo poderosissimo para embriagarem-se ; são os grandes sentimentos, as grandes affeições atiradas aos ouvidos de extranhos para pretextos de copiosas libações e *espirituosos* improvisos.

E' o vinho o elixir que faz descerrar os labios dos mais austeros,—dá brilho aos olhos dos

mais frios, mostra valentes os mais cobardes e crentes os mais scepticos!

Será este o liquido que Hoffman dá a beber ao bom frado Medardo, o olixir que arroja o pacifico cenobita no torvelinho desonfroiado das paixões? Não sabemos; ou antes, é provavel que o Porto, o Xerez e o Jobannisberg produzão no intellecto um offeito poderoso e tranquillo; mas o *Champagne* estropitoso e espumante, esse é o creador de muitos poetas e oradores! Tomos quasi certeza que os grandes generaes francezes não farião a admiração do mundo no valor e intrepidez, se antes da acção não sacrificassem a *Marte* e *Bellona* um calix do louro e palpitante liquor patrio!

E vós, bellas creações do Deus, jovens morenas ou claras, que mollo languidez vos dobra o collo, deixando pender a fronte sobre a nivea dextra; quão tornos lampejos despedem esses olhos; quão lindas côres vos tingom as faces; quão moigos sorrisos entrecabrom os labios, quando no banquete libaes á constancia do amor um calix do *Champagne*!

Em redor desta meza não se achão sentados generaes francezes, homens frios, cobardes ou scepticos, menos ainda; e por infelicidade, as morenas ou claras creações do Deus; são os filhos

do seculo, que aprenhêrão a crêr nos poemas de Byron o a duvidar no sarcasmo do Voltaire.

E' a mocidade que se onthusiasma na liberdade da patria e vê-se cercada de escravos; que não vio o sol do Ypiranga e acha pequenos os homons que esmagárão o primeiro jugo; é a nova geração, que desconheco a obra de seus avós e esbanja os thesouros de civismo doixados pelos pais; são os democratas em embrião, que lêem Peloton, cotejando suas prophecias com as ideias do programma do ministerio existente: emfim ora um pugillo de *moços habeis*.

Infeliz terra de Cabral! Todas as riquezas que teu suio offereco, quer nas immensas florestas que empinão com as nuvens, quer nos caudalosos rios de ruidosas cascatas, o quer nos veios luzentes que offuscão os olhos de extranhos, tudo isso olles, os ingratos desprezão!

Nem lhes basta desconhocerem as lendas dos filhos do sertão fundo, ou das praias do mar, unicos irmãos que soffrem, trabalhão e cantão; mendigão dos de fóra o alimento do corpo e do espirito!

Já ouvimos um ancião dos tempos de Pombal dizer da altura daquella cadeia, onde muitos trocão com os ouvintes a mentira pelo applauso:—« Não creio na geração; tonho visto passarem

muitas e ouvido as prophcias que soem clamar no berço de cada uma dollas ; todas caminhãrão mas não adiantãrão. »

Reina a alegria em sua expansão. Ergue-se Alvaro, mancebo imberbe e de cabellos longos : sorria Raphael Sanzio se não fosse estudante de São Paulo :

—O brinde que vou propôr-vos, estou certo, ha de abalar as fibras de todos os corações presentes : á belloza, meus amigos ! á seducção da humanidade ! ao bello que reveste todos os seres, nas flôres, na pintura, na musica, na floresta, na cascata, no oceano, no amor e na mulher !

— « A belleza ! » E o champagno espumou e todos bebêrão, excepto um conviva.

Ficæ sabendo, leitor, que esse conviva tambem ama o bello ; mas se não correspondeo, não foi porque deixasse de apreciar o *falerno* dos Horacios da epocha ; e quem poderã resistir á vida que ollo mostra na effervescencia ?

O conviva tinha suas razões que em tempo apparecerã á luz.

Um mancebo de tez morena, fronte larga, buço e cabellos negros, desso typo americano que dizem, muito aprecião as grandes damas francezas, empunhou um copo e em voz argentina :

—Todos aquelles que tom uma mão, uma irman, ou uma amante sigão-me no entusiasmo com o qual vou brindar a mulher. Á melhor obra do Eterno, á creatura forte mesmo na fraqueza, bella até na queda—grande até na mesquinhez da sorte ! A mulher !

Tres vezes foi saudado o orador e mil ondeosada a mulher, e todos bobêrão, excepto o conviva concentrado, que desta vez attrahia a curiosidade, provocada pelo silencio e abstinencia que apresentava.

Um desses, cuja voz estridente e gesto animado scellão o tribuno nas oxagorações, vociferou :

—Aquelles homens que *bem comprehendem* as ideias e *necessidades* do nosso pacifico povo ! Aos homens que *conservão* a paz e a ordem como garantias do *progresso* ! Não desse *progresso sem freio*, que destróe todas as barreiras das *instituições juradas* ; mas o *progresso reflectido* ! Ao partido do governo !

Grande vosoria echôu pela sala e arredoros. Trocárão-se reclamações, mas a final todos bobêrão : ainda bem.

Um outro tribuno do mesmo genero de eloquencia, que, como distinctivo de suas ideias

trazia ao pescoço uma manta vermelha, pediu atenção e prorompeu a aronga *ad populum* :

— Aos livros ! A esses que não abafão no peito as ideias da *humanidade progressista* ! a esses que só aspirão aos governos do *povo pelo povo* ; que não querem *oligarchias*, mas a asconção da *realeza da intelligencia* ; a esses que até mesmo em frente dos *canhões* do despotismo tom a coragem do brador : Viva a liberdade ! viva o partido da opposição !

A mesma vozoria, as mesmas reclamações e a final a mesma geral libação aos douses tutelares da patria ameaçada.

Só o conviva pertinaz mostrava-se calmo perante a tempestade politica ; esta persistencia agora irritava os dous lados.

Um estudando de estatura colossal, chronico nos annes da Academia, coevo de seis gerações que ontrárão e sabirão pelas arcadas, o qual em qualquer das Universidades da Allemanha teria jus ao titulo de *könig* (rei), em vista das cicatrizes que lho ornavão o rosto e cabeça, provas venerandas e honrosas do serviços prestados nas luctas do *piuva* ; por sua vez levantou-se o bradou deitando um olhar de travóz para o conviva silencioso e abstinente :

— Quero que todos me acompanhem no temi-

vel toast que vou erguer ao corpo academico; tudo será quebrado e não ficará pedra sobre pedra como no desmoronamento de Jerusalem Ao corpo academico!

Cantarão o hymno academico, esse unico elo que ainda prende os estudantes e que desperta o espirito do classo, e não ficou vinho nos côpos.

O Mathusalem levantou-se de novo e exigiu attenção.

—E' notavel que, quando todos correspondem com entusiasmo ás saudações feitas á helleza, ás mulheres, á prosperidade da patria e ao corpo academico; é notavel, ropito, que esteja ontro nós um moço, que deve ter gravado no coração o nome do mão, irmã ou amante; um brasileiro e um estudante, e a nenhuma dessas ideias e nomes bebosso o se regosijasse comnosco! Nos bñquotes da mocidade só entrão homens do coração; dispensão-se os *cavalheiros-negros* da edade média; é feio um corvo no bando de canarios!

—Não hebo vinho porque segue a lei de Abraham e Israel! gritou um.

—E' estoico como Seneca; tom gêlo no coração e na cabeça! bradou outro.

—Explique se; póde justificar-se! gritarão muitos.

Apparece em scena o estoico, judou, o homem sem coração e ideias, segundo vimos appellidal-o; o homem mystorioso, quo á noite caminha sem parar, cujo peito guarda os segredos como o oceano a perola, aquelle do qual vos esquecetes, bom leitor, Dalmo omfim.

—Perdoai-me, amigos, se como todos, não pude empinar uma taça, e entoar um canto aos sêres que acabais de brindar. Não o fiz, porém, não porquo aprecio no todo as doutrinas dos Estoicos; sou christão e catholico, tenho uma extremosa mão, o amo a classe a que pertenço. De tudo isso me ufano.

Quando Alvaro invocou o bello na flôr, no prado e em tudo o que nos cerca, agitou-me o abalo de quo é susceptivel todo o joven ao ouvir taes palavras; mas Alvaro não complotou o que pensava; foi á seducção quo fascina, á belleza exterior e não á alma, á virtude na mulher o mais bello dom desse ento, que ouvimos e apreciamos a manifestação do seu enthusiasmo.

O braço quiz mover-se, a voz ia sabir, mas a razão e a liberdade não m'o permittirão.

Quando occupei um logar neste festim, jul-

guei que, livros lá fóra, aqui entre irmãos de letras, mais do que nenhures, o homem podia render preito ao que disse acreditasse digno.

—Tem toda a liberdade! Muito bem! exclamirão todos.

—Lino, o nosso poeta, elevou a melhor obra do Deus nas azas da phantasio, incluindo sua grandeza até na quéda; meu espirito recusou-se a adorar o onto que, ao mesmo tempo que é immenso na virtude e honestidade, torna-se hediondo e funesto no desregramento dos vicios. E o homem que é moço ainda, que tem uma mãe, irmã e talvez amante, não quiz acompanhar-vos na saudação feita á prostituta e á perdida.

Se aqui fosse apresentada a mulher que se perde ou regonera pelo amor, ou seria o mais caloroso entusiasta; porque a mulher que ama verdadeiramente purifica-se de toda a mancha; e amor sancto rehabilitou a Magdalena!

—Muito bem! Eu deveria ter pensado antes de bober! exclamou um estudante inflammavel á voz do primeiro orador do esquina.

—Calo-se; attenção!

—Para que fallardes na prosperidade da patria, quando quoreis apresentar o partido dos vossos amigos, protectores ou parentes? Do que

tem servido á patria esses partidos, quando *comprehendem* sem remedial-as as *necessidades* do povo *pacífico*, ou quando gritão liberdade mesmo perto dos *canhões do despotismo* ?

O que vem fazer nos labios de jovens intelligentes e patriotas esses nomes *governo* o *opposiçãõ*, quando vós mesmos saheis que do ombato delles não tom provindo resultados beneficos ao paiz, que nos viu nascer o que muito aspera do nós ? O paiz e sua prosperidade não se assimolhão á fabula de Sisipho, que levanta a pedra até o cumo da montanha, para vel-a escorregar e rolar até as profundezas do abysmo ? Esso labutar insano da patria offerocondo suas riquezas naturaes e a indole excellento do povo, carregando os onus sem um passo para o verdadeiro progresso ?

O corpo academico ! Quereis fallar sem duvida desses quatrocentos jovens que se rounem nos dias uteis no velho convento, dividem-se por diferentes salas, tendo ligado ao nome *um numero*, pelo qual acodem muitas vezes ; e dizem que estudão sete mezes ; e no fim de cada anno sem se saber que fóraõ irmãos durante annos, que vivêraõ em uma época esteril ou fecunda do acontecimentos para sua terra ; sem deixarem uma prova de que ponsárão e amúrão, auxiliá-

rão e defendêrão os contemporaneos nos arrojões do genio e na aspiração do nome ?

Nós somos quaes viajantes que se encontráramos por acaso em uma pousada durante uma noite tempestuosa, e partirão ao romper do dia sem um adeus, sem uma lagrima e uma saudade : frios entráramos, frios sairão ; frios chogamos, frios partimos !

Chamaes á isso corpo academico, e querois saudal-o assim ?

Qual a senha que se distribue aos soldados no momento da partida ? Nenhuma. Muitos sabem que tem de arranjar futuro quer nas escadas de algum ministro, quer no ocio offerecido por uma fortuna ; muitos... não, poucos na mercagem de sua mão ennobrecida por um titulo, e rarissimos vão rogar o campo desconhecido e ingrato das letras e sciencias, com um suôr amargo !

Ainda a mão recusou-se e a liberdade e a razão esfriáramos quando aquelle veterano brindou a nossa classe, e eu sou Dalmo o Academico !

E se neste, como em qualquer outro festim tivesse de saudar algum nome e ideia, eu diria : *Virtude e amor !*

—Viva o Papa ! rosnou um conviva ultramontano, já no quarto gráo de Nicolai-Nicolini,

rolando para baixo da meza, assim como o poder temporal cahirá um dia.

Poucos ouvirão Dalmo, muitos resomnavão o a maior parte tinha doixado o campo coberto de destroços.

Ninguom apreciou a synthese, patriotismo e dedicação á união academica. Não era vaidoso, por isso sabiu. Soria bom que muitos oradores se-guissem este exemplo do abandonar a tribuna quando a força da logica e a vehomencia dos gestos, não prôgão os ouvintes aos bancos.

. . . . .  
Noites do Piratininga ! Como sabeis influir a magia desses luars, dessas cortinas de nevas nas montanhas, nas palmoiras, nos lagos e ilhas da *Varzea* ! Quanta saudade, quanta poesia, quão doce cogitar desportaes no peito que ama e soffro ! Amo-vos, quer na claridado sem calor, quer na meia escuridão em que vos escondeis quando o firmamento se recama de estrellas scintillantes e o astro generoso não quer empallidecer os brilhos de suas filhas !

Quando todos dormem não reconheceis Dalmo naquelle homem, unico que admira-vos sempre e que vela em vosso soio ?

Dalmo camiuba no profundo meditar do que

disse o do que pensava sobre as cousas deste pequeno mundo.

Internou-se pelo labyrintho de viellas de Sancta-Iphigenia, solitario á noite como do dia, ahi onde os jasmins expandem a fragancia, e as camelias brancas prateião os muros como outras tantas estrollas.

Mas, que tem elle que pára ao dobrar a esquina? Algum nocturno ladrão ou amante esperado que aproveita a luz duvidosa desta noite estrellada?

Um homem segura-se á um ramo, apoia-se no lombo da taipa e deixa-se cabir no interior.

—Se fór amante, respeite-se o mysterio; se ladrão espereemos a volta.

Avançou alguns passos e encostou-se ao muro. Mas Dalmo é um gigante e a taipa alcança-lhe apenas a barba, e elle póde vêr e ouvir o que se passa dentro do jardim.

Olhou e viu um caramanchão debaixo do seus olbos e um homem de pé juncto á uma columna.

Atrahiu depois sua attenção uma fórma de mulher que caminhava para esse homem por uma ahmeda fronteira ao lindo asylo.

Que fada, sombra ou sylphide aproxima-se temerosa do quem a espera sem respirar?

Não é fada ou sylphide; é uma mulher que obrigada pela força do amor *pur se muove*....

Como voão-lhe as madeixas ao sôpro da briza! Como treme seu corpinho, como são-lhe incertos os passos! Vestido branco? Não estamos no hiverno? Que fogo devorador se alimenta em seu peito, que se não crispão as mãos ao contacto do ar frio? Esta mulher ama! E este homem ainda moço vem talvez ontornar-lhe nos ouvidos na hora morta o logar êrmo protestos de ternura; mas elle traz nos hombros um manto, e o pescoço envolve-se em espessa manta!

Este homem não parece amar!

—Lucia! Obrigado!

—Felicio!

—Flôr do meu coração! Que terror te agita? Derão-se as mãos ambas e sentárão-se no mesmo banco de marmore, que ficava mesmo sob os olhos de Dalmo, testemunha complacente da tanta ventura!

—Não penses que tremo por dar este passo; tenho em ti toda a confiança que um sentimento sério pôde inspirar. Meu pai que viesse neste momento não me assustaria; a elle mesmo apresentar-te-hia como o escolhido do meu coração.

—Pensaste em mim depois que me retirei, ou minha sombra varrer-se-hia de todo?...

—Oh! mal podes imaginar quantas horas anciosas passei depois que sabiste! Nesta solidão só ouvia tua voz; tuas meigas palavras ainda me resoavão nos ouvidos durante todo o resto da noite. Quando meu pai me fallava, parecia-me ouvir-to, tal era minha distracção.... Diz-me, Felicio, quando te partiste hontem, recostei-me á janella do meu quarto, e julguei ouvir o echo de uma voz que cantava alegremente; eras tu, eu o sei, reconheci-to na melodia; diz-me o que dizia essa canção?

—Erão os estremecimentos de uma alma satisfeita em sua paixão; posso saber agora o que cantava, quando n'estas vinte e quatro horas nada mais tenho feito do que modular prazeres e saudades?

—Saudades!... Pois, tambem sentes saudades no seio dos prazeres e da alegria? Saudades são para mim só que vivo....

—Eu tambem as soffro; depois que te vi, meus olhos só se voltam para o logar em que habitas.

—Como somos felizes.... não é? Felizes!.... enganai-me Felicio; não sei o que me prosagia o coração; escuta. Hontem, depois que o ultimo echo de tua voz sumio-se no silencio, olhei para

o céo e disse comigo mesma: Vejamos se as estrellas confião-me o futuro deste amor; se aquella que ou fitar, consorvar-se até que eu me rotiro, tenho certeza de minha ventura, o....

—E o que te disserão as estrellas, bella adovinba?

—Todos as que chamei em meu auxilio, todas empallidecião até morrerem!..

—Era a luz do dia que desmaiava a dos outros astros da noite.—Porquo não consultaste o sol que nascia, o elle nessa luz forte e crescente mostrar-te-hia a energia de nossas almas, elle dirte-hia o contrario.

—Era bastante; e quando veio o dia, tive a mais completa confirmação do que me predizerão as estrellas: meu pai disse que me preparasse para partir nestes oito dias....

—E o que lho disseste?

—Mostrei-me sorprehendida e perguntai-lho o que ia fazer á sua Italia, onde fóra tão infeliz; notei que elle extranhou essa pergunta, pois julgava achar-me mais disposta: nada me respondeu o.... Ah!...

—O que tens, Lucia?

—Pareceu-me vêr uma grande mão, que procurava afastar da parte de fóra as folbas do jasmimiro....

—Foi sem duvida algum passarinho aninhado  
ahi, que invejoso de nossa felicidade sabio on-  
fadado.

—Não, Felicio, é talvez a mão pezada da fa-  
talidade que trata de separar nossas existencias!  
Partir para a Italia, quando queria agora viver  
neste paiz! Era-me preu agora vêr as mar-  
gens destes rios tão bellos do quo mou tio falla  
constantomente; illuminar-me á luz esplendida  
do sol e na suave da lua, mas em liberdade,  
foliz! Tu só, Felicio, poderás demorar ou mes-  
mo desfazer essa vingom...

—Porque meio, Lucia? Com quo pretexto apro-  
sontar-me-hoi a teu pai, oxigindo a adiação ou  
esquecimento para essa viagem, depois da qual  
pretende elle apparecer em todo o esplendor de  
sua gloria e innocencia? Quom sou eu, perante  
a nobre aspiração de justificar-se em seu paiz  
para com o passado e o futuro brilhante que  
o espera? Prestei-lhe o serviço de qualquer cor-  
reio; devo estar sufficientemente pago pelo ex-  
cellento modo com o qual fui por elle recobi-  
do e acolhido, e pela confiança de narrar-me  
sua historia.

—Quando me convidaste para esta entrevista  
pensei que vinhas concertar a maneira de tor-  
nar possivel a união do nossos destinos; mas,

já que onfraqueco aquelle que devia mostrar-se mais forte, o que me restará, senão retirar-me o esquecer-me....

Mas fica sabendo, Felicio, disse Lucia afflicta o mal contendo as lagrimas, que me fizeste muito mal !...

—Lucia, não é a Doragem que me falta ; o que nos atraiçôa é a altura da barreira além da qual está a nossa ventura.

—Não será mais accessivel do que este muro ? Perguntou Lucia com a ironia do ressentimento.

—Para que este azedume nas palavras quando pouco resta a vencer !

—Então porque não tentas ? E' cruel, Felicio, ouve-me bem, é cruel arrastar-me a este sitio a esta hora para enganares-me ou fazores do meu pobre coração um objecto de mosa !... Seria capaz do morrer....

—Lucia, tu serás a primeira a abrir o portico do nosso risonho porvir ; falla, roga a teu pai para que não parta tão cedo....

—Sim, dir-lhe-hei tudo, lançar-me-hoi a seus pés rogando ...

—Nunca lho descubras o nosso amor por tudo o que mais estimas, senão tudo estará perdido !

—Fraco! murmurou uma voz oxtanha.

—Que é! Não ouviste fallar?

—Não; é talvez o mocho que pia na egreja visinha. Como és sensível!

—Não, Felicio, ouvi distinctamente uma voz que fallou em tom de improcação.

—Quando tudo dormo, toda a natureza ama, e se algum sôr falla, é alguma palavra de caricia ou de pranto.

—Quantos presentimentos me esvoação sobre a cabeça? E não ó de temer o triste piar do mocho, quando se falla do futuro e felicidade?

—Escrupulos puerís! Póde-se adivinhar se a ave agoureira tambem soffre e ama! Mas sou canto ó tristonho o todos dello suspeitão....

—Escrupulos puerís chamas tu aos meus sobresallos, e como deverói eu chamar essa hesitação em partilhar comigo as amarguras por uma recusa do meu pai?

—Além dessa viagem ha talvez um impossivel a vencer mesmo pedindo a teu pai.... Como encarar o superar esse impossivel, meu Deus? Lucia ou te amo o muito! Quizera agora não ter-te conhecido.... ou antes morrer no momento em que pela primeira vez te vi! E' impossivel, Lucia, que me continues a vêr.... Ah! para que te illudiste, meu coração?

O conogo disse isto em um tom pungente e digno de lastima; enxuga os olhos e sua voz tem a inflexão da verdadeira dôr. Começará elle a amar devêras?

—Quo impossivel será esse, grande Deus! Não mo amas a mim só? E não te amo eu tanto? Não me enganes, Felício; diz-me eu t'o peço pelo nosso amor.... E Lucia trémula conheceu-se ao conogo, como esperando de seus labios uma sentença.

—Dizer-te tudo! Julgas isso facil? Seria o mesmo que desejar o teu desprezo; seria o mesmo que vêr-te partir para sempre talvez amaldiçoando-me.

—Embora m'enganasses ou nunca desprezar-te-hia; amaldiçoar o desprezar o primeiro homem que amei, o unico que amarei, seria desprezar e amaldiçoar o meu coração.—Não mo digas qual é esse abysmo que nos separa do risinho campo do futuro; não o quero saber. Para que tão cedo o desongano, quando se esperou tanto em tão pouco tempo?...

A anciedade do occulto Dalmo era immensa.

Que mulher será esta que não quer ouvir falar em infortunios, quando elles a ameação de tão perto? Que coração será esse que se engol-

fa om um sentir tão forte, que não quer ser despertado?

Esta mulher morrerá quando accordar desse sonho!

Tudo isso scismou Dalmo.

Calárão-se os amantes e conservárão-se nessa mudez agitada que não tem gestos nem vozes para revelar-se; mas que se exprime e assusta pelos suspiros e anciar dos seios; mudez que aturde, embaraça e muitas vezes mata.

Felizes daquelles que tem palavras para expandirem tudo o que sentem; lagrimas para verterem tudo o que soffrem; esses sentem pouco, soffrem menos e nunca amão.

A final é preciso que a dôr se mostre, e a creatura ha de apresental-a bem pungente, quer pela voz, quer pelo pranto.

—Lucia, aconteça o que acontecer; hoi de combater o passado e o presente para servir o nosso futuro. A noite traz consolho; amanha á mesma hora, o tudo decidiremos; fallar-te-hei francamente; o que hoje occultei, saberás.

Tranquillisa-te e ama-me sempre.

Levantárão-se.

—Felicio, tudo soffrorei, mas esquecer-te? Nunca! Adeus, e amanha espero de teus labios a felicidade ou a morte!

—Morto ! disse o conogo assustado, Lucia, não profiras essa palavra, quando tou poito sente tanta vida ! Morrer ? Ainda quando esse amor percesse amanha por qualquer desengano, tu não morrerias....

—Não queiras tental-o, eu t'o poço. Disse Lucia em tom firme.

Derão-se as mãos e na doco compressão dos dedos deixarão transmittir-se a paixão que um ou ambos experimentavão.

—Lucia ! Adeus.

—Felicio ! lembra-to de mim !

O conogo galgou a taipa e sorprehendeu Dalmo que pretendia esconder-se.

Quando ia pular, uma porna das calças arregaçou-se e apparecou a ecclesiastica meia.

—E' um conego ! Disse Dalmo.

Retirárão-se e tudo entrou no silencio habitual do logar e daquella hora.

---

#### QUARTA NOITE.

São estes os filhos do seculo que na tribuna ondeosão o crime sacrificando a verdade; no pulpito desprendem sons lamentosos sobre o eterno thema da corrupção da época, contra os parceiros no vicio, e d'ahi ha pouco, ainda com as faces afogoadas pela *santa-indignação*, vão arriscar em uma carta a paga do trabalho de fingir uma hora, ou saltar os muros que protegem a castidade!

Vestem os venerandos habitos que os distinguem no alinho singelo e artistico do resto dos homens e affrontão o muado assim como o soldado toma as armas, ou o marinheiro parte para longiquos mares; mas nunca despom-so da am-

bição de mando, de gloria profana ou de conquistas do amor,—são homens sempre!

Essa abnegação dos conobitas tão respeitavel hoje não tem imitadores; essa immunidadade que o ministerio lhes garante, tudo sacrificio ao *panem et circences*; não é mais um sacerdocio é um officio, não é mais um padre, é um *homem*!

Excepções? Talvez esses poucos de faces marcadas na flôr dos annos o que chorão no silencio a grandeza do sacrificio que lhes impuzorão; ou esses, cujas fronteas cercão-se das corôas alvas da decrepitude, nos quaes só a edade incutiu o dever e abstinencia!

Assim monologava o solitario, dirigindo-se nessa outra noite para o logar em que perigava a honra de uma mulhor e o socego de um velho pai.

Chegou algum tanto tarde para o que desejava ouvir, mas bem a tempo para o que pretendia obrar.

Encostou-se á taipa e escutou.

O amor e a seducção não demorão seus planos. Pais do familias! Nunca é cedo para embargar os passos do amante e estancar as expansões do amor; quando por acaso chegaois ouvir sempre o ruido do galope de um cavallo; yêdes um manto que ondêa o perde-se na escuridão; mas esse cavallo carrega dous ontes que se sup-

poem felizes, e esse manto cobre um homem que disse ou fez alguma cousa.

O pseudo Felicio está sentado em um dos bancos do caramanchão e a formosa Lucia reclinase no espaldar desse mesmo banco; as mãos de ambos entrelaçam-se; e os olhos despedem chammas.

Que traje elegante! Como brilha a pedra do alfinete á luz de uma ostrella que conseguiu penetrar o dubio-escuro do amoroso asylo! Que cheiro de sandalo! Na verdade Satan—o feiticoiro, o gracioso Satan melhor se não enfeitaria para uma conquista.

—E' o unico meio, Lucia, que suggerio-me o invocivel desejo de fazer-te feliz comigo. De mais, seremos os primeiros ou ultimos a lançar mão deste extremo recurso para amarmos-nos, vermos-nos sempre o fugirmos á fatalidade?

Não te creou Deos tão bella e apaixonada para cumprires o destino cruel que outros prepararão.

—Meu Deos, inspira-me!

—Não sonhaste nunca apparecer nos salões deslumbrando os homens e matando de inveja as mulheres? Ao lado do unico homem que amas ser superior a todas as seducções; ouvir os cantos e esquece-los; sentir a fragrançia das flores

que te offercêrão, e pizar essas palmas; altiva para tudo o que não fôr o teu amor....

—Sim, Felicio, tudo isto me agita, me fascina, mas desejava gozar tudo isso depois de ter recebido as benções do meu pai; não quero sabir senão pela porta principal recebendo as lagrimas de saudades do meu pai, mas não adivinhando as de raiva e maldição! Nem avalias o que pedes. E' um sacrificio para um amor, aniquillando outro muito sancto! Meu velho pai! Como lho amargurarei os ultimos e já torturados dias com esta ingratidão? E mesmo quando nessa felicidade que me pintas, ao tocar a taça das vonturas, que me offerces, não nos ha de amargar esse nectar á lembrança de quo essa taça tem no fundo a morte e a maldição do homem a quem dovo tudo?

—Teu pai viverá quando souber que és feliz; recordar-se-ha de quanto luctou por sua esposa e pensará tambem quo um homem podia amar sua filha até o delirio. Além disto, tua ausencia pouco influirá para o seu coração ombriagado pela gloria. Partirá, o Florença, a *Academia*, suas honras e o amigo Sanzio adormontará o leve pezar que por ventura soffra com a tua resolução. Mas.... disse Felicio receioso ao vêr approximar-se um homem alto, seguido pelos

cães que uivavão—o que quer dizer isto? Um homem caminha para este logar!...

—Nada tomas. E' Mario, meu tio, que procura a sua pedra preciosa; é somnambulo.

Com effeito o *homem do diabo* seguia por essa rua do jardim, trazia os braços estendidos como procurando algum objecto; os olhos fitos parecião duas brazas:

—A pedra.... cem mil florins!... rico! Cem mil!

Parou mesmo em frente do *asylo*. O conego nem respirava; Lucia parecia indifferente ao que se passava. Mario, como achando o que buscava, foi direito á um pé de rainunculos, onde as gottas do orvalho reflectião a luz das estrellas:

—Achei!... aqui está ella!... E o pobre Mario lançou-se sobre a flôr.

Não, a pedra é dura.... ainda não! E continuou a triste e fatigante labutação do pensamento constante—a pedra.

Afastou-se; os cães rosnavão para o conego, mas a um signal da bella Diana, seguirão o infeliz Mario.

O conego tornou a si do susto; sentárão-se os amantes.

—Neste instante acabas de apreciar em teu tio, naquelle homem que dobalde procura a sua fe-

licidade—o seu brilhante, o que se passa em mim. Sempre mostrando-te o caminho que nos levará ao paraíso da vida, e sempre essa hesitação, essa tibieza quando tudo concorre para a realisação do que desejamos.

—Mas, Felício, a fuga é a vergonha, é...

—Lucia, a fuga é o amor, é o céo, é a vengura. A fuga, quando se ama, é a vingança dos que soffrem, é a affronta dos opprimidos atirada á face dos oppressores; a fuga....

—Pois bem! Cumpra-se o destino: toroi coragem do não prantear o futuro se me fôr adverso. Juras—respoitar-me, até que eu mesma te escolha para esposo? Perguntou Lucia erguendo-se e com a voz firme.

—Juro-te pelo amor que me domina; juro-te...

—Serei capaz de matar-me se me traires.

Calárão-se porque o *esqueleto* vinha do novo para o mesmo lado e já estava proximo.

O conego tambem ergueu-se e estendia a mão na attitude do juramento.

—A minha pedra !... Quem m'a roubou? Bravadava Mario.

O conego quiz esconder-se porque o somnambulo distava apenas duas braças dello.

—Não te movas ; elle passará sem despertar, disse Lucia com segurança.

Mario parou mesmo em frente do caramanchão ; seus olhos estão parados como os de uma estatua, os braços estirão-se na direcção do conego, que agora estromeco. Mario avança um passo, os olhos fechão-se e abrem-se uma, duas vezes e... lança-se ao peito de Felicio e arranca-lhe o alfinete exclamando :

—Aqui está ella ! Bruno achei !... e partio correndo para a casa.

O conego mal senhor de si, e com pasmo do accidente, cruzou os braços e com um tom de amarga ironia :

—Foi uma traição, senhora, que me preparastes. Desojaveis levar para a Italia uma lombo-brança desta terra....

—Ingrato !... Um tal juizo ! Ah ! meu Deos ! Bradou Lucia offendida, em lagrimas.

—Adeus, senhora, amanha ou virei e esperar-vos-hei.

—Sim, Felicio, amanha dar-te-hei essa miseravel pedra e o ultimo adeos.

O conego voltou a si da crueza com que tinha tratado a mulher innocente e justamente offendida ; cahio de joelhos e segurando a dex-

tra de Lucia, disse em voz de arrependimento sincero :

—Pardão, Lucia ! Eu sou muito máo. Julguei-te....

—SENHORA ! bradou uma voz que vinha da parte do fóra—nunca poderois pertencer a esse homem ; repelli-o ; esse homem é um *padre* !

—Ah ! gritou Lucia levando as mãos ao coração, e comprimindo-o—cabit desmaiada sobre a arca.

Pobre Lucia ! partira-se a corda de sua harpa sancta ; estalarão-lhe as fibras do coração a esta ultima palavra—*padre* !

O conego ainda de joelhos ouviu aquellas palavras que lho roubavão a ultima esperança e que lho desatavão a mascara ; orão as tres palavras que Balthazar vio escriptas no celebre festim. Faltavão-lhe agora a força e energia da entrada para a sahida : subio como lho foi possivel a teipa e deixou-se cahir na rua.

Desta vez, porém, o homem que pronunciara as fatidicas palavras estava do pé agigantando a entrada com seu vulto.

—Boa noite, gentil cavalheiro.

—O que me querois ? perguntou trémulo e querendo rotirar-se.

—Esperae, tendo paciencia.

—Dinheiro? tomae, e introduzio a mão no bolso.

—Guardao vosso dinheiro; os bons cavalheiros não codum medrosos a propriedade atacada; esperão que lh'a tirem com a espada em punho.

—Percebo; quereis vender o segredo. Quanto pedís?

—Nada poço, exijo que me acompanhes Sancta Pandega, até onde eu quizer levar-te—disso Dalmo um tanto alterado pelo insulto, e lançando as manoplas nos delicados pulsos do conego.

—Acompanhar-vos! Para onde?

—Sabel-o-has quando me convier dizer-te. Provino-te que não tentes resistir-me inutilmente, e te abstenhas de gritar ou mesmo de fallar—o nisso passou o pezado braço sobre o hombro do conego segurando-lho com força o braço esquerdo.

Esta ameaça, imposição ou como quizerem chamar a este acto de Dalmo, causou no homem polido e considerado geralmente uma tal impressão do abatimento, que sorria difficil descrever.

Vêr-se um homem livre e até liberrimo no pensar e na acção obrigado por um outro, que nem lho respeita a categoria social, é atroz de supportar.

Ser, além disso, urgido a fazer o que lhe

mandão, só porque os musculos do despota não mais fortes; só porque em voz de um homem é um gigante.... *Durum! sed levis fit patientia* como disse o folgazão latino.

O conego tinha razão de dizer com os seus botões: Liberdade! não és mais do que uma vã palavra!

Acreditou o prisioneiro que seria conduzido para o coração da cidade, onde qualquer viandante ou patrulha o libertaria do apertado jugo; fatalidade! o companheiro silencioso e cruel toma a direcção da rua Alegre e vai por diante.

A madrugada encantava agora os sentidos com a fragrancia das flôres do *Jardim* e com os sons mimosos e mal ouvidos que desprende a natureza quando se espreguiça para acordar; ostentando aquellas arvores bem conhecidas e copadas que parecião náos alterosas, movendo-se silenciosas, mas arruidando a solidão com o quozoso gemer dos seus galhos.

Além, está a *Luz*, luz de belleza sem igual, soberba ao meio dia, em toda a claridade, quando os ventos agitam o arvoredo e arrepião a penugem das lagôas, quando os montes offuscão os olhos com o deslumbrante verde manto; meiga, quando o sabiá preludia o canto saudoso ao morrer da tarde e os montes se azulão, vestindo a

roupagom transparente da neblina, e os ultimos raios mortos do sol doirão as aguas crescidas da enchente.

Luz! Como é doce no seio de tuas seducções e no suave remanso do tua placidez chorar um passado venturoso ou amargo! Tu offereces consolações ao desditoso, sonhos ao descrente e *humanitas* os felizes!

Essa corronte de agua banhando-te os pés, oh! bella virgem, porque tão descuidosa deslisa-se diante de tanta belleza? Mas, elle, o Tieté, passa sempre por ti espelhando-te o rosto; é um amante feliz mas zeloso que te guarda incessantemente.

Nessa hora crepuscular que harmonias ontôas? Qual é o perfume com que fazes rescender os cabellos? Qual o carmin com que tinges o rosto? Já sei. A côr é o alaranjado da aurora; o perfume vem das flôres que te esmaltão os seios, e as harmonias são dos precursuros do dia que assistem ao teu despertar, oh! virgem *lucida*!

Vêr o sentir montado em um fogoso corsel ou reclinado em sôfas almofadas de uma berlinda essas sconas fecundissimas de poesia e lances arrebatadores do choque da luz nas mattas, nas aguas e no horisonte, fazendo o fada paulistana corar, empallidecer, rir e muitas vezes chorar;

sontir, não preocupado com as prosaicas phases da vida commum, mas torturado pelo ciúme, embriagado com as venturas do amor, pensativo, tendo saudades a suffocarem o peito, o que nos falla a natureza desse sitio na linguagem muda mas eloquente, ó o mais grandioso reconhecimento do homem de coração ás maravilhas do Eterno; porém, preso, atado por braços fortissimos, quando o vivente precisa de toda a liberdade para vêr o sentir, é tristissimo!

A dignidade do conego soffria a maior alteração com o abuso do odiado companheiro; lançava-lhe olhares vesgos, os labios tremião-lhe convulsos e o rosto, rosado quasi sempre, estava pallido e descomposto.

Uma ou outra vez .um estromecimento fazia-o parar e oppôr um vislumbre de resistencia; então a pressão nos pulsos tornava-se insupportavel: os labios trémulos deixavão escapar um grito surdo em que mesclavão-se os tons da humildade e da raiva.

Elle, que nunca se erguia do leito senão alto dia, que nunca apreciára os encantos dessa hora poetica a não ser nos paginas de algum romance, hoje em presença do tanta belleza desconhecida á seus olhos; agora que a *Luz* ostentava-se

tão seductora, succedião taes contratempos aos planos!

Conservou-se culado até o primeiro posto de guarda, o felizmente para suas intenções viu reluzir o cano de uma espingarda perto, o ouviu passos regulares e vagarosos.

Quando passou defronte do soldado, sentinella no portão da *Penitenciária* parou e abriu os labios.

Mas a dôr violenta que sentiu nos braços, deixou ficar a voz na garganta, o da palavra *socorro*, apenas ouviu-se a primeira syllaba.

Ao vê-los tão unidos e entrelaçados por tão apertado amplexo, o soldado talvez os julgasse dous íntimos como Pylades e Orestes que aproveitavão o silencio dos mortaes para entornarem as amarguras da vida no peito do amigo. E essa syllaba—só—parecia um gemido causado pelo esquecimento e abandono do mundo ou a ingratidão da amada.

—Para onde me arrastais? Que direito....

—E' perto agora; quanto aos meus direitos, lembro-te só Lucia.

Argumento esmagador era isso, não para crear direitos, mas para fazer curvar a fronte a um culpado.

Caminbárão mais um quarto de hora e che-

gárão finalmente ao ponto desejado por Dalmo, á *Ponte-Grande*.

Talvez vós mesmo, leitor, que tivestes o enfadonho trabalho de seguir-me até este ponto da historia de Dalmo, fosseis testemunha, parte integrante ou quantidade constante dessas serenatas cujos echos não morrer ou confundir-se no brando ruído do *Tieté*.

*Ponte-Grande!* Theatro de façanhas memoráveis ao luar dessas noites porigosas, bem longe dos Philistões!

Quantos descantes, quanta eloquencia, improviso e profissão de fé recebeste em teu seio, *Tieté*, quando as gottas de *champagne* não arredondar circulos em tua superficie!

Esses circulos, eu te digo, a corrente os levou e desfez: os descantes e juramentos fóraõ varridos pelos ventos. Esses mancebos de frente vasta e palavras sentimentaes, essas gerações que passárão, amárão e crêrão sobre tou largo dorso, hoje são homons sérios, e se ao vél-os, as nymphas que habitão tuas sombrias margens perguntassom-lhos pelo cumprimento do que disserão, responderião com um riso afoiado do scepticismo e calculo.

Não croias mais, placido *Tieté*, nas juras des-

sas mulheres e mancebos; ellas são purdidas, e elles—os soubadores vão porder-se.

Foi ahí, bem no moio da ponte que as cadeias abríão-so dos pulsos do conego, e elle respirou.

—Conhecos-me ? perguntou Dalmo, *braços crusados sobre o largo peito*, e fitando com ar severo o rosto do companheiro.

—De ha meia hora, a qual eu considero mais do que sufficiente para odiar-vos como se póde odiar um homem, que nos tem feito sómonte mal.

—Talvez muito breve não digas mais isso o mo não lances olhares de tanto rancor. Conheço-to eu e do sobra, para procurar sempre embaraçar-te os passos na estrada perigosa que ias trilhando; perigosa para as pobres creaturas que lançaste na perdição e para ti mesmo, que cada dia firmavas uma letra no pacto contrahido com o demonio.

Quando chegaste á esta cidade, por toda a parte vias abortos braços amigos, e labios para repetir a nomeada dos talentos que possues. Todas as portas abríão-so para receber-te em honra das doutrinas que na tribuna da verdade religiosa oloquentemente expendias.

Serás tão cego que não tenhas observado a

distancia que presentemente deixão os homens do bem quando te approximas delles.

Porque será que a mocidade, que applaudia-te nos discursos, ri-se agora quando os ouve vibrados pela falsa eloquencia, tão discordante das acções? Porque uma aleunha só applicavel ao devasso, foi tão cedo aprendida e repetida mesmo em tua presença—*Sancta-Pandega!* Qual...

—Fôrao perdidas em verdado, disse o conego com ar do desprezo, tantas violencias para vir aqui dar-me uma lição de moral; os papeis es. tão invertidos; se algum de nós dous tem direito de prégar e confessar sou eu só. Que vos importa a minha vida sancta ou desregrada?

A outro que não o pacifico e tonaz Dalmo estas palavras proferidas quasi em estylo de convicção abalarião por certo; mas o gigante continuou sem ao menos interrompor a ordem das ideias e esfriar a indignação de que estava possuido:

—Pouco sei das cousas da Egreja, mas isso pouco faz-me lembrar que um homem qualquer em falta de um sacerdote pôde ouvir as ultimas palavras do moribundo e invocar o nome do Eterno para perdão de suas culpas; e tu (gritou com vóz atterradora) tu, *Sancta-Pandega* estás em extremo perigo do morto moral; e nesse estado

impuro é mister, não que te poção a confissão do teus erros : todos os conhecem ; mas que ouças a ameaça dos castigos que te esperão e vojas a altura da quêda de tua alma ; é preciso que a ouças om vóz bem alta o neste lugar em que a grandeza do Deos patontcia-se, desse Deos que abraçasto o que agora renegas !

—E quaes são estas culpas ? E quando as tivesse commettido terás tambem o mandato do Deos para castigar-me ?

—As culpas ? Tens razão, não me conheces. Não te lembras da noite de quatorze de Dezembro, pelas onze horas, de uma casa em que penetraste ? Far-to-hei já recordar tudo. Na salinha da pobre casa estava do Joelhos uma mulher bella e moça, e segurava com ambas as mãos as de um homem ; isto homem resistia aos rogos dessa mulher, que tinha os longos cabellos atirados em desordem sobre os hombros e o rosto estava pallido como o marmoro. Nos intervallos que os soluços deixavão ás palavras, ouvião-se gemidos que sabião de um quarto contiguo. Sabes o que dizia essa joven ? Repetil-o-hei : — « Emilio, não queiras que eu morra, matando tambem o fructo de nosso desgraçado amor, que trago em meu ventre. Tom piedado do meu pai, que gemo de dôres no fundo de uma cama !

Emilio, pelo nosso amor, pelos juramentos que me fizeste, cumpre o que prometteste.» E os soluços entrecortavam estas vozes afflictivas. Queres saber o que respondia o homem cynico?—«Mariquinhas, o que queres que eu faça? Esta mesma noite partirei para o Rio, onde interesses me chamão.—Adeus, secca essas lagrimas ou procura outro que as possa enxugar.»

Com um violento arremesso desenvencilhou-se das fracas mãos da pobre moça o atirando-a por terra, sahio. E o pobre pai paralytico ouxia e via a vorgonha de suas cans sem poder fazer ouvir um brado de indignação!

Trez dias depois deste, o ancião morreu, o alguns mais falleceu a enganada Maria!

Has-de lembrar-te que, quando esse homem sahio, uma voz gritou-lho approximando-se do cavallo que montava:—Miseravel!

—Senhor!... disse o conogo, curva a cabeça, com os braços frouxos o mudo como um penedo.

—Não é tudo: quando mostrou-se o esquife que levava ao ultimo jazigo o corpo de Maria, o povo, sciente do triste caso, murmurou:—Foi um estudante; o não ha leis para estes homens, porque são filhos de ricos e poderosos!»

Depois foi no mez de Março, não sei o dia,

em uma casa do lado do norte da cidade; alguns homens e mulheres, famílias de operarios festejavão as nupcias de uma linda rapariga, noiva de um forte rapaz, tambem operario. A alegria franca dos pobres transparecia dos rostos dos convivos. Sômente a rapariga estava pallida e seus olhos trabião alguma inquietação.

Quando o prazer tornou-se mais communicativo, levantou-se sem ser presentida a noiva e dirigio-se para o pequono jardim, onde um homem encapulado a esperava sob uma arvore.

«—Alfredo, eu tremo: Francisco julga possuir-me como eu devia ser sua, pura; o, jurto, morrerei antes do que mostrar-me a elle manchada....

—Fujamos, Isabel: tudo está preparado. Quo importa que os barbaros te arrastassem aos altares o te fizessem jurar o que não querias? A culpa foi só delle. O que vamos fazer é desculpavel....

Has de te lembrar que um homem appareceu o segurando o freio do cavallo em que ião partir disse: « Vai infame; o tu, Isabel, cedo soffrerás as penas de te tores entreguo ao demonio.» Partirão. Um mez depois desta noite, quando o povo encarava uma mulher, quasi louca o que a todos perguntava por Alfredo, dizia:—Foi al-

gum estudante; e não ha leis para estes homens! São filhas de ricos e poderosos!»

E a pobre Isabel voeja hoje no mar da perdição com a mantilha enfunada pelo vento do vicio.

Conhecos o Emilio que matou Maria e o Alfredo que perdeu Isabel, Sancta Pandega?

--Como sabeis tudo? indagou o conego attonito.

—A' noite sempre vôlo. Agora, em Junho um homem procurou meios que sómento Satan pôde inventar e conseguiu penetrar em uma casa onde um infeliz pai chorava as desventuras de sua vida no seio puro da filha. O Emilio, o Alfredo que, para com as filhas dos pobres usava de palavras singelas para acenar-lhes um futuro de riquezas, é o Felicio, que maneja a linguagom das paixões e faz acordar no peito de uma virgem os sentimentos que, bom dirigidos, podião della formar uma excellente esposa.

Este homem ouviu a historia do pobre velho e não satisfeito das chagas que vio sangrar em sua presença, quiz ainda abrir-lhe a mais funda para um pai—a perdição de sua filha!

Pobre Bruno, tua filha está pura, mas não reviverá á morto do amor immenso que germidou em seu coração!

O homem que não pôde salvar as primeiras victimas da morte e seducção, salvou a pureza de tua filha e desviou a mancha de tua honra !

E, quando esse homem souber do perigo que ameaçou seu socogo, e contar este caso á algum habitante do S. Paulo, este lhe dirá :

—Foi algum estudante ; e não ha lois para esses homens ; elles são filhos do ricos e poderosos !

Infeliz mocidade ! Sempre os estudantes, os filhos de Minerva como auctores do crimes vergonhosos !

Na Europa, quando em jornada para as Universidades, os ricos senhores convidão-os para proseguirem na difficil romaria, a entrarem nos carros de brazões ; as mães abençoão-os e as filhas desprendem um sorriso em sua passagem. Bem longo talvez, por outra estrada um filho, um irmão ou um mancebo amado caminha sem recursos ; e, é tambem possivel que os pais destes que agora os illustres viajantes acolhem, fação o mesmo á seus filhos. Doce reciprocidade de generosos corações !

Aqui nas estalagens os estudantes são enganados ; suspeitados pelos pais, as mães persignão-se no vól-os, e as filhas tambem.... os amão felizmente !

Infeliz mocidade ! Confundem teu folgar ruído com a devassidão ; o entusiasmo com a rebeldia e o teu amor com a seducção ! *Quantum mutati ab illis !*

—Perguntaste-me de quem recebi o mandato de lançar-te em rosto estos crimes ? Pois bem : não o recebi de ninguem, tomei-o eu mesmo. Foi em defeza dessa classo tão enganada e calumniada que eu embarcei tous passos ultimos, o quiz ter-te em mou poder para castigar-te, Sancta Pandega.

Um tremor frio arrepiou o corpo do conego ; via elle que aquelle homem era capaz do matar-o, aquelle homem tão forte e tão conhecedor de sua vida. Que genero de castigo lho daria o gigante ? Eis o que indagava de si mesmo, e renovava-se o terror quando pensava estar no meio do profundo e largo *Tieté*.

Corria o mez de Junho e é bastante citar este mez para avaliar-se o frio que soffrem os habitantes do S. Paulo.

Nossa noite então, um vento soprava foudendo as partes delicadas e expostas do corpo. Podia-se bem dizer que o inverno queimava.

O gigante arrancou o manto e a casaca do conego, que trémulo deixava tudo fazer ; agarrou-o com força pela golla do collete e camiza

o fêl-o assontar sobre o parapeito da ponte ; pas-  
sou com extrema agilidade para a parte externa,  
apoiou os pés no friso da columna e prendendo-  
so com a mão esquerda a um grosso varão da  
grade :

—Dizem que as aguas do Jordão lavão as  
culpas dos que n'ellas se banhão : vejamos se  
as aguas frias do *Tieté* pôdem apagar nesse  
corpo o fogo da devassidão que te aquece o  
sangue.

Dopoiz destas palavras, proferidas em voz alta  
o tom prophético, levantou o conego com o bra-  
ço direito e...

Neste momento apontou um cavalleiro no fim  
da estrada que vem do Sant'Anna, o qual ven-  
do o grupo attorrador, julgou serem almas pe-  
nadas e disparou pelo caminho por onde tinha  
vindo.

—Por Maria, seu filho e velho pai que ma-  
taste ! gritou Dalmo.

E o delicado corpo do conego atufou-se até o  
posçoço na fria corrente.

Dalmo suspendeu o padecente e conservou-o  
no ar.

—Não me mateis !... balbuciou o conego.

—Por Isobel, que seduziste e roubaste ao es-  
poso, atirando-a no mundo louca e amaldiçoada !

E uma segunda ablução enregelou o physico do conego.

Quando foi de novo erguido d'agua, bradou com vóz alquebrada :

—Piedade !

—Por Lucia que ías manchar, e que talvez não sobreviva á morte do primeiro amor !

E pela terceira vez foi immergido no frígido Lethes.

—Perdão !... disse o penitente em vóz tão baixa que mal se podia ouvir.

Tollido, com o rosto e mãos cõr de uma murça foi reintegrado o senhor conego ás taboas da ponte ; não podendo suster-se de pé deitou-se ao comprido.

Dalmo contemplou-o por algum tempo, talvez apiedado do que fizera-lhe soffrer, e disse com vóz calma :

—Não foi uma vingança o que pratiquei comtigo : foi um castigo. Possa elle lembrar-te os horrores dos castigos impostos aos padres máos no inferno. Adeos. E dispóz-se a partir.

—Como vos chamaes ? perguntou o conego erguendo o tronco em um braço, e com gesto de dôr e arrependimento.

—Dalmo.

—Dalmo, perdoai-mo : mas sabe que, se perdi

Maria e Isabel sem amaldiçoar, ainda soffro o amor muito Lucia.

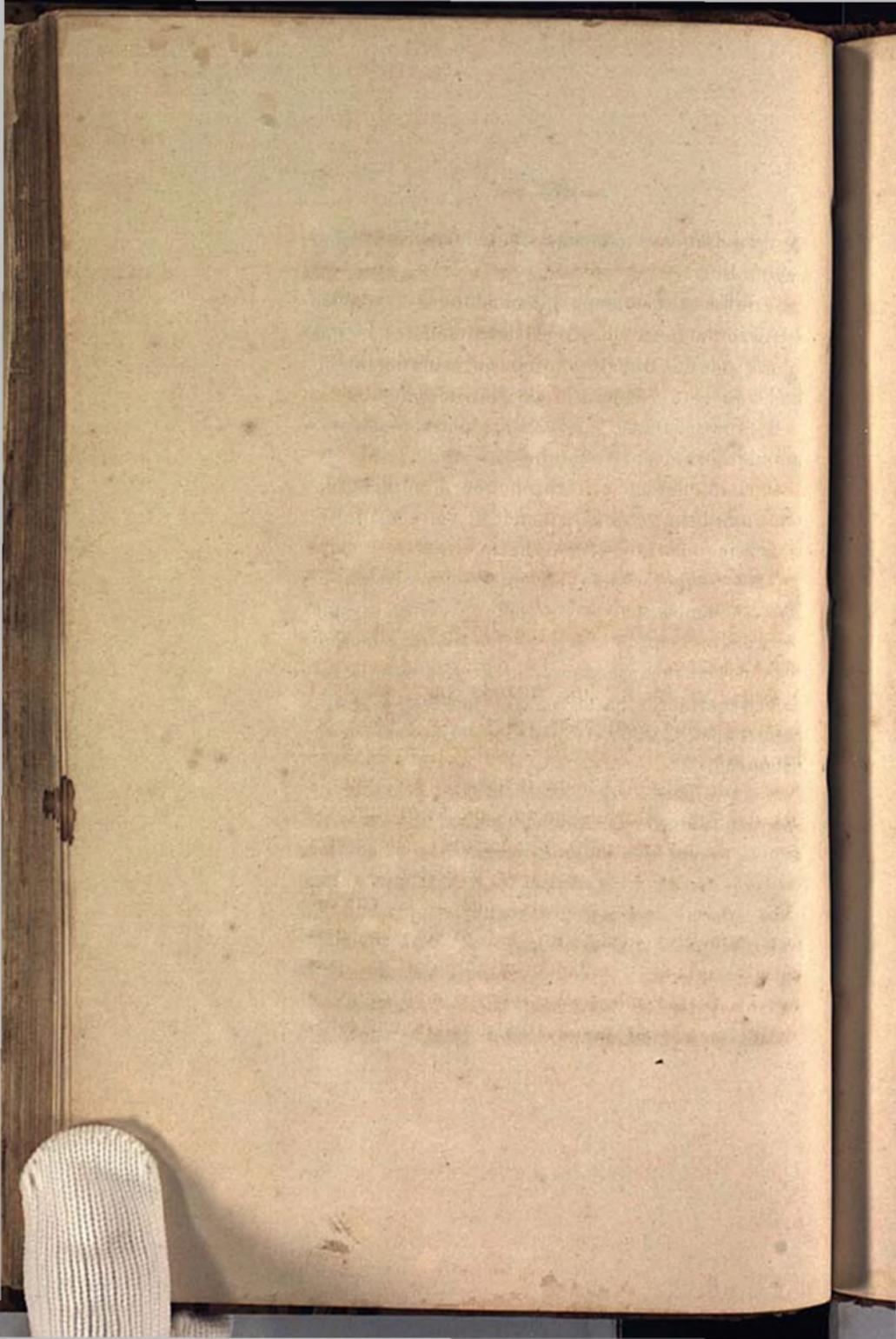
—Suffoca esse amor damnado: servirá esse sacrificio no altar do Deus de attenuação ás tuas culpas; desso Deus ao qual juraste fidelidade e do qual te esqueceste por muito tempo.

Retirou-se Dalmo e o conego permaneceu immovel sobre o pavimento.

O claro dia já ia sorprendendo a madrugada com um beijo de luz, quando terminou a ultima scena deste drama da noite.

Não se sabe se alguma alma compassiva aqueceu os membros briosos do pobre conego; o que é verdade, é que desso dia em diante não foi visto na cidade academica, e de sua pessoa apenas circularão os boatos de suas proezas, que repetidas pelos échos da cidade, fozião pasmar a população.

---



## QUINTA NOITE.

São Paulo ! São Paulo ! quem poderá dizer o que tu és !...

Bella ? A' noite, sim, quando vaguoião pelas ruas mal alumadas esses vultos que deixão reluzir no escuro uns olhos protos por entro as rondas da mantilha ; essas incognitas caminheiras das deshoras, que escondem na *baeta* um segredo de ciumo, odio o do amor. Mal desses corações se tivessem de pulsar a descoberto !

Ès bella á noite tambem, quando na rua deserta, um encapotado do sombrêro de abas descidas arripa-se o enlangueca unido á um postigo ou portão sob o alto pinheiro, o affagando o violão, manda ás parodes o janellas um estri-

bilho suspirado. Então és bella, cidade do S. Paulo, o não temo dizer que és Sevilha ou Granada!

Serás feia?—Tambem, mas de dia, pela manhã, quando o *studiosus* mal dormido e mal acordado apressa-se tiritando em salvar o *ponto* e com elle o socogo e esperanças da geração, e encontra esses *cyprestes* ambulantes—as velhas de capoto escorrido e com padros avermelhados nas tibias; tambem és feia ao meio dia, quando silenciosa, mas nesse silencio sem um echo ou suspiro, és despertada, velha indolente, apenas pela praga do tropeiro ou tinir do cobre na laverna.

Então não és amada: parecos mais uma séria matrona, que tem a virtude como officio e não como força, do que a donzella que se reclina nas planicies do Piratininga, sonhando amores e saudados.

Chamão-to velha! Serás? Sim, tu o és nas casinhas de portas e janellas em ogiva, nas torres mal acabadas e ennegrecidas, nas ruas tortuosas, marcadas com cruces e rescendendo um cheiro religioso que sente-se ao vêr-to; és velha e até má com esses postigos egoistas, que occultão tantos olhos negros, tantos labios de carmim e cabellos em desulinho até os joelhos!

Ainda és Granada !

Serás nova ? E' possível, mas nos arredores, nas habitações dos ricos, nesses *kiosques* occultos pelas arvores, espreitando os caminhantes como as nymphas da Armida os heróos do Jerusalém ; és moça em S. Francisco, quando as *esperanças fagueiras* da patria desenrolão-se como um serpente pelas escadas do convento, rugindo forças, vozeando ductores o pedindo objecções.

Bolla ou feia, moça ou velha, és encantadora e saudosa. Encantadora, não para o jurisculto de consciencia, que tem longanimidade para, da estreita janella do gabinete vêr a mystica Diana ostentando-se magestosa ; as arvores rarefeitas pela neblina, o as lagôas da *Varzea*, reflectindo o azul do céu ; o acender a alampada de chama amarellenta, abrir *Pegas* ou *Guerreiro* o doloitir-se nas citações e valiosissimos textos ; não, para esses a quo chamão *caipóras* e cuja vida é como o navio corrido pelas tempestuosas ventanias do credores, pontos, subscrições e conselhos ; a esses não inspirarás saudades se não vinte annos depois, ou quando a arida velhice invejar os amargores da juventude.

Mas para os que sabem amenisar as dôros do exilio ou asperezas do estudo ; que deixão passar a vida como ella se apresenta, som fre-

nesis na desgraça ou extasis na felicidade; os que *inter amicos* não temem unir aos labios um calix de champagne por causa das conveniencias, ou porque estudão direito civil; para os que expandem-se no theatro em applausos ou risos sem olharem para o lento que está no camaroto visinho; para os que não temem o *debique*, o enregelado *debique*, quando comparão ás estrellas os olhos de Marcia, para esses tú és saudosa, cidade de S. Paulo!

Até mesmo nas tão desejadas férias no lar paterno, em placida e edificante conferencia, perto da de longo suspirada Jonia, em um baile, em um passeio, tu appareces adormecida na collina, cercada de nevoeiros com o *Cambucy*, a *Luz*, a *Ponte-Grande*, *Consolação* e o *Lefebre*!

Appareces como uma visão, o a lembrança de um rosto e de uns olhos que lá ficarão, S. Paulo; o peito quente e sincero de um amigo; uma aventura nocturna; uma flôr sêcca da carteira; uma sabbatina tormentosa e até o *Corpus-Juris-Civilis*; tudo faz sorrir tristamente os labios e um suspiro grato ponder o rosto e lombrar-te, cidade academica.

E se o philosopho viajante quizesse dar-te uma nacionalidade, depois de chamar-te linda brasileira, diria que és hespanhola. Tuas filhas

tem o donairo das do Mansanares e Gualdaquivir ;  
tem os olhos pretos e vivos e os cabellos longos  
e bastos como um manto ; ellas tem o doce e vo-  
lúvel modular de voz, que ao ouvil-as, não se  
sabe se cantão ou dizem sempre amor ; ainda  
dizem *entonces*, e envolvem-se na mantilha com  
a magestade e graça de uma rainha que arrasta  
um manto. Teus filhos no galope do cavallo ajae-  
zado de prata, deixão ondular o adamescado  
manto andaluz, e mostrão a faca e o trabuco  
rapidos em desafrontar a offensa e lavar com  
sangue a dôr de uma infidelidade e a nodoa  
do insulto. Sua linguagem é alterosa como a do  
Cid, ou a d'um salteador de Sierra-Morena.

São Paulo ! Tu és bella, louçã e saudosa !

Salvo, Granada !...

. . . . .  
. . . . .  
A noite vai bollissima ; o luar ó magnifico e  
a estrada que conduz á Santos, illuminada por  
essa luz egual e suave, convida o viajante a não  
deter-se senão no termo desejado.

Muito além do Ponto-Alto, na passagem es-  
cura que se abre entre duas montanhas, nessa  
garganta que á noite faz tremor o mais tomera-  
rio, caminhão vagarosamente uma liteira e um

homem a cavallo envolvido em uma comprida capa.

Como reconhecer alguém nessa escuridão produzida pelas arvores que se cruzão de um e outro lado do cimo da passagem? Além disso o cavalleiro o quem quer que vae na liteira não fallão, porque a noite que os circunda depois de um luar esplendido entenebrece os corações.

Agora sim, o visto não ser possivel adivinhar, ouçamos ao menos o que dizem.

—Conductor! Cuidado! gritou o cavalleiro quando a liteira começou a abalar-se irregularmente nos altos e baixos da descida.

Esta voz é conhecida bastante do leitor; é a voz vibrante e apaixonada do velho Bruno, agora imperiosa, mas com accento triste.

Passarão uma ponto, o quando alargou-se mais a estrada, o cavalleiro approximou-se da cortina da liteira e caminhou sempre a seu lado.

—Que luz é aquella que vejo ao longe, naquelle alto, meu pai? E nisso uma linda mão apartou a cortina e doixou jaspear ao luar um rosto. Era Lucia, a holla Lucia que parecia a virgem de H. Heine « uma encarnação de raio de lua, canto de rouxinol e fragrancia de rosa. »

—E' a estalagem em que hemos de pornoitar.

Mas ou te peço, Lucia, não te exponhas ao orvalho, e priva-te, quanto pudores do fallar.

—Para quo tantas precauções, meu querido pai? Não servirão ellas de lenitivo, quanto mais de remedio ao mal que soffro.

—Lucia... minha filha!

—Emquanto me restão momentos de vida, permitto quo eu admire estas mattas e uma noite tão linda!

As ultimas palavras do Lucia erão proferidas com voz fraca. Vibrada pelo sentimento, começava a fallar animada, depois... os sons ião morrendo pouco e pouco até extinguir-se; depois ainda como remato ao que dizia o alma, o corpo fazia ouvir uma tosse sêcca que durava minutos.

Isto que frequentes vezes acontecia na viagem, obrigava a vir um suspiro do velho Bruno, e depois delle lagrimas rorejãõ as faces do Lucia.

—Não é assim, minha filha; és moça, e essa enfermidade que soffres, hado ceder, ou espero, nos meus desvelos e á tua voutade do não abandonar teu velho pai, teu amigo, só neste mundo.

—Sim, ou nunca desejei tanto viver como agora: era-me preciso muita vida, muita feli-

cidade para combater o que soffro em mim. Mas o que estou dizendo?... Felicidade? Algumas vezes em sonhos vejo-me em uma sala illuminada de um grande palacio, mas só! As luzes dos lustres, os quadros das parodos, a musica que ouço do jardim, tudo isso enfastia-me, porque estou só! Depois... apparece um homem...

—Cala-te, Lucia, eu t'o peço—rogou Bruno com voz meiga e triste. Esses palacios, quadros e essa musica são filhos da imaginação escaldada pela debilidade do corpo. O que deves fazer para me não descontentares é não sonhares em historias de fadas, e ouvires os meus pedidos, quando te aconselho que não te fatigues em falar muito.

—Sim, meu pai, calar-me-hei; tranquilisa-te.

Estendeu-se a cortina e a cabeça desapareceu. Lucia recostou-se nos coxins da liteira, fechou os olhos e deixou fluctuar o barquinho da imaginação na corrente perigosa do passado.

Quando algum solavanco da liteira a obrigava a abrir os olhos uma estrella lbo apparecia na curva do pano, e Lucia encarava essa estrella com olhos amortecidos e brandos como se o fizesse a uma irmã; depois scismava, scismava, e os cilijs se união na sedosa união, e o passado, e o desmaio, e o jardim, e a voz daquella

noite o aquelle homem!... Não a atormentemos mais.

—Não tondes saudades de S. Paulo, meu pai?

—Quem pódo sentir saudades por um tumulo que se deixou?! Em S. Paulo sepultei o meu corpo e o meu passado: para o infeliz não ha terra onde o travesseiro não seja pedra, o alimento fel e o dia noite, Agora mesmo, quando desejava deitar-lho um ultimo olhar para vêr onde tinha jazido por tanto tempo, o talvez esse olhar fosse do gratidão pelo silencio não interrompido de vinte annos, que essa cidade proporcionou-me; veio-me a lembrança que lá ficou Mario, meu desgraçado irmão e unico amigo, que me acompanhou para longa de seus interesses, entreguo hoje a mãos extranhas e talvez deshumanas. Lembro-me tambem do ti, Lucia, cujo estado me assusta, e de cujo mal ninguem conhece a origem.

Quando passámos por aquella pequena aldeia, revelando no estrepito das salvas e nas fogueiras que enfumaçavão a estrada, uma festa, subio de ponto o meu pezar; todos folgavão e insultavão minha tristeza com risadas e vozarias!

Juncto da ultima fogueira no fim da aldeia, vi um homem de estatura gigantesca, de pé e

do braços cruzados como um druida juncto a uma pyra; este homem observou com attenção a liteira e o cavallo que monto; sorrio-se com ar triste para mim, quo bem o via ao clarão do fogo, e disse: « Boa noite e feliz viagem !... »

—Eu bom ouvi, meu pai, o aquella vóz eu já conhecia; é uma vóz colosto, porém mata no que diz.

—O homem continuou a olhar para nós, até que na volta da estrada o perdi de vista.

—Aquella voz dóo ao ser ouvida, mas é certa.

—Pareceu-me aquelle homem o anjo da tristeza e da dôr, ali collocado para dizer o ultimo adeus e predizer o futuro aos viandantes. Boa noite e feliz viagem! Prouvera a Deus que fossos um propheta, meu gigante!

—Hado sê-o, e....

—Cuidado, Lucia; mal faço eu entretendo-te com essas conversações dolorosas, mas se assim procedo é para poupar-te. Silencio quo estamos muito perto.

Com effeito, em poucos segundos subirão a ingreme ladeira que leva á pequena collina onde se acha collocada a hospedaria do Rio-Grande.

Pararão na esplanada, abrirão-se as portas o a sala principal—a do lado esquerdo foi illuminada.

Carregada nos braços de Bruno desceu Lucia, e apoiada no hombro do velho penetrou com passos vagarosos no logar do repouso.

Como está pallida ! Como aquellas fórmas arredondadas e dignas do pincel inspirado de Rubens estão agora desfeitas ! Que brilho febril desprendem os olhos cercados por circulos quasi negros ! Quantos estragos !

Mas as creaturas predestinadas pelo esmero da natureza, mesmo enfermas e em toda a nudez dos dotes phisicos, não causão enfado ao serem contempladas, e despertão antes dó e espalhão uma suave melancolia em torno de si.

E' o effeito poetico produzido por uma roseira mirrada pelos rigores do verão ou do inverno : quem deixará de entristecer-se ao vê-la com as folhas amarellecidas, torcidas as hastes e murchas ou cahidas as flôres !

Bruno com o desvelo do verdadeiro pai, quiz que Lucia se deitasse immediatamente, mas ella oppoz-se sentando-se em uma ampla cadeira.

—Não. Ergue essas vidraças por favor ; quero d'aqui vêr a extensão da campina tão bella e luzindo tanto com as gottas do orvalho. Que visão tão branda !

—Pois bem, filha, mas fica socogada ; não te agites até que eu volte.

Reclinou Lucia a fronte no espaldar, abriu e fechou os olhos, e recaiho nesse scismar triste e poetico, quo era a preocupação de sua existencia actual.

« Qual a sua doença ? » perguntarão muitos, para os quaos este livro será inintelligivel, porque não conhecem do amor senão os suaves effeitos ; porque a sua primeira illusão o o mais caro sonho forão recebidos com a realisação que as circumstancias lisongieras lhes dorão. Esses nada comprehenderão : são felizes o por isso des-humanos ; só conhecem da vida as venturas, do fructo o sabôr o da flôr a fragancia ; mas ignorão que a vida tem amargôres, o fructo tem travo o a flôr espinhos.

E até seria difficil responder qual a doença de Lucia : em auctor algum de medicina achar-se-hião eymptomas para um diagnostico ; sua fronte ás vezes serena como o céu americano sem nuvens, deixava apparecer por vezes pequenas rugas como uma lagôa crispada pela brisa da tarde ; o pulso regular parecia marcar-lhe o compasso do coração tranquillo, depois batia fortissimo ; seus labios nacarados como pételas de rosa, tambem sem um motivo apparente embranquecião como as folhas do lyrio.

Emprazo a esses que curão todas as molestias, que adovinhem qual a de Lucia.

O que sabemos, é apenas que a alma soffria, o o corpo resentia-se do que lhe fazião soffrer. E' molestia essa toda do espirito, que só se cura com o esquecimento do passado, a satisfação do que se deseja ou com um tumulto.

Mas o esquecimento do passado.... impossivel!

A realisação do sonho tão impresso n'alma.... impossivel!

Um tumulto?... Pobre Lucia! E' tão cedo! E o velho Bruno, a Italia e essa belloza?!

A molestia dessa mulhor não é febre, loucura ou anomia; é aquillo a que os que desejão sem esperança e soffrem sem lenitivo, chamão dosalento.

Havia razão para exclaimar com o poeta:

Rosa de amor, rosa purpurea e bella  
Quem d'entre os goivos te esfolhou na campá!

Bruno sahira a fallar com o dono da hospedaria acerca das commodidades necessarias para o transporte até Santos. Não admirava, portanto, a demora.

Lucia jazia ainda nesse sonho acordado em que rememorava essa historia, que começara para

ella havia um mez, o que o approximára das margens da sepultura.

Aquella noite no theatro; a ovação dos estudantes ao sahir; aquella outra noite em que as regras de sua silenciosa casa sôrão quebradas pela entrada de outra pessoa além de seu pai e do Mario; aquelle homem de palavras ardentes, Felicio, que parecia ama-la tanto o que soubo fazer-se amar até o delirio; a entrevista no caramanchão, quando ouvira as palavras que ella não comprehendia ainda, mas que erão já um prognostico de sua desgraça; depois a segunda entrevista em que o homem, que ella considerava bello de alma e coração como era nas expressões e maneiras, essa noite terrivel, em que esse ideal lhe lançára em rosto a mais indigna accusação, que ella lhe perdoaria ainda se não cobissem aquellas palavras do céu ou do inferno que a perdêrão e salvárão ao mesmo tempo; o desmaio no jardim, primeira quéda do corpo para despertar tendo cahido em espirito; eis o que de olhos cerrados lhe esvoaçava pela imaginação com côres finissimas do estremecimentos e extasis de prazer, o logo sombreavão-se com as carregadas do desengano, terrivel morte o até as do remorso. Ella, que estava prompta a seguir aquelle homem para onde quer que o des-

tino o levasse; ella, que abandonava o esquecimento do velho pai com ingratidão, ser enganada como foi !...

E não poder esquecer Felício, padre mesmo, porque a primeira impressão era-lhe gratissima ao coração e á memoria ! É terrivel como a seducção de uma bella flôr que attrahê a creança para o fundo do abysmo.

Colibris de mil flôres; borboletas de multicores sentimentos e palavras, mulheres, que amais o aroma e não a flôr, o incenso e não o coração que o faz desprender; andorinhas de cem estações, que estremeceis ao primeiro relampago da desgraça e esfriaes no primeiro dia de ausencia do apaixonado; refazei, se é possivel o coração nessa dôr e constancia da pobre Lucia, que amou o amante e não o amor ou a ficção delle !

O tropel de uma cavalgada que passava em frente da janella assustou-a, e fel-a vêr um homem trajado de preto, que ella adovinhou mais do que reconheceu.

O homem apeou-se e disse em voz alta ao entrar : « Um quarto ! » Depois penetrou na sala.

Lucia ao vê-lo escondeu os olhos nas mãos, julgando ser uma visão; deixou escapar um pequeno grito :

—Grande Deus ! Felicio !

—Senhora ! Sim, é elle ! disse o conego approximando-se.

Era a terrivel verdade : o homem que juncto della se achava ora um padre !

O conego não trajava mais como simples profano, ou antes como um dos mais aprimorados elegantes ; segurava nas mãos trémulas um chapéo preto de grandes abas ; duscia-lho abaixo dos joelhos um amplo casacão tambem preto ; calçava botas de viagem ; mas para o total arrependimento esquecêra-se das finissimas esporas douradas. Era vulneravel Achilles apenas pelo calcanhar ; o conego era-o agora tambem só pelas esporas. Coincencias !

—Senhora, podeis olhar para mim sem temor ; eu hoje sou um padre, como sempre devêra ter sido. Não considero uma simples coincidencia este encontro depois do mal incalculavel que vos fiz ; eu sinto visto a mão immensa da Providencia, obrigando-me a vir a vossos pés pedir-vos perdão, se elle ó possivel, para um malvado, que não soube respicitar em vós a filha unica de um infeliz ancião, e que aprofundou mais as chagas de sua alma...

E nisso lançou-se aos pés de Lucia com o rosto quasi a roçar o pó do soalho.

—Pardão, Lucia! Não me amaldiçoéis!...

Impassível como uma estatua ouviu, Lucia as palavras do conego; depois, quando a voz lamentosa deixou de ouvir-se, com gesto soberano e com uma voz estridente:

—Levantai-vos, senhor, essa humilhação longo de fazer-me esquecer o mal que me fizestes, confirma agora o que eu ainda tinha em duvida. Fingistes amar-me para perder-me, e não como uma fatalidade invencível... Que importa que me amasseis sendo um padre! Queixar-me-hia do sorte e não de vós. Levar-me, porém, até o abysmo, tendo nos labios o fingimento e a mentira, para nelle lançar-me com-vosco e talvez só, sem ter no coração um sentimento irresistível, é só de um malvado como o dissestes!... Infeliz de mim, que nem posso esquecer-vos e menos desprezar-vos!—Se eu fóra um homem, matar-vos-hia.

Cabio como extenuada no espaldar da poltrona tossindo e com os olhos chamejantes e as mãos crispadas quasi em terríveis choques electricos.

—E pensais, senhora, que mais de uma vez não tenho pedido a morte como um allivio e esquecimento a este remorso que me quoina as ontranhas? Viesso ella n'esto momento, princi-

palmento do vossas mãos, o morrora mais contente do que um sancto!

Nesto instante Bruno assomou á janella e parou attonito de quo via e ouvia. Esperou.

—Vêde, Lucia, meu rosto já não é o do homem moço; as lagrimas que tom corrido pelas faces ahí tem gravado sulcos profundos; a palidez que apresento não é a provepiento da emoção deste momento, feliz para mim; é filha das insomnias e do arrependimento para a minha amaldiçoada existencia. Esta prova, eu o sei, não será a ultima para lustrar-me aos olhos do Deos: preciso de tormentos como os quo fiz soffrer; preciso agora, não do vosso perdão, esse é impossivel; peço-vos só, Lucia, já quo infelizmente me quizestes tanto, quo, quando a dôr desse mal augmentar-se, quando mais quizordes amaldiçoar-me, quo levanteis os olhos ao céu, e rogueis a Deos o meu perdão. Elle ouvo os quo soffrem; e a seus olhos tem valor immonso as preces da victima para salvar o algoz.

E lagrimas tardias, mas sem duvida do coração, saltarão dos olhos do conego. Esse homem não tinha inteiramente gangrenado o coração: a fonte algum tempo turvada polos vicios purificou-se pelo arrependimento, e deixava correr gotas limpidas do sentimento.

Era preciso não ser pai para, conhecendo o auctor dos males de sua filha e ouvindo dos proprios labios a confissão de seu crime, não saltar immediatamente e apresentar-se como offendido e vingador.

—Tudo adivinho ! disse Bruno apparecendo desfigurado á porta. Então foi o *senhor* que matou minha filha ? Infame ! E acolhi-te, e abraçei-te como se abraça um amigo, para me ferires no seio como uma vibora ! Foi depois que ouviste a minha *alegre* historia e os prazeres de minha *doce* vida, que planejaste os meios de perder minha pobre filha ?...

—Meu pai ! ..

—Cala-to. E tu és um padre como era Cecco ! Sempre um padre a cortar a minha felicidade e a lançar-mo fel no coração ! Que terriveis miasmas desprendem das vestes sagradas esses homens que devião trazer a paz e felicidade para perto dos outros homens ! Um padre obrigou-me a matar a minha propria esposa ; um padre mata pôr suas mãos minha querida e unica filha !

O primeiro já a morte roubou á minha vingança ; e tu.... que nem sei como te chame.... demonio, infame ! tu estás em minhas mãos....

—Meu pai !... gritou Lucia interpondo-se en-

tre os dous ao vêr Bruno ongalibar uma pistola e apontal-a ao coração do conego.

—Matai-mo, senhor Bruno, ou vol-o peço.

Bruno, desarmado com esta sujeição, deixou cabir a arma e caminhando para o conego :

—Fraco ! Cobardo !... Pega n'uma arma qualquer ; responde-mo como ou te insulto ; levanta só um olhar offendido, que eu quero matar-to ou morrer ! Quo desgraça ! Procurar um homem o achar um reptil nojento.... um.... miseravel !

—Senhor, eu sou um sacerdote ! disse o conego humilhado o calmo na apparencia, mas trémulo não se sabe se de raiva.

—Um sacerdote ! E o que eras tu, quando me enganaste o seduziste a filha, a minha pobre filha ?

Era solemnno o afflictiva esta scena. Do um lado um velho pallido o arquejante de cólera devorava com o olhar severo o inflammado um outro homem pallido o trémulo de remorsos o de arrepios de raiva, fracos impetos da carno, que ainda mostravão o antigo o forte imperio d'aquella natureza.

Uma mulher bella dessa belleza soffredora, ora com olhares brandos e supplicantes calmava os transportes o accessos do italiano, ora com olha-

res frios continha o moço cabisbaixo o esmagado pelo peso das affrontas e presença das duas victimas.

Lucia estremeceu como forida por uma recordação pungente, introduzio a mão no seio agitado e delle tirou o papel que continha o alfinete, que Mario havia arrancado do peito do conego.

—Tomai, senhor, o que prometti restituir-vos ; tomai, que me estava queimando o peito.

—Dai-o a algum pobre, senhora ; sirva para fazer o bem, aquillo que me arrastou a fazer tanto mal....

—Dá-me, Lucio, dá-me esse objecto ; disse Bruno. « Toma, infamo seductor ! » E lançou o alfinete contra o rosto do conego, que desta vez tremeu como em calafrios de uma febre intermittente.

—Perdóo-lho, pai !

—Perdoar-lhe, nunca ! Despreza-o, sempre ! Sahe, infamo ; mas.... não.... tu deshonrastes minha filha ; não a respeitaste assim como cuspiaste sobre os meus cabellos brancos.... tu d'aqui não sahirás vivo !...

—Vossa filha está pura como um anjo que é. Esse homem não conseguiu realisar seus planos : houve um braço mais forte que lh'o impedio.

Ao ouvirem estas palavras pronunciadas por aquella voz tão conhecida de Lucia o do conego, todos voltárão-se para a janella, e abi vio Bruno o homem que o saudára porto da fogueira em S. Bernardo; Lucia, pela primeira vez o homem das fatidicas palavras, e o conego o seu companheiro forçado da *Ponte-Grande*.

Era Dalmo.

—Foi elle, mou pai, que me salvou da deshonra, mas não da morte.

—Fez bem. Senhor! disse Bruno dirigido-se á janella—so ha sacrificio que um coração agradecido possa fazer, e m'o pedirdes, ou o farei por vós.

—Só vos peço, senhor Bruno, que esqueçais aquelle homem; elle traz agora mesmo no seio alguma cousa mais terrivel do que a morte, que lhe podesseis dar—é o remorso. Matando-o vingaes só a vossa affronta; mas é preciso que outras victimas tambem se desforcem, e todas entregárão sua vingança nas mãos de Duos:

—Quem sois? dizei-me.

—Dalmo, estudante de S. Paulo.

—Estreitai esta mão, mou irmão em letras. Commungamos nos mesmos principios e sentimentos. Qual é a divisa da eschola do Brazil?

—Liberdade e honra ! exclamou Dalmo comovido e estendendo os braços.

—Liberdade e honra !

E os dous academicos abraçárão-se, confundindo-se no mesmo amplexo as cans do ancião e os aneis pretos da cabeça do moço.

O conego, anniquilado e corrido, montou o partio.

Onde irá elle repousar o corpo, que ali não encontro signaes de seus vicios ? Qual o marco em que descance a cabeça, que esse mesmo não doixe escapar o gemido de uma victima do sua seducção ?

. . . . .

A hospedaria jaz em silencio ; a lua vai bella e a campina luz ainda com as gottas do orvalho.

Tudo dormo ; sómente os personagens deste drama velão ainda.

Lucia rememora os lances desta noite, que lho prostrárão o corpo, mas que aviventárão os dolorosos choques do seu triste imaginar.

Bruno exulta por saber que sua filha está pura e de ter abraçado um peito nobre e generoso.

Dalmo caminha sempre....

O conego....

Até Santos, leitor.



## SEXTA NOITE.

\* Lá está Santos ! Salvo, patria dos Andradas !  
Salvo, branco cysne que pousas na areia depois  
do teres recortado as aguas do lago !

Sob tuas azas, alvo cysno, nascêrão os tres ir-  
mãos !

Oh ! terra hospitaloira, abre-me teu seio mor-  
no ! Virgons pallidas, mostrai-vos com esses risos  
de anjos, que parecom augurar ventos propicios  
e mar sereno aos navegantes !

Sabei que lá bom longe, na cidade academica  
as flôres tem côres bellissimas—mas não tem fra-  
grancias ; as virgens são formosas—mas não tem  
o perfume do coração—a constancia ; pobres flô-  
res todas ellas ! Umas occultão-se nos muros dos

jardins, outras onlanguem por entre os raros dos postigos !

Mostrai-vos, bellas Santistas, nos rasgados balcões dos sobrados ; deixai ondularom as madeixas dos negros cabellos ao sópro das virações do mar ! Deixai sorrir o coração nos labios, lindas Napolitanas da America !»

Assim exclama do alto do *Cubatão* o enthuasiasta ao avistar ao longo as brancas paredes de Santos.

E na verdade, abstrahindo a levissima injustiça feita ás Paulistas, o a não ser homem de negocios ou algum penalizado estudante *recambiado*, é difficil deixar de estacar o cavallo e de fazer uso de apostrophes e exclamações.

A' direita immensa catadupa despenha-so em um leito de pedras formado na serra bifurcada ; densos nevoeiros levantão-so e um ronco do gigante estronda as mattas. Ahi é impotente a vóz do homem ; o rugir da cataracta abafa a manifestação do mortal, como so em seus dominios só ella não fôra muda ; devêra ter sido assim a vóz do Adamastor.

Em frente do viajante, e quanto a vista pôde alcançar, na planicio os regatos e o braço do mar sorpoião e vão perder-so no infinito—a amplidão do oceano.

O ruído da cascata, que se perde pouco a pouco; o resoar das florestas; os cantos de mil aves; nuvens que passam e se desfazem; o luzir das folhas humedecidas aos raios do sol; ao longe as vagas que embranquecem e se perdem nas praias alvissimas; enfim a luz em mil prismas, o som em mil modulações: côres, raios, harmonias, cebos e até o homem confundem-se no mesmo vortice do embrocamento e extasi—Deos!

Bem longo, como estação ao cansaço dos olhos, o mortal vê Santos, qual uma nympha tímida que esconde-se aos affagos de Neptuno e pode a Montserrat que espreito a aproximação da tridentina potestado.

*Once more!* Salvo, terra hospitaleira! Branco cysno que pousas na arca depois de recortares as aguas do lago!

. . . . .  
Pulamos da sorra até a cidade, porque o Atterrado não merece uma descripção, e até muito ao contrario faz lembrar as compensações deste mundo equilibrista; o Atterrado é um caminho infernal e sem fim: é o inferno depois do céu.

Em um dos sobrados que deitão os fundos para o mar, acha-se estabelecido o—*Hotel Septentrional*.

Não é mais a epocha ruidosa do Março ou

Novembro, em que voltão ou partem para *Athenas* em busca de definições de direito esses jovens que retinam com galhardia as esporas, e deixão espantados os Santistas com os vozerias proprias da idade e do amor... da sciencia; agora corre o mez de Julho, e poucos passageiros suspirão pela hora da partida do vapor.

O *Hotel* silencioso é qual tenda abandonada que espera a chegada dos caminheiros esperançosos.

Eleva-se da parte do mar um terraço, do qual os hospedes regalão-se apreciando o levantar e deitar do sol nas manhans e tardes em que não chove, porque só por milagre deixa de chover alguma tarde em Santos.

Aquella, em que se passa a scena seguinte, é uma das de milagrosa excepção.

O sol quasi a esconder-se, dava ás montanhas uma côr azulada, derramando os raios frouxos nas aguas do braço de mar; um alaranjado franava as montanhas com orlas de ouro, e uma brisa suave mal estremecia as aguas douradas, de modo a julgar-se um vasto cadinho contendo o metal precioso em obulição.

Tardes de minha terra, sois sempre as mesmas! Bellas e saudosas, quer nos palmeiras dos tropicos, quando a morena entroabre os la-

bios e aspira o frescór e a baunilha da matta ;  
ou quer nas margens da grande lagóa, quando a  
virgem alva e d'olhos azues mira as campinas  
sem termo ! Sempre bellas e saudosas !

Montanhas ou rios, terras ou mares, serras  
ou lagos, sempre este sol os tinge com as côres  
do Iris !

A cidade commercial prepara-se com esse mur-  
múrio decrescente para o repouso. [Em terra  
ouve-se apenas o echo da canção do Africano  
acompanhada ao tanger do toseco instrumento ;  
no mar o grito rouco do marujo ou o bater com-  
passado dos remos.

No terraço achão-se dous viajantes apenas ;  
uma mulher joven, que parece soffrer, está son-  
tada em uma cadeira e encostada ao espaldar  
desta, o quasi a tocar com a barba a fronte da  
joven, achá-se de pé um homem velho.

Os rostos de ambos exprimem uma dôr in-  
tensa, amegada talvez pela melancolia do qua-  
dro que tinhão diante dos olhos ; essa dôr ora  
o resultado do que acabavão de fallar, não o  
sabemos ; o apenas podemos suppô-lo pelo que  
continuarão a dizer.

Depois do longo silencio, durante o qual pa-  
recião embeber ou casar sous soffrimentos com  
o dia que ia morrendo—morte que allivía, por-

que é tambem esquecimento, a joven affastou uma madoixa de cabellos da fronte pallida, e disse com voz quebrada como o pio da avo no escuro da floresta :

—Ha um mez que o coração não me bate tão socegado como esta tarde ; julgo-me sentir morrer tão suavemente como este dia, em que o meu mal mais se tem aggravado. Olha, mou pai, como aquelles montes vão-se apagando da vista ! Elles morrem tambem, mas é só por uma noite, em quanto eu....

O velho estremeceu : comprehendeu, e o coração acabou a phrase. A joven suspirou e calou.

—Como deslisa aquella canoinha pela agua ! O pescador atormenta-se sem duvida, porque a noite vai sorprendêl-o no mar ; elle quer chegar para abraçar a esposa e filhinhos. Oh ! como esta aragem, para nós tão agradavel, lhe devo parecer fraca ! Elle quer vento forte para entrar na sua vida.... eu quero tambem um furacão que me impilla para a mór....

O velho estremeceu de novo, e deixou vêr duas lagrimas vagarosas, que não enxugou ; uma dellas pulou na mão da jovem que tremeu por sua vez, comprehendendo matar seu pai com o presentimento e desejo de deixal-o no mundo.

O velho levantou os olhos, fitou-os nas montanhas, e com elles obscurecidos pelo pranto :

—Que mal te hei feito, para que tanto dejes fugir de mim tão cedo, e para sempre? Não me bastará, Lucia, para o amargor da vida que arrasto, as desgraças que me tem acobrunhado? Será preciso ainda que a minha Lucia se esqueça de mim quando soffre.

—Não, pai, uma vez fui-to infiel, trahi essa confiança, que uma filha deve prezar como a perola mais bella da corôa da mulher que se respeita. Nem o teu perdão mereço já; sumentó Deos que ó immenso m'o poderá conceder!

—Filha, um pai é um Deos na terra; perdôa todas as culpas; tem olhos e coração para sentirom e chorarem a desventura dos filhos, e braços para estreital-os ao peito. E, diz-me, quaes serão as tuas culpas para que te peijes de encarar-me? Amar? Quem não tem'amado nesta vida? Enganar-so sobre o objecto amado? Não é erro do coração, mas dos olhos. Não ouvi eu dizer aquelle generoso manco que o reptil nojento não te havia tocado com a baba impura? Lucia, não me queiras matar!..

Lucia, visto ter o triste ancião dito quem era o joven, em quanto esto fallava, tinha a fronte entre as mãos e parecia ouvir como uma con-

domnada a sentença, aquellas palavras—absolvição plena do sua falta, se ella pôdo existir em uma mulher confiar demais nas vozes apaixonadas e juramentos de um homem, na apparencia digno do credito e affeição.

Uma tosse constante que desde principio entrecoitava as palavras de Lucia, apresentou-se agora violenta, de modo a abalar-lho o corpo enfraquecido; pensaria quem a visse curvar-se e estorcer-se, que uma vibora lho espicaçava as entranhas.

O lenço, que levava aos labios, ao retiral-o delles, trazia rosas pintadas por aquelle precioso sangue!

Bruno solícito e apiedado beijava-lho a fronte, ordenava-lho os cabellos e com prantos na voz:

—Minha filha! O que tens tu? Para que falar tanto?... Socega por momentos...

—E' tarde, meu pai! Tudo está decidido. Aquelle que me envenenou o coração é quem pôdo calcular o quanto soffro!

Depois, como acalmada, deitou os olhos em uma estrella, a primeira que brilhara no céu:

—Oh! se eu tivesse conhecido minha mãe, isso não toria acontecido!

—Anjelica! murmurou o velho na vortigem da dôr e da saudade—o fui eu quem a matou!

Interpôz-se um silencio de minutos, desses minutos em que só se ouvem suspiros o se vêem lagrimas, depois dos quaes Bruno, segurando a mão de Lucia :

—Ergue-to, filha ; o orvalho sor-te-ha nocivo, o o dia já terminou.

Lucia levantou-se rapidamente, como nos tempos de seu maior vigor o estendendo a dextra, apontou para um ponto branco, mal destacado da escuridão, que começava a conquistar tudo :

—Lá vai o pescador para a sua vida, ao passo que eu vourei para a morte... Quanto é bello ver morrer o dia, quando se tem de deixar o mundo ! O sol já não illumina este lindo quadro... minh'alma tambem já se vai apagando... Meu pai ! sustenta-me que já estou moribunda !...

Nisto lançou-se violentamente nos braços do velho, que trémulo sentia a filha resvalar d'elles.

Bruno curvou-se até o cõllo de Lucia o carregou o precioso corpo para o interior dos aposentos.

Erão os despojos da desgraça que o infeliz levava nos hombros.

Doitou-a arquejante cuidadosamente no leito, arrastou uma cadeira para bem perto o sentou-

so; tomou-lhe uma das mãos e esperou ancioso que terminasse o accesso.

O rosto de Lucia transtornava-se sensivelmente; nodos lividas tingião a cutis sob os olhos extaticos; uma amarellidão como a da cêra substitua o jaspe das faces; os labios tomavão a côr do marmore; só o coração—essa harpa que vibra por ultimo sobre o corpo já desfallecido, estuava com uma força estranha.

Todas as transformações do rosto de Lucia reflectião-se no de Bruno, o qual sentia-se morrer no trespasso final da filha estremecida.

Mas, assim como em noite escura de tempestade uma nuvem que se aparta de outra, deixa apparecer um cêo breve e límpido e muitas vezes uma estrella, assim o rosto do pai, na tormenta de seu desespero e temor, toma uma expressão menos dolorosa e sous olhos abrem-se em extasi de esperanças: ó que Lucia orgue-se lentamente sustentando-se no braço direito e com a mão esquorda amima o rosto do velho.

—Foi apenas um presagio: virá, mas não será neste momento! Oh! se eu tivesse forças para morrer abraçando-to, meu pai!

—A nuvem ainda paira, é vordado, mas está monos carregada; um sópro de Deus pôdo varrel-a do firmamento, estrella unica de meu cêo!

Os medicos jurarão-mo.... disse Bruno machinalmente, como se pensasse alto.

Lucia oncarou o pai, ia entreabrir os labios mas a tosse eterna impedio-lhe o balbuciar uma palavra; cahio extonuada sobre o leito.

—Os medicos nada sabem senão do corpo : o meu espirito bruxoleia apenas.... Meu pai !

Ao pronunciar estas duas palavras, fitou o rosto de Bruno com olhos de tanto amor e reconhecimento, como se quizesse mostrar tudo o que sentia nesse ultimo olhar.

Suceddeo uma febro violenta ao deliquio : penalisava vêr-lhe a fronte empallidocida, os olhos pregados no rosto do velho, e as contorsões que movião lhe o corpo emmagrecido.

—Minha filha ! bradava Bruno.

Nenhuma palavra em resposta.

Algun tempo depois, o assim como o mar pouco a pouco se amaina, assim uma immobilidade assustadora conquistava o corpo de Lucia.

Com um gesto de cabeça chamou a si o velho, tomou-lhe uma das mãos com ambas as suas, e juntando-as todas ao coração, suspirou em voz fraquissima :

—Meu pai.... ou morro....

Afastou os olhos do velho e voltando o rosto para o outro lado murmurou :

—Feli... O velho ouviu a metade deste nome; o resto a morte repetio.

Seus olhos fechárão-se e nem um respiro indicava vida; as mãos abríráo-se e soltárão a do pai.

Bruno tacteou-lho as faces, as mãos frias, e o coração: tudo era morte; tudo paralisação; tudo mudez!

—Lucia! Quem me salva minha filha! Dar-lhe-hei a vida que possuo! Grande Deos!

Impellido saltou no meio do aposento, o como enraivecido do abandono em que se achava:

—Que venha ao menos quem veja morrer um anjo! Deos! O que será de mim?

Uma creada, attrahida pelos gritos, appareceu á porta e correu a chamar um padre.

Ouvio-se tambem o patear de um cavallo que parava á porta do *Hotel*.

O rotinir das esporas do quem quer que subia apressadamente as escadas, o abrir da porta do aposento e o apparecimento de um homem, fórão obra de segundos.

Esso alguem era o conego:

—Chamárão um padre? oil-o...

Como a onça que assalta o viandante desouidado no contro da floresta, assim Bruno de um

pulo só, unio-se ao recémchegado, o apertando-lhe o pescoço com a força da cora :

—Sim ! Eu precisava agora do um padre como o que me fez matar minha esposa, e como o que matou minha filha ! Chegaste bem a tempo !...

O riso que vibrou pela sala era igual ao do louco quando consogue o que deseja.

—Algoz ! continuou Bruno—vens assistir á ultima agonia da victima, não é assim ?... Padre ! disse apontando para o leito—contempla a tua obra !

O conego pallido, mas sereno no aspecto, ne-  
nhum movimento fazia. Um suor frio inundava-lhe o rosto emmagrecido :

—Senhor Bruno, podeis matar-me....

—Sim ! desta vez não me escaparás ; não virá quem diga que minha filha está pura ! Eu a vejo morta alli ! Aquelle anjo não implorará mais o teu perdão—elle está no céu : na terra só existem demonios, e a vingança dos demonios é a ostrangulação sem piedado !

Com uma força extraordinaria curvou o conego para o chão até obrigar-o a ajoelhar-se, e preparava-se para executar a sentença dada pelo dosyario e pela raiva, quando o leito gemeo : Bruno voltou-se para elle e inundando-se-lhe o rosto do esperanza, vio Lucia erguer-se até meio

corpo sobre um dos braços, e com voz de alémtumulo :

—Pai! perdoa-lhe... como eu... lhe perdoei, e como Deus lhe perdoará.

Espraiou um olhar vagaroso pelo aposento, observou o conego com esse ultimo olhar do cordeiro que entrega sem resistencia o pescoço ao cutello do barbaro senhor, e cahio fulminada. Tudo estava consummado!

Bruno desprendeo as mãos da garganta do conego, e deu alguns passos rapidos, para afastar-se do homem que agora lhe era sagrado; apurou-se e estendendo o braço direito, apontou ao conego aturdido a porta

Era um gesto solomne e severo como o do anjo que expulsou nossos pais do paraiso: era o anjo da desventura que o impunha.

O conego approximou-se do loito, depóz um beijo nos pés ainda mornos da victima, ergueuse, abençoou o cadaver e sahio cambaleando.

Quando seus passos deixárão de ouvir-se, Bruno, que ainda se conservava qual estatua de bronzo no centro do aposento, e com o gesto terrivel, cahio fulminado pela dôr. Alguns passageiros, que acudião ás ameaças, ouvirão os soluços e convulsões daquello pai infeliz.

O estado do conego era o de um moribundo

ao qual uma pilha electrica imprimisso um movimento machinal; quantos o encontravão a descer a escada, estacavão admirados á vista daquello homem, atncado de febre, que antes atirava-se do que calculava os degrãos.

Um tropel ruidoso estalou na calçada e parou á porta principal, que foi illuminada por dous archotes, que precedião uma caravana jovial: era um grupo de estudantes, enthusiastas de uma mulher *genio*, como se dizia, a qual attrahira-os na hora tristonha da partida para Santos.

Um delles apeiou o estendendo os braços para a artista, que se conservava montada:

—Desce, sublime Rachel! Cêhe em meus braços para que eu te pouse radiante de belleza sobre este valle de lagrimas! *Oh! vous, qui que vous soyez, mortelle ou déesse, quoi que....*

—Bravo! bravo! exclamarão os outros.

—Como está desfructavel o caloiro!

—Não admitto a honrosa comparação—disso a actriz depois de pensar algum tempo—e se tivesses mais espirito, mou quart'annista, comparar-me-hias a mim mesmo: Rachel é Rachel e Eugenia é Eugonia. Pereira, dá-me tu o braço e ajuda-me a descer—terminou imperiosamente a senhora absoluta daquelles corações bom formados.

Apeiou a gentil dama e ião todos a ontrar, quando um dos satellites do *astro fulgente* lo-brigou o conego, que vinha no meio da escada.

—Repara, Fernandes, aquelle camafêo que vem descondo não é o *Sancta-Pandega*?

Fernandes, famigerado entre os debicadores academicos, limpou a luneta, pregou-a no olho direito e fitou o conego que terminava a dolorosa descida:

—Oh! tu, que foste sempre o primeiro entre os primeiros, o cuja fronte cinge ainda a corôa des triumphadores, então, já preparaste os jardins do Armida ou os paços do Dido para recoberes dignamento a mulhor-gonio ou genio-mulher? Ah! maganão... tu nos precodesto... heim?

Estas ultimas palavras, proferidas em um tom de intimidade chocarreira, provocârão hilaridade geral. Quiz responder, mas tartamudeou e abaixou os olhos.

—Ainda lá, responde, conego. Trazes rosto do quem commetteu um crime; temes que a gruta não seja assoz bella para o nympha? Tua sentença, estou certo, sorá um sorriso; o a pena, a terrivel pena... um beijo.

—Falla, conego! diz alguma cousa, não fiques agora como a esposa do Loth—oxigirão todos.

—Sabei, meus senhores, que se algum dia fui um dos vossos, hoje compreendo meus deveres.... mas não como companheiro de prazeres; sabei....

—*Quantum mutatus ab illo!*—exclamou um latinista, repatidor de sentenças.

Ah! continuou o implacavel Fernandes—o homem está em verdade metamorphoseado em padre! Dar-se-ha o caso feliz do haver hoje mesmo um masqué em Santos?

—Não, meu senhor—respondeu o conego, alterado pelo desgosto da presente situação—a máscara já está desatada ha muitos dias; hoje peço a Deus forças para tornar-me o que sempre devôra ter sido. Mas... disse com gesto supplicante—se me não respitardes apezar dos habitos que visto, respeitai ao menos, ou vol-o rogo oncarcidamento, a dôr do um pai, que nesta casa pranteia a morte de sua unica filha.... a qual não ha minutos exhalou o ultimo suspiro....

—Vejão, collegas, cómo o egoista quer affastar-nos deste bosque—interpellou Fernandes—decididamente o homem ha de ser sempre orador, quer esteja no pulpito á luz dos cirios, quer no saguão á luz pavorosa dos archotes! Grande maxima, meu Talleyrand—dividir para roinar: mas observa que nós estudámos direito publico....

Quando exhalares o ultimo solego, podes bradar como Nero: *Que actor perde o mundo!*

Esto discursar, talvez em outros tempos lisongeiro aos ouvidos do devasso, seria como espinho pungente os ouvidos do homem, prestes a regenerar-se; essas palavras erão um castigo poior do que a morte para o homem, que lia nellas o desenvolvimento da these nefanda do seu passado. E que pena mais afflictiva haverá, do que a que se soffro, tendo por açoites o ridiculo, por assistentes—motejadores e por algoz um companheiro ou cumplice?

—O que esse homem diz, collegas, é plena verdade—disse um recémchegado, que contristou-se ao ouvir as ultimas palavras do suppliciado. Se vos não parece vorosimil a espantosa mudança, que n'elle se está operando, affianço-vos ou, que nunca montí, que um pai neste momento chora alli em cima a perda irreparavel de sua filha!

—Esto Dalmo ha de sempre fallar em linguagem sepulchral!

—Amaveis companheiros, sibillou a actriz, se eu vos mereço alguma sympathia, appellarei neste momento para ella, assim do que todos vades pernoitar em outra hospedaria.

—Um só grito de alegria constituiria uma pu-

nhalada no coração do pobre velho ; seria um insulto, que não praticareis....

Calados ouvirão os mancebos a triste nova, e sabirão dizendo :

—Ao Barbeirinho ! Lá ao menos teremos occasião de fallar todas as linguas conhecidas, e algumas desconhecidas.

—E de comer optimo peixe : já estou farto do picadinho da republica.

E—onde será o jantar que promottemos á sublimo....

—Na *Barra*, no Montserrate, ou....

— O melhor de tudo é banquetearmos-nos no Cubatão : bella lembrança ! Apago ! que já estou cansado de cavalgar um jumento trotão.... Maldicto Capitão ! em S. Paulo far-te-hei o descontento.

Estes quoixando-se dos incommodos da viagem ; aquelles discursando em voz alta, como é costume entre estudantes ; uns recitando *improvisos* que computarão para decantarem a sublimo artista ; outros narrando os pequenos triumphos e provas de amor obtidas pelo caminho, entrarão na hospedaria da rua de....

—Bon soir, monsieur Barberino !

—Je vous souhaite un bon soir, monsieur le docteur.

—Sublimato Barberino ! bona sèra.

—Bona sera, mi signori.

—Good evening to you, my dear Barberino.

—I wish to you a good evening.

Quor o recomchegado fallasso allomão, grego ou sanscrito, tinha certa uma resposta bem ou mal alinhavada na lingua da pergunta, dada pelo amabilissimo poliglota.

Deixemos, porém, scenas do prazer e descuido da mocidade, quando abundão ainda bastantes lagrimas a onxugar e dôres a consolar.

Apenas a cavalgada deixou o *hotel Septentrional*, Dalmo subio as escadas e espreitou o interior do aposento onde se achavão o pai e filha.

A' luz tremulante de uma véla vio o leito em que jazia Lucia. Suas mãos cruzavão-se sobre o peito no lugar do coração; o rosto marmoreo formava um contraste extranho com os cabollos desordonados e pendentes do leito até o tapete; a isso todo a luz emprestava uma meiguico e tristeza que convidavão a amar aquelle anjo sem vida.

Juncto do canapé, pronunciando sons inintelligiveis, o pai soluçava arquejante sem levantar o rosto do chão.

—Cuidado, senhor, disse a creada rotendo Dalmo pelo braço; não entreis; o velho não

consento; ameaça, dizendo que lho querem roubar a filha até depois de morta.

Dalmo entrou e caminhou para o lado de Bruno. Este não o presentio.

—Senhor Bruno!

—O que me querem? Matar-me a mim também? Já o conseguirão: minha luz apagou-se; caminharei nas trévas até rolar no abysmo!

Deixai-me, ou commetterei um crime!

—Matarois um amigo?

—Amigo? Sanzio está em Roma; mas quem sois?

—Um homem que sente vossas desventuras, como soffreria as de um irmão.

Bruno ergueu-se a meio corpo, fitou Dalmo e levantou-se de pé.

—Dalmo! Ah! meu amigo, em que estado me encontras... minha filha....—e apontou para o leito.

Lágrimas abundantes descêrão dos olhos de ambos, e conservárão-se abraçados durante minutos.

—Lastimai-vos, senhor Bruno, pranteai, pois sobraão-vos dóres; nem serei eu, quem extranho essas lágrimas....

—Não é verdade, Dalmo, que é cruel perder o unico onto que nos ama neste mundo, quando

precisamos dos anjos na terra para habituarmos-nos aos sorrisos dos anjos no céo ?

—Sim, mas ha um ento que nunca nos abandona, quer abundem, quer faltem os outros: é Deos !

—Deos ! repetio Bruno com um sorriso amargo. Ob ! Deos não existe !

—Perdeis a razão, sabio !

—Não ; perdi a coroa ; perdi a esperança ! E atirou-se soluçando sobre o sophá.

Dalmo cruzou os braços e contemplou a supremacia do soffrimento no corpo de um homem. Esperou a reacção do vivo e foi observar a immobildade poetica da finada.

Deixou escapar um suspiro, e com os olhos brilhantes de lagrimas :

—Pobre Lucia ! Conheceste na intensidade do soffrimento a intensidade do amor ; e isso coração, que ainda comprimes com as mãos birtas, deve ter estalado fibra por fibra ; e espirito não fulmina de um só golpe um corpo no viço da odado. E elle ?... E' possivel que na hora extrema te lembrasses delle ? Sim, eu o creio : o punhal que mata, é o que brilha aos olhos do moribundo ; a flôr cujo perfume envenenou, é a que dosata as pétalas á vista do que expira ; tu deves ter pronunciado o seu nome no mo-

mento extremo ! Seria um perdão a tua ultima palavra, uma saudade, ou amor ainda !

Foste sua ultima victima, o quem engana uma mulher como tu, morre ou arrepende-se. Elle arrependeu-se, eu bem o vi, quando, com a voz em soluços e os olhos em pranto, disse aos estudantes que teu pai chorava a tua morte. Perdôa-lho, Lucia.

Uma rajada de vento penetrou na sala, fez bruxolear a chamma, revolveu as roupas do leito e um objecto bateu nos pés de Dalmo. Era um papel dobrado, uma carta, a resposta de Lucia, que o cadaver mandava nas azas do tufão.

Dalmo ora socio nas dôres dessa familia : leu sem escrupulo o papel.

—Perdão ? perdão foi a tua ultima voz—continueu Dalmo, mulher inapreciavel ; aquelle homem ha de morrer contricto ; pois que este anjo rasgou as mãos afastando-lho os espinhos da estrada !

Guardou a carta, olhou ao redor e só vio destroços da morte e do soffrimento. Nem um irmão, nem um amigo, além do si tinha Bruno ; ninguem onfim, que zelasse na finada em quanto o pai expandia-se em queixas, e apresentava essa inepecia que accometto o infeliz depois dos golpes profundos d'alma.

Os creados, atorrados pelas ameaças do Bruno

desvairado, espreitavam medrosos pelos frestas ; o dono da hospedaria, esse... tinha mais que fazer ; com o riso classico dos hotelloiros, acari-ciava uma moça guzia do estrangeiros, que pela liberalidade dos pedidos, promettião optima colheita á hora da partida.

Como deixar aquelle homem só, em um tal estado ? Ou antes, quem, ao conhecer-lhe a posição elevada e a profundidade de suas desventuras, não se constituiria amigo, irmão, ou o quer que fosse de generoso e dedicado ?

Dalmo mandou preparar um outro quarto, creveo a um estudante seu amigo, podendo-lhe visse velar juncto do cadaver da moça ; apenas a carta partito, chamou o velho.

—Senhor Bruno, partamos.

Esto abriu os olhos sobresaltado o perguntou com brandura :

—Partir ! E Lucia já despertou ?

—Sim.

—Mas ella conserva-se queda....

—Partamos nós ; não a acordemos, que ella sonha com Deos.

Bruno levantou-se do canapé, collocou o indicador nos labios como signal de quem pede silencio, e sabio guiado pela mão do mancebo.

Ao entrarem no outro quarto, Bruno quiz voltar, mas conteve-o o braço forte do companheiro.

—E Lucia ?!

—Ella já partio, mas esperar-vos-ha.

—E' certo ; mas quando a acharei ?

—Quando Deos quizer.

—Oh ! Deos ! Deos !

O desvario de Bruno cossou a essas palavras, e começou elle a comprehender sua situação.

—Obrigado, amigo, meu irmão ! No entanto é preciso que alguém vole o leito de Lucia, o deve ser seu pai !

—Nunca : tudo está consummado ; só vos resta a resignação, e essa um sabio deve possuir.

—Um sabio ! Sabio é o bruto que não soffre ; esse ó sabio : o homem é a excepção da natureza...

—Porque sómente o homem terá os gosos eternos.

Bruno cabio extenuado no leito e pareceo dormir.

Dormir ? Poder-se-ha chamar somno a isso tumultuar de ideias, que se manifestão em gestos desordenados, palavras som noxo, suspiros pungentes e lagrimas amargas ?

Esse foi o dormir de Bruno, isto ó, um pesadelo do prescito.

Dalmo cuidava de Bruno, qual extremosa mão á cabeceira do filho; e só dello se apartava, quando mais tranquillo o via; corria então ao aposento mortuario a despertar o amigo, que muitas vezes tinha a cabeça sobre as paginas de um livro, aberto para distracção da vigilia.

Uma das vezes om que penetrou na sala, achou-o de pé olhando attentamente para o cadaver.

—Aquella mulher não morreo d'uma dessas mortes vulgares, das quaes acaba o commum das creaturas. Alli ha uma historia terrivel de amor, ciúme, odio, uma paixão qualquor, que faz definir na impossibilidade de um fim que o coração anhela: bem se presente pelo olhar, que ainda se aprecia apesar do fixo e vidrado, o pela contracção final daquelles labios formosos, apesar de rôxos.

Conta-me essa historia, Dalmo.

—Outro dia, Luiz; temo agora que o corpo estremeça á narraçào das desventuras do espirito, que o habitou; foi uma paixão terrivel: basta-to isso?

—Amor?

—Então, o que mais? Do que morrerá uma mulher acs vinte e dous annos?

—Por Deos! Dalmo, eu tambem amal-a-bia, se a houvesse conhecido.

Approximou-se do loito e curvando-se encarou os traços da defuncta.

—Mas attende, estes traços mo não são desconhecidos... uma reminisceucia.... espera: no theatro?

—Sim.

—Uma camelia branca nos cabellos?

—Sim.

—Então é ella! É ella!

O mancebo recuou o cabio na cadeira apertando as fontes entre as mãos.

—O que sentes, Luiz?

—Um segredo de minha alma hontem, uma dôr profunda hoje. Vi-a no theatro uma noite; no jardim publico, perto do lago, outra noite; ainda uma noite um raio da lua mostrou-me aquelle rosto por entre as arvores de um jardim dos arrabaldes do S. Paulo...

Luiz calou-se como detido por força extranha.

—Depois? perguntou Dalmo.

—Eu tambem a amei.... e ainda a amo! Ainda amo essa sombra, essa visão que mo apparecia um instante para sumir-se nas trévas. Sempre a noite entre mim e ella! Dabi data essa vida de desordens e vinguns sem torma, que

me censuras. Mas, amigo, quem a matou foi um pai severo, que lhe suffocou a paixão no peito, ou um homem que a seduzio e enganou.... não é assim? perguntou o mancebo offegante e segurando com força o braço do Dalmo.

—Um homem a enganou.

—Esso homem que a fez morrer, vivo ainda?

—Devo ter morrido para a sociedade.

—Por Deos! dizo-me o seu nome, aponta-m'o, que eu o matarei até dentro do um templo!

—Tranquillisa-to, louco, o não tontes o impossível.

—O nome ao menos daquelle anjo!

—Lucia.

—Lucia! repetio o mancebo tristemente.

Dalmo sahio. Luiz caminhou para o leito, o tirou do manguito do roupão uma fita, beijou-a repetidas vezes, o guardou-a em unia carteira.

—Despojas um cadaver, Luiz? perguntou Dalmo, que observou tudo da porta.

—Não, roubo uma prenda da mulher que amei: ella dar-me-hia esta fita, se me houvesse conhecido; depois.... a terra consumil-a-hia, o agora terá um altar, unida ao coração.

Dalmo ainda ouviu-lho ao sahir os soluços; era a primeira illusão que morria; era, no dizer do poeta, um sonho que se crystallisava!

Luiz sentou-se, fitou o cadaver, e assim permaneceu até ao romper do dia.

Os vidros reflectião apenas os primeiros alcores da manhan, quando Bruno saltou da cama, e perguntou ao companheiro que ainda media o quarto com passos apressados:

—O que aconteceu, amigo? Lucia!?

—Já sabeis a terrivel verdade: é mister ser homem; quem tem supportado tantas dôres deve acabar martyr.

—Sim, eu terei coragem ainda. Mas... meu amigo abandonaste minha filha...

—Um amigo vêla ainda no aposento.

—Que serviço poderá tambem prestar ao cadaver um velho alquebrado? Será preciso que eu proprio o carregue aos hombros até á cova... Oh! isso não!

—Acalmai-vos. Tendes em mim um amigo: eu tudo farei.

—O que mo dá direito a esse titulo?

—O soffrimento: a desgraça liga os homens.

—Tambem soffres, Dalmo?

—Menos do que vós aos sessenta annos, porém mais do que vós aos vinte e quatro.

—Em tuas mãos entrego o corpo de minha filha; só tu pôdes conhecer-lho o valor.

—Tudo farei.

O velho doixou-so cahir no leito, e instantes depois os creados mal despertos o indifferentos admiravão-so de quo houvesse quem tão cedo chorasse e gemesso.

E quem na vida não tem tido destas auras? Quem, depois de uma noite, durante a qual a duvida e a violencia da separação esperão um milagre, não tem sido offuscado com a luz immensa do dia claro a patentear a terrivel certeza? O sol que illumina o dia de amanhan para o desgraçado, não devia fazer o seu curso; por isso a noite é grata aos que gemem, porque elles ainda pôdem duvidar.

A luz mostra os obysmos—as trevas os escondem.

## SEPTIMA NOITE.

O cemiterio de Santos está situado nas imediações da cidade, porém perto do mar.

Os mortos amão o mar : é elle que suspira, gemo, arfa e beija as tristes habitações ; é elle que manda as virações curvarem os cyprostes, que arruidão o silencio eterno com o gemer dos galhos ; é elle que canta a monotona symphonia aos mortos, acompanhando-a no monocordio do bater das vagas !

O mar, leitor ! Acaso tomeis o mar ?

Quem poderá deixar de amal-o, quando, manso como um leão satisfeito, elle estende-sê azulado, deixando vêr os horisontes, e pensar no infinito ?

Quanto é suave na amplidão do mar, em noites claras, cogitar nos pais, na amante, ou na patria, que nos fogem pela pópa do navio, ou que em breve abraçaremos?

Como é forte, quão grande é sua soberania, quando, ao avistarmos as plagas queridas entre novas, lho pedimos que encadeie as furias até que pisemos o solo que amamos?

O mar, loitor! O mar!

E que importa, que ao sorpear dos fuzis, ao escurecer do dia, ao enfurecer das ondas, o batedel erga-se ás nuvens ou gema nos abysmos! Quo importa que a morte venha colher-nos no horror da tempestade, quando temos n'alma a ideia da grandeza de Deos?

E' ahí que devo morrer o bravo o o justo: ahí pôde morrer o homem sem que o rodeiem as mesquinhas cousas da terra; ahí o sacerdote é Deos; o amigo é Deos, o a morte é o poder de Deos!

Quando, durante uma tempestade vio-so um athou?

Por isso o cantor do René tem seu tumulo aberto em um penodo, ora batido, ora affagado pelas ondas; foi no mar que Chateaubriand aprendeu a amar o exilio; foi no mar que elle concebeo as saudades de Amelia.

O mar, leitor! O mar!

Como se aperta e estreita o coração no peito entre montanhas, que parecem desabar sobre o vivente? Para onde estender a vista e buscar no horisonte a nuvem branca, que nos lembra o ento que amamos o que longo de nós existe?

Eu amo as campinas do minha terra, porque são verdes como o mar; tem horisontes sem termos como elle, e lembrão o infinito como o mar.

Por isso tambem os mortos o amão; é elle que lhes canta a symphonia monotoná, acompanhando-a no monocordio do bater das vagas!

Nessa outra tarde nem as ondas se movião agitadas pelo vento, e nem a borrasca escurecia o céu: sereno como scio de virgem que não ancia de amores, lambia a praia qual um cão fiel as plantas do senhor, e o céu som nuvens transparecia como o crystal lucido.

Caminho da praia rodava vagaroso um carro contendo um furetro, e cavalgavão alguns homens trajados de preto. Os semblantes de todos indicavão que, se o cadaver não pertencia a um ente amigo, ao monos a edade e belleza não lhes erão indifferentes.

Morrer na manhan da vida quando as flôres d'alma desabrochão; quando o coração palpita por um futuro feliz!

Morrer, quando se ama com toda a enorgia d'alma! Morrer!...

A triste caravana caminhava silenciosa; nenhuma palavra se ouvia, da qual se pudesse traduzir um pensamento de alegria; apenas suspiros comprimidos revolavão o penoso serviço que prestavão.

E esses caminheiros erão os mesmos jovens folgazões trazidos á Santos com a sêdo do prazer impressa nos coraçõs ardentes.

Por vezes um ou outro dialogo em voz baixa alterava o silencio, mas tornava ainda mais melancolico o acompanhamento.

—Em que pensas, Paulo?

—Tambem perdi uma irman da cidade dessa moça, e a dôr daquelle velho, ao sahir do caixão, lembrou-me o delirio que accommetteo meu pai.

—São tous parentes, Dalmo?

—Talvez.

—Dizem que a moça era italiana....

—E' verdade.

—Mysterios! Devo ser uma triste historia essa!

—Historia de sempre! A morto acabando males, sem remedios na vida! respondeo Dalmo.

Minutos depois chegarão ao comitorio e descançarão o esquite sobre bancos.

Um padre e dous cozeiros esperavão o novo hospede; acendêrão-se tochas e o sacerdote co-meçou sou ministerio.

Recollidos ouvião os jovens as palavras de eterna despedida, e em muitos rostos divisavão-se signaes da maior tristeza.

Terminada a cerimonia, descêrão o caixão ao fundo da sepultura, e as primeiras porções do terra fóra lançadas sobre elle.

O ruido surdo e cavernoso do barro, que batia sobre o caixão, echoava nos corações dos assistentes.

Todos mandárão em punbados dessa argilla os ultimos aduoses áquelle formoso corpo, que já tinha desaparecido. A terra absorvia o que era sou.

Dalmo junctou-se aos collegas e disse-lhes com a voz trémula a trahir a mais profunda commoção :

—O pai de Lucia manda agradecer-vos a caridade de acompanhar ao ultimo jazigo o corpo da filha. Amigos, elle é um academico, um homem de letras.

—Um homem de letras?

—Sim. Sacrificou a vida pela sciencia sem abafar o coração; os homens o sacrificárão tambem a elle.

Apertarão-se as mãos o salírão.

As sombras já escurecião muitos objectos; vião-se ao longo dispersos pequenos fogos, que os pescadores acondião nas praias.

Juncto á sepultura um coveiro segurava uma tocha, emquanto o companheiro terminava o seu tristonho mistor.

O coveiro depôz a enxada sobre a sepultura, o foi arrastar a louza que tinha de cobril-a.

Um homem que ninguem até ahí tinha visto naquello logar, sabio precipitadamente dotraz do um mausoléo, cahio de joelhos á beira da sepultura, pendeo para o chão a cabeça com força o ferio a testa no gumo da enxada.

—É aqui, Lucia, bem longe daquelles que conhecem o mou crime; ó aqui, tendo por testemunha só Deos, que eu quero pedir-te o ultimo perdão! Tu hontem m'o concedeste; resuscitaste para dar-m'o, não é verdado! Já partiste para a mansão dos justos, estás porto do throno do Senhor, roga-lhe o pordão para... o algoz!

Emquanto proferia estas palavras o sangue, que corria do immenso golpe, banhava-lhe o rosto.

Agora a dôr physica fazia-se sentir.

—Eu sabia—continuou passando a mão pela cabeça—que o instrumento que te cavasso a.se-

pultura, havia de abrir-me um sulco na fronte, para que os homens vissem em mim a prova de minhas culpas; o arrependimento cessará também, quando este golpe desaparecer....

O coveiro, espantado do que via e ouvia, ficou o brandão n'um montículo de terra solta, e partiu a chamar Dalmo, que ajudava o outro a preparar a louza. Contou-lhe o que se passava: Dalmo adivinhou o resto; deixou-lhe o encargo de auxiliar o companheiro e correu a vêr o coveiro.

A luz do cirio alumiaava um rosto coberto de sangue, que gotejava sobre a sepultura.

Approximou-se e tocou-lhe no hombro.

—Padre!

—Quem é?—Depois, limpando o sangue, misturado de lagrimas que marejava-lhe nos olhos:

—Dalmo!

—Soffres, padre?

—Pouco para um culpado e muito para um infeliz....

Pronunciou estas palavras entrocortadas por soluços.

—Todas as culpas tem perdão.

—Não as minhas....

—O que sentes a respeito de Lucia?

—Remorsos e....

—Amor ?

—Sim : amor puro como o dos renobitas pela Virgem Sancta.

—Ergue-te. O que desejas agora ? Deos fará tudo.

—Eu quizera ouvir do fundo desta sepultura a voz de um anjo dizer—pordão !

Dalmo tirou do bolso um papel e entregou-o ao conego.

—Os mortos não fallão ; mas os moribundos dizem tudo.

—Oh ! dá-me !

O conego tomou o brandão na direita, segurou o papel com a esquerda, o lêo tremendo a carta de Lucia :

*« E' impossivel que me enganasses ; perdoame, Felicio, o que te disse ha dias na hospedaria ; foi antes o desespero do que o coração que me fez fallar assim. Só o impossivel te levou a fingir. Escrevo estas linhas, com os olhos a medirem a sepultura... e assim mesmo não me queixo de ti ; tu me amas, como eu te amei, não é verdade ?*

*« Adeos ! Felicio ; a mão trémula mal pôde escrever estas linhas... adeos, até o céo : lá Deos não tem ministros ; tem espiritos que se querem, e nós nos reuniremos no céo ! »*

O rosto do conego exprimio nestes poucos segundos de leitura todas as emoções, que podem abalar um homem durante uma vida inteira de agitações.

A principio um riso doloroso roçou-lhe os labios pela duvida de Lucia, justificando sua paixão o lembrando-lhe a scena do Rio-Grande; depois um lampejo illuminou-lhe o semblante pela confissão do amor de Lucia. Trémulo e a excluir vozes sem noxo, esse homem dobrava-se qual flexivel ipê batido pelo vento.

Terminada a leitura, beijou o papel o guardou-o; tremendo deixou cabir o brandão, ajoelhou á beira da sepultura e orou fervorosamente.

Nessa prece talvez se lhe ameigasse o amargor da existencia; o certo é que orgueo-se com o rosto illuminado por um clarão de enthusiasmo e de fé; era talvez a aurora da virtude que se levantava naquella noite de vicios e erros.

Deixou escapar um profundo suspiro e abraçou Dalmo, que satisfeito observava a segunda phasa do arrependimento.

—Ella disse que no céu Deos tom espiritos que se amão; sim, eu caminharei até ella através dos perigos; lá onde houver mais desventurados, para ahí irei eu; lá, onde mais soffrir o homem, ahí estarei cumprindo o meu dever.

Dalmo, podes apertar esta mão : o perdão do Lucia fez-me amar os homens; o instrumento destruidor será d'ora em diante o consolador de muitas dôres. O martyrio dar-me-ha eloquencia para fallar aos que soffrom!

Olhou ainda uma vez para a campá e apontando o céu :

—Lá Deos não tem ministros.... até morrer, ou serei um dos seus na terra!

Dalmo apertou-lhe a mão e atou-lho um lenço na fronte.

—Estás salvo, padro!

—Deos o sabe! exclamou o conego retirando-se apressadamente.

Meia hora depois o comiterio jazia deserto; os mortos dormião o somno eterno.

Os cyprestes gomião o piavão algumas aves agouroiras.

Dalmo dirigio-se ao *hotel*; subio ao quarto de Bruno e achou-o escrevendo. Com a esquerda o velho apertava o peito e com a direita traçava linhas apressadas.

Dalmo chegou até o meio do aposento sem que o velho, na persistencia de escrever, dêsse-lhe pela presença.

Por fim a penna cessou de deslizar-se pelo papel; Bruno descansou a cabeça na mão que

tinha ao peito, e lobrigou Dalmo na penumbra.

—Sô bomvindo, mancoço! Tudo está já terminado, não é assim? Neste momento mal exprimia eu neste papel a gratidão que to devo. Julguei que desapparecerias, aponas me deixasses em obrigação o som que te podesso abraçar.

—Nada mo deveis.

—Oh! eu o sei bom. Fazias-me falta, muita falta. Dalmo, hoje mesmo quero deixar estas paredes e este tecto; julgo que aqui morrerei de dôr, ou que, não podendo supportal-a... Transporta-me para onde te aprouver; hoje tanto me agrada a cabana como o palacio; para mim tudo o que me cerca, tem vestigios do morto e infortunio....

—O vapor parte amanha; quereis dormir a bordo? Talvez....

—Sim, Dalmo; no mar, quero dormir no mar. Abi tive sempre esperanza do mudar o destino; emquanto em terra!...

—Bom; partamos então para a ponte e depois embarcaremos.

O velho ergueo-se, tomou o chapéo, traçou com força o braço no do mancoço, e caminhou para a porta.

Um passo aponas, o transpol-a-hia, quando re-

pello com violencia o braço em que se apoiava, e volta convulso para a mesa.

—E' impossivel Dalmo ! Como deixar tão codo o lugar onde vi expirar Lucia ? Aqui ao menos todos os dias verei o leito.... Meu Deos !

E' difficil descrever a expressão de angustia que acompanhou esta exclamação.

Dalmo chegou-so-lho bem perto, e com um gesto em que se pintava o desgosto o talvez uma censura :

—Sabio, quereis dar essa dôr respeitavel em espectaculo a extranhos e motejadores ? Quereis que vos apontem com o dedo, murmurando : « Lá está um fraco que não soube vencer o soffrimento ; um visionario, que vê um ente, que não existe e nem existio nunca ! » Lembrai-vos que sois o sabio Bruno ; e quem como vós, subio o Golgotha da vida, não descerá nunca ás fraquezas do imbecil !

—Partamos, Dalmo ! disse o velho com resolução.

Dalmo offereceo-lho de novo o braço e sahirão.

Calados embarcãõ em um bote o algum tempo depois subião a escada do vapor.

—Commandante, recomendo aos seus cuidados aquelle velho que traça do lucto—disse Dalmo, apenas chegado ao tombadilho.

—Descançai em mim ; todos os que comigo embarcão, 'são t'fatados como amigos.

—E' l'ho necessario um leito affastado de todo o qualquer ruido ou vozoria dos passageiros.

—Dormirá na camara de ré.

—Obrigado, commandante.

—Adeos, amigo.

Bruno, encostado a um dos ferros dos turcos, observava o mar. Parecia que a viração da noite l'he minorava os soffrimentos ; o a não ser um ou outro suspiro, ou as contracções ligeiras dos labios, poder-se-hia julgal-o um homem pensativo, mas feliz.

Logo que o mancebo dirigio-se-l'ho para dizer-l'ho o ultimo adeos, o velho voltou-se o apontou-l'ho um banco. Sentárão-se.

—Muito generosa deve ser essa mocidade que conta um membro como tu, Dalmo, em seu soio ; um mancebo que se condóe de um velho forasteiro o desgraçado, até no meio dos prazeres. Paiz bomaventurado ! paiz em que os homens aprendem na magestade da natureza a magnanimidade do coração.

—Desditosa é comtudo a geração que hoje se levanta.

As primeiras palpitações da mocidade, os primeiros vóos da imaginação, as flôres precoces

do talento são suffocadas, abatidos e esmagadas por uma multidão de homens, aos quaes chamão positivistas, e que com maior razão deverião chamar estragadores ineptos. Para elles não ha no joven temperamento, edade ou inexperiencia que sirvão de indulto ao vacillar dos primeiros passos na vida.

—A caridade, porém, amigo, essa virtude do céo que se desvela pelos que soffrom, essa ao menos elles hão-do respeitar e amar.

—Quando se póde nella achar um proveito; então a quorem; do contrario é sacrificio, e este é sempre uma perda de esforços.

—Mas eu não pertenço ao numero desses homens, e nem poderia ser d'ello. Dalmo, lembra-me um meo capaz de agradecer-te tantos favores... Dalmo, a divida é immensa... o que te fiz eu para que tanto te desvelasses por mim?... Dize-me, és pobre?

—Sim, mas sem vexame.

—Ainda sou rico....

—Quereis comprar serviços que prostei antes de conhecer-vos?

—O que poderei então fazer por ti?

—Basta-me a vossa amizade.

—E será necessario pedil-a?—Introduzio a mão no poito da camisa e tirou uma medalha

presa a uma corrente de ouro.—E' o retrato de Lucia—disse beijando a effigie—guarda-o, Dalmo, és bom digno de possuil-o.

—E o que vos fará lembrar a belleza de vossa filha?

—Tenho duas imagens semelhantes gravadas no coração... Ainda um favor. Conhecois uma flôr branca, calix aberto e que faz lembrar pela fragrancia doliciosa e alvura a innocencia dos anjos? E' das umbelliferas...

—Angelica?

—Sim! *Angelica!* Era a flôr predilecta de Lucia. Planta-lhe um pé dessa flôr juncto á sepultura; quero que o symbolo da innocencia de sua mãe, vêto o embellezo-lhe o tumulo... Far-me-has osso favor?

—Sem duvida.

Calárão-se por algum tempo, até que Dalmo, fazendo um esforço e com a vóz alterada, cortou o silencio.

—Preoccupa-me um desejo e um pedido que recioo dirigir-vos. A ferida é tão recente, que certo não será licito tocar-lhe.

—Falla, amigo.

Dalmo animou-se como preparado para uma lucta difficil e fallou tranquillo.

—Tendes por demais soffrido dos homons, é

impossível que não tenhais querido esquecer-vos para lembrar-vos sómente de Deos. Não creio, senhor Bruno, que, uma vez pelo menos, esse coração, tão grande para os generosos sentimentos, não se tenha aberto para o perdão...

—Perdoar !

—Sim, perdoar áquelle que seduzio e levou ao tumulto vossa filha.

—Dalmo !—exclamou o velho expandindo-se em um accesso de cólera concontrado, e com a voz cortada do amargor—não avalias o que pedes ! Pede áquelle que perdeu a fortuna e o pão dos filhos o perdão para aquelle que o roubou ; pede áquelle a quem perseguem o descredito e o máo nome o perdão para o calumniador ; pede áquelle que recebeu a punhalada o perdão para o assassino. Mas não me peças perdão para o homem que recebi com os braços abertos e no qual confiei a narração de minha vida, e que depois seduzio....

—Jesus-Christo perdoou aos algoses.

—Jesus-Christo era Deos.

—O martyrio sanctifica.

—Um pai ultrajado nunca perdôa.

—Eia, senhor Bruno, alguma piedade no meio desse odio ; alguma luz moiga como a claridade do céo por essa noite infernal ! Eia ! um

aceto magnanimo que lembre a piedade do Eterno! Por quem é, senhor Bruno! Reparão que esta vida é um segundo e que a eternidade é sempre! Mais uma prova de confiança no céu! Encontrastes homens máos, mas tambem cercá-rão-vos alguns amigos, Sanzio, Mario...

—E tu, Dalmo?

—Nada sou, mas...

—Bem; para os amigos, amor extremo; para os outros, odio, odio de morte!

—E que parte deixais vós á justiça do Deos? Servireis acaso do experimento á virtude humana, ou de instrumento da justiça celeste? Se o visseis com a fronte banhada de sangue e os olhos nadando em lagrimas, curvado sobre a sepultura a implorar um perdão, sentiríeis, apazar do pai ultrajado, tanta piedade como um homem habituado ao lucto e ás lagrimas, teríeis tanta piedade como *um covoiro*! Apesar do tudo seríeis mais sensivel, ou estou certo porque conheço-vos...

—Dalmo,—disse o velho vagarosamente,—tudo perdôo, tudo esqueço, excepto o que estou soffrendo em mim.

Apertárão-se as mãos, como parabons da victoria alcançada.

—Obrigado, senhor Bruno, esperava isso mesmo.

—Que coração tão grande é isso que não consente o resentimento como castigo do criminoso! Dalmo, perdoarias áquelle homem no meo caso?

—E não lhe perdoei já?

—Mas tu...

—Crêdo que compartilhei as vossas dôres como as de um pai ou irmão.

—E' certo.

O dialogo esmoreceo por algum tempo; tudo estava consoguido de uma parte e concedido de outra: a obra santa do perdão estava concluida.

—A noite caminha, o hojo mesmo deixarei esta cidade; é mister que nos separemos...

Um soluço embargou a vóz do mancebo.

—Dalmo!

—Não sei se ser-vos-ha dado gosar venturas na terra; mas acredito que as saudades na vólhice consolão: o quem conta, como vós, um passado em que por entre espinhos desabrochárão as flores viçosas do amor, da amizade e da sciencia, não poderá deixar de sentir saudades. Ellas são o rócio que fecunda a esterilidade e povôa a solidão da existencia.

Abriu os braços para o velho, que deixou-se estreitar n'elles.

—Verdadeiro orvalho do céu são as voses que pronuncias. D'ora em diante não serei mais do que um desses monges, que a sociedade conta em seu seio, os quaes vivem tristes e sós... Amanhan começarei a navegar entre dous tumulos. Para qual d'elles caminharei, que me faça esquecer a dôr de deixar o que ficou atrás de mim? Em qualquer d'elles sei eu que encontrarei apenas ossos e cinzas. Condemnárão-me a amar o marmore... Eu voltarei para beijar os ossos de Lucia!

—Talvez eu ainda esteja em S. Paulo.

—Quero escrever-te da patria; qual o vosso endereço? É o vosso apenas esse nome sympathico, que me disseste?

—Não: esse é um appellido academico.

Apresentou um cartão ao velho; este á luz escassa e oscillante de um lampião o com os olhos fatigados da insomnia o pranto, apenas pôde distinguir entre quatro as duas ultimas iniciais C. V.

—Bem: este bilhete servirá para mostrar aos poucos amigos mais um, o para ter gravado no coração um nome d'America.

—Adeos, senhor Bruno!

—Dalmo! Deos ha de proteger-to. Doo-to olle bastante coragem para supportaros as dôres albeias: será isso um lenitivo para as proprias.

Abraçárão-se estroitamente: o velho tomou uma das mãos do mancebo, o sem que este podesse obstar, depóz sobre ella um boijo.

—Senhor....

—É a gratidão.

Abraçárão-se outra vez o Dalmo partio.

Desceco trémulo a escada o sentou-se no boto suspirando.

—Dalmo! a flôr branca perto do tumulo....

—Juro-vos!

—Adeos!

—Adoos.

A pequena embarcação affastou-se rapidamente do costado do vapôr.

O horisonte tornava-se mais claro, e uma briza fresca agitava as aguas.

Um dosromeiros entoou a seguinte estrophe de uma canção maritima:

No mar só ha folgares,  
No mar só ha venturas:  
Em terra ha só pezares,  
Em terra só amarguras!

—Quem inventou essa cantiga, camarada? perguntou Dalmo.

—Patrão, foi um homem que morreo n'uma tempestade.

—Estou certo que n'esta occasião elle não achou verdade nos versos.

—Dizem que morreo cantando isto mesmo o rindo-se dos que choravão do triste fim que ião ter.

Dalmo meditava, em quanto o remeiro cantava as outras estrophes.

Um bote, que ia em direcção contraria, passou tão perto daquello em que estava Dalmo, que este reconheceo na pópa o conego.

—Pára !

--Pára !

Os botes unirão-se.

—Então, para onde ?

—Para o vapôr a lançar-mo aos pés do homem a quem ultrajei.

—Não é necessario; o perdão está concodido.

—E quem lh'o pediu ?

—Eu.

—Obrigado, Dalmo.

—Não lhu appareças; não queiras avivar a ferida que ainda sangra.

—Juro-to. Eu tambem partirei ámanhan, e aquello navio levará dous infelizes...

—Para onde sogues ?

—Para o norte. O cholora coifa a população, o eu jurei estar sempre entre os infelizes.

—Padre, até sempre.

—Dalmo, agora crein quo ha anjos na terra.

—Não; ha apenas quem amo a virtude.

Os esoclores separarão-se.

Momentos depois Dalmo desombarcava o portia.

Para onde? Certamente para a cidade academica, ondo o estudante, apesar do heróo, está sujeito a perder um anno de estudos tendo quaronta pontos, e Dalmo tem sempre muitos pontos.

Apesar disso, porém, á noite caminha sempre, e é possivel ter colbido novos mysterios. Se eu souber de algum, contal o-hei ao leitor em outro livro, embora Dalmo se offenda com isso.

FIM

## ERRATAS.

---

Página—16—	linha—21—	em	vez	de— <del>ella</del> —	leia-se— <del>ella</del>
» 28	» 18		»	um fulgor—	com um fulgor.
» 44	» 8		»	lampada—	alampada.
» 67	» 8		»	os—	as.
» 69	» 6		»	no—	n'um.
» 72	» 5			depois da palavra mezes	accrescente-se—
					separão-se.
» 117	» 19		»	rorejvão—	rorejvão.
» 119	» 3		»	tendes—	tens.
» 122	» 24		»	do coração—	ao coração.
» 183	» 18		»	vosso—	teu.
» »	» 16		»	»	»

E outras que a intelligencia do leitor emendará sem esforço.

---